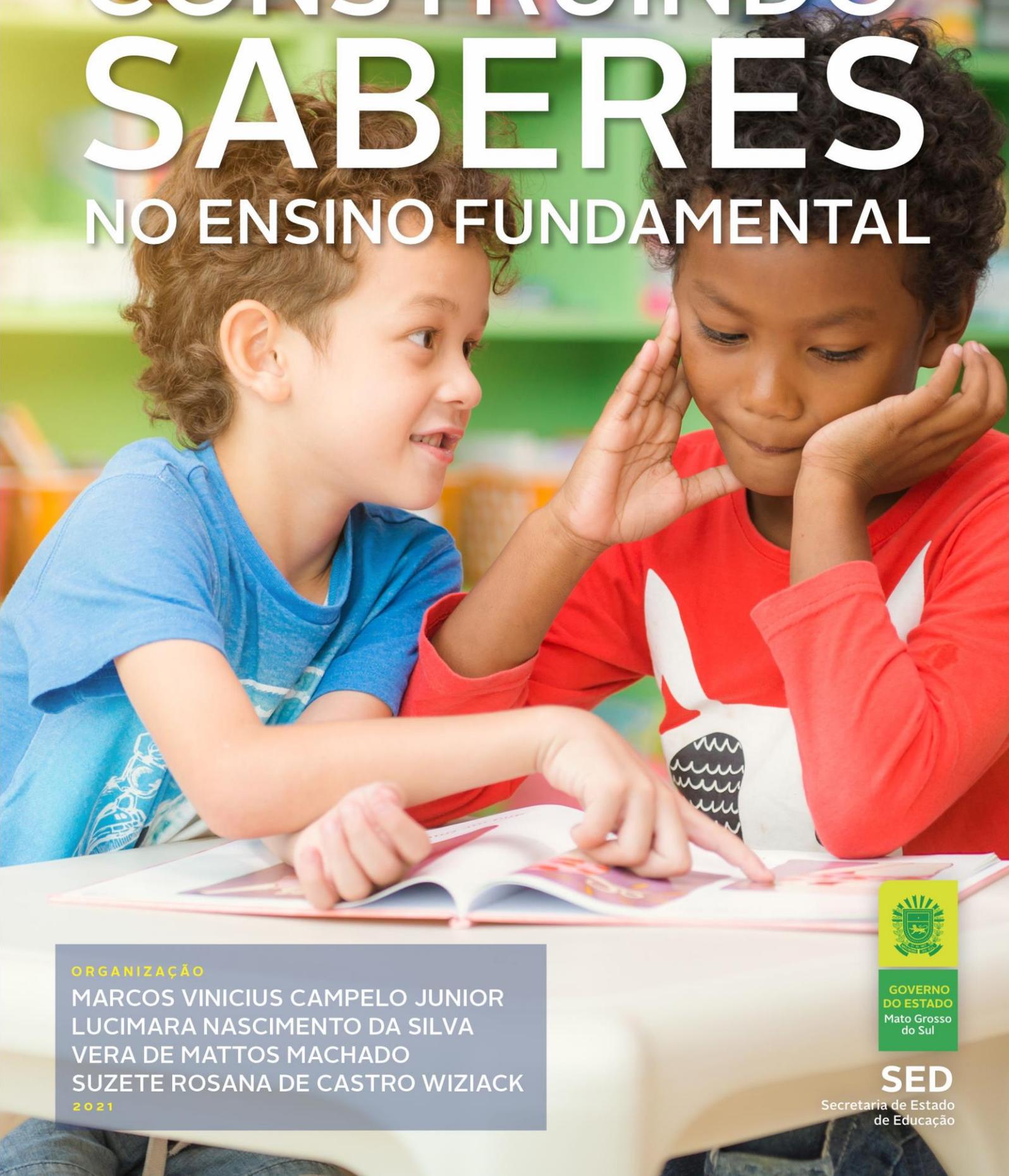


CIÊNCIAS HUMANAS

CONSTRUINDO SABERES NO ENSINO FUNDAMENTAL



ORGANIZAÇÃO

MARCOS VINICIUS CAMPELO JUNIOR
LUCIMARA NASCIMENTO DA SILVA
VERA DE MATTOS MACHADO
SUZETE ROSANA DE CASTRO WIZIACK

2021



GOVERNO
DO ESTADO
Mato Grosso
do Sul

SED

Secretaria de Estado
de Educação

CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO: CONSTRUINDO SABERES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Elaboração e produção

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul – SED-MS

Organização

Lucimara Nascimento da Silva
Marcos Vinicius Campelo Júnior
Suzete Rosana de Castro Wiziack
Vera de Mattos Machado

Comissão Editorial

COMISSÃO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CEEA/SED/MS

Cláudia Rodrigues Gonçalves
Edione Maria Lazzari
Eleida da Silva Arce Adamiski
Fábio Cesar dos Santos
José Flávio Rodrigues Siqueira
Lucimara Nascimento da Silva
Luiz Henrique Orelhado Valverde
Marcos Vinicius Campelo Junior
Sirlei Reinhoez
Sonilene Paes
Tania Milene Nugoli Moraes
Tiago Green de Freitas
Vinicius Varzim Cabistany
José Augusto da Silva

Projeto gráfico e capa

Cezinha Galhardo
Assessoria de Comunicação – SED-MS
Foto: Shutterstock

Conselho

CientíficoPPGENSCIENCIAS/INFI/UFMS

Alessandra dos Santos Olmedo
Arlinda Montalvão de Oliveira
Cátia Fabiane Reis Castro de Oliveira
Ester Tartarotti
Laura Roseli Pael Duarte
Maria Helena Pereira Vieira Nádía Cristina
Guimarães Errobidart
Zielma de Andrade Lopes

Conselho Científico Convidado

Daniel Cardoso Brandão (IFAM)
Edson Batista da Silva (UEG)
Taciano Peres Ferreira (UFT)
Wilson Clério Paulus (UEG)

Revisão Textual

Natália Gabrieli dos Santos Fagundes Euzébio

Todos os textos são de completa
responsabilidade de seus
respectivos autores.

M433c Mato Grosso do Sul (Estado). Secretaria de Estado de Educação

Ciências humanas: construindo saberes no ensino fundamental / Organizadores
Marcos Vinicius Campelo Junior; Lucimara Nascimento da Silva; Vera de Mattos
Machado; Suzete Rosana de Castro Wiziack. Campo Grande : SED, 2021.

139p. : il. ; 21 x 29,7 cm

ISBN 978-65-88366-03-5

1. Ciências humanas. 2. Educação – MS. 3. Ensino fundamental – MS. 4.
Cultura – MS. I. Campelo Junior, Marcos Vinicius, org. II. Silva, Lucimara Nascimento da,
org. III. Machado, Vera de Mattos, org. V. Wiziack, Suzete Rosana de Castro. Título.

CDD 371.3

Governo do Estado de Mato Grosso do Sul

Secretaria de Estado de Educação

Superintendência de Políticas Educacionais - SUPED

Coordenadoria de Políticas para o Ensino Fundamental - COPEF

Reinaldo Azambuja

Governador

Murilo Zauith

Vice-Governador

Maria Cecília Amendola da Motta

Secretária de Estado de Educação

Edio Antonio Resende de Castro

Secretário-Adjunto de Estado de Educação

Helio Queiroz Daher

Superintendente de Políticas Educacionais

Eleida da Silva Arce Adamiski

Coordenadora de Políticas para o Ensino Fundamental

SUMÁRIO

Para iniciarmos	06
Apresentação	07
A cultura de Mato Grosso do Sul <i>Nelson Alves Ribeiro</i>	09
Amazônia: territórios imaginários, mímicas e sons <i>Wagner Goulart</i>	12
A Educação Integral e o professor de Geografia: transmitindo saberes e produzindo conhecimento <i>Lidiane Cabral Edvirges</i>	17
A cultura sul-mato-grossense fronteiriça expressa em versos poéticos <i>Patrícia Lima Figueiredo Ortelhado</i>	25
Bullying: vai além de uma brincadeira sem graça <i>Vania Harthcopf de Oliveira</i>	33
Brasil, meu Brasil africano: a exaltação da cultura afro-brasileira através da fotografia <i>Cesar Augusto Floriano dos Santos</i> <i>Andréa Aparecida Pires de Macedo Machado</i>	37
Conflitos socioambientais como uma proposta de intervenção ao protagonismo juvenil: um olhar para as relações espaciais sob a perspectiva do pensamento crítico <i>Luiz Henrique Ortelhado Valverde</i> <i>Luiz Eduardo da Silva</i> <i>Marcos Vinicius Campelo Junior</i>	42
Educação em Direitos Humanos: direitos fundamentais e a defesa da dignidade humana <i>Rita de Cássia Monteiro Soares</i>	48
Escola dos meus sonhos <i>Simone Aparecida dos Santos</i> <i>Yara de Lourdes Prado</i>	52
História na teoria e na prática – o resultado de uma experiência com turmas dos nonos anos <i>Rafael Mascarenhas Matos</i>	58

História de Campo Grande <i>Heloisa Mafalda da Cruz Lucena</i> <i>Mariene Ferreira Fernandes</i>	63
Intervenções da psicologia educacional em tempos de pandemia <i>Alessandra dos Santos Olmedo</i> <i>Sirley dos Santos G. Bernardo</i>	68
Máscaras africanas em papel machê <i>Ercília de Souza Estigarribia</i> <i>Alessandra dos Santos Olmedo</i>	73
Narrativas imersivas em ciências humanas – trabalhando com role-playing game – RPG <i>Luana Oliveira Alves</i>	77
O processo de ensino e aprendizagem de história no Ensino Fundamental do sétimo ano: o período da quarentena (2020) <i>Angelica de Souza Medeiros</i> <i>Daiane Stefane Lima Antunes</i> <i>David Rodrigues Santana</i>	81
Os detetives da história de Campo Grande <i>Fabiana Christine Ferreira Rocha</i>	86
Projeto histórias quilombolas <i>Marilu Ribeiro</i>	90
Projeto Coronavírus: relato de experiência vivida na Escola Estadual Carmelita CanaleRebuá <i>Vanessa Ozório Duarte da Si</i>	96
Relações de gênero no espaço/tempo escolar <i>Lucimara Nascimento da Silva</i>	101
Reflexões sobre o papel da mulher na sociedade <i>Lisiane Borges de Melo Basso</i>	107
Territorialidades na fronteira Brasil/Bolívia: percepções culturais sobre a educação geográfica e de fronteira em Corumbá-MS <i>Érica dos Santos Oliveira</i>	112
Trabalhando a alimentação saudável <i>Marilu Ribeiro</i>	120
Visita ao museu de arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MUARQ/UFMS) <i>Elizabeth de Fatima da Silva Mattas</i>	129
Conhecendo os organizadores	137

PARA INICIARMOS...

A área das Ciências Humanas possui um papel relevante na vida dos estudantes da Educação Básica. Desse modo, pois os componentes curriculares dessa área possibilitam o desenvolvimento da capacidade de análise, interpretação e sistematização da sua realidade social.

No ensino fundamental, os saberes das diferentes linguagens trabalhadas entre os educadores e os estudantes propiciam a percepção crítica de fenômenos sociais e da natureza e, especialmente, a relação desses com o espaço e com o tempo para que seja possível compreender as relações sociais, políticas, culturais e econômicas presentes no cotidiano.

Assim, como é explicitado no Currículo de Referência do Ensino Fundamental de MS, os conhecimentos produzidos nos ambientes de aprendizagem a partir das Ciências Humanas devem favorecer o desenvolvimento de habilidades que capacitem os estudantes a refletirem sobre sua sociedade, seu meio e seu mundo, compreendendo a complexidade da diversidade cultural em diferentes tempos históricos e, ao refletirem sobre essas questões pertinentes à sociedade, possam perceber-se como indivíduos responsáveis pela história da sua família, da sua comunidade e do seu mundo.

Maria Cecília Amendola da Motta
SECRETÁRIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL

APRESENTAÇÃO

Este e-book apresenta ações educativas voltadas aos componentes curriculares de Ciências Humanas (Geografia, História, Pesquisa e Aventura, Projeto de Vida e Eletiva III), realizadas em turmas do 1º ao 9º ano da etapa de Ensino Fundamental na Rede Estadual de Mato Grosso do Sul (REE-MS). Essas ações educativas foram organizadas em relatos de experiências com a participação de professores e de estudantes da rede.

A iniciativa da produção do e-book partiu dos professores técnicos especialistas do currículo do Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino, que atuam na Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul. As ações educativas que compõem esta coletânea envolvem os Temas Contemporâneos do Currículo de MS: Estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena; Educação em Direitos Humanos; Saúde, Sexualidade e Gênero, Vida Familiar e Social; Cultura Sul-mato-grossense e diversidade cultural; Cultura Digital; Superação de Discriminações e Preconceitos como Racismo, Sexismo, Homofobia e outros.

Esses temas são importantes de serem trabalhados a partir do Currículo da Educação Básica, uma vez que “a sociedade atual, constantemente em processos de transformação, vem exigindo da educação formal mudanças de paradigmas no que se refere à orientação e promoção de valores essenciais à vida, às relações sociais e ao convívio na coletividade” (MATO GROSSO DO SUL, 2020, p. 35). Assim, em sala de aula ou nos espaços de aprendizagem escolar, torna-se imprescindível a formação ética dos sujeitos, muito além de garantir o trabalho dessas temáticas nos documentos oficiais – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Diretrizes Nacionais Gerais para Educação Básica, – sendo que esses devem permear o currículo em todos os componentes e anos escolares, contemplando as características regionais e locais do Estado de Mato Grosso do Sul.

Esta publicação, com registro na Biblioteca Nacional (ISBN), disponibiliza a todos os interessados um conjunto das experiências vivenciadas pelos professores junto aos estudantes, como forma de estimular e divulgar a pesquisa, a produção de conhecimentos relacionados às temáticas em questão, incentivo à apropriação de instrumentos pedagógicos e metodológicos que aprimorem a prática docente e a cidadania, validadas por estudiosos e pesquisadores das Ciências Humanas em parceria com o Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Dessa forma, parabenizamos os professores que enviaram seus relatos de experiências, os gestores e coordenadores escolares de Mato Grosso do Sul pela iniciativa de incentivar e apoiar os temas contemporâneos no cotidiano escolar. Não apenas por cumprir a legislação vigente, mas, sobretudo, por garantir a educação integral dos estudantes ao disseminar a construção de conhecimentos que possam difundir a ética e valores sociais, em prol de uma sociedade mais humana.

Eleida da Silva Arce Adamiski

COORDENADORA DE POLÍTICAS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL
COPEF/SUPED/SED-MS

Helio Queiroz Daher

SUPERINTENDENTE DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS
SUPED/SED-MS

A CULTURA DE MATO GROSSO DO SUL

Nelson Alves Ribeiro¹

INTRODUÇÃO

O trabalho foi realizado na **Escola Estadual João Carlos Flores**, no Ensino Fundamental na **disciplina de Eletiva III**, alinhado com as competências gerais da BNCC e Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul. Dentre as competências trabalhadas podemos destacar: “Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade”. Que foram aplicados no 9º (nono) ano do Ensino de Tempo Integral, com conteúdo: A Cultura do Mato Grosso do Sul, sua diversidade e suas especificidades, contendo os principais componentes da genética encontrados no Mato Grosso do Sul (etnias), com objetivo de divulgar e conscientizar a cultura do nosso município, pautados em valores e ideais que solidifica nossa cultura, passando de geração para geração, direcionados pelo portal do Governo de Mato Grosso do Sul, com o objetivo de divulgar as ações educativas voltadas aos componentes curriculares de Ciências Humanas (Geografia, História e Eletiva III) realizadas nas turmas do 1º ao 9º anos de Ensino Fundamental da Rede Estadual de Ensino no ano de 2020.

METODOLOGIA

Deu-se início ao trabalho na Escola Estadual João Carlos Flores, no 9º Ano no decorrer do segundo e terceiro bimestres, envolvendo planos de aulas adaptados em todo o período da pandemia da COVID-19, com pesquisas midiáticas disponíveis no Portal do Governo Mato Grosso do Sul, na aba Cultura de MS (<http://www.ms.gov.br/a-cultura-de-ms/> acesso em 18 de set. de 2020), aulas online, expositivas, com textos complementares, registros no caderno e vídeos sobre a diversidade dos povos que habitam em nosso Mato Grosso do Sul.

Além dos principais povos vizinhos paraguaios, bolivianos e gaúchos que abriram a fronteira e construíram as cidades circunvizinhas, temos também os japoneses que contribuíram e tiveram grande influência na culinária do Mato Grosso do Sul.

De acordo com o Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul, 2020, página 25, segundo o Censo do IBGE do ano de 2010, o Estado de Mato Grosso do Sul possui a segunda maior população indígena do país, com cerca de 77.025 indígenas, distribuídos em 75 aldeias (dados

¹Escola Estadual João Carlos flores-nelson.484803@edutec.sed.ms.gov.br.

DSEI/Funasa-MS-2015), localizadas em 27 municípios, representados por oito etnias oficiais: Atikum, Guató, Guarani, Kaiowá, Kinikinau, Kadwéu, Ofaié e Terena. Cada um desses grupos étnicos é um conjunto cultural único, com suas tradições, manifestações culturais e línguas. São quatro troncos linguísticos encontrados no Estado de Mato Grosso do Sul: Tupi-Guarani, Macro Jê, Arúak e Guaikuru.

As migrações de contingentes oriundos dos Estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo, as imigrações de países, como Alemanha, Espanha, Itália, Japão, Paraguai, Bolívia, Portugal, Síria e Líbano foram fundamentais para o povoamento de Mato Grosso do Sul e marcaram a fisionomia dessa região. O Estado também recebeu ciclos migratórios de quilombolas remanescentes de Minas Gerais e Goiás, que também foram responsáveis pela formação socioeconômica, e atualmente, estão distribuídos em vinte e duas comunidades quilombolas, que mantêm suas práticas culturais.

Foram realizados relatórios, entrevistas e estudos de caso com a participação dos familiares e comunidade local, utilizando pesquisas midiáticas com esclarecimentos, plantões e tira-dúvidas via plataforma e WhatsApp, com etapas a serem cumpridas diante dos questionamentos que surgiram ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Todas as atividades foram estritamente planejadas para desenvolver habilidades socioeducativas, para expandir o assunto abordado com coesão e coerência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esperava-se que os estudantes obtivessem real conhecimento no que se refere à cultura do meio no qual estão inseridos, fato este observado nas devolutivas de atividades feitas, como: trabalhos lúdicos e pesquisas escritas.

Nota-se que a grande maioria dos estudantes vivencia mas desconhece um pouco da cultura local inserida, exceto aqueles que foram nascidos e criados no MS, a exemplo disso a culinária e dança. Fato marcante este, gerou resultados exitosos, foi a participação mesmo em época de pandemia, com devolutivas significativas e respostas exitosas, envaidecido por ser membro deste tão maravilhoso estado do Mato Grosso do Sul. As descobertas foram muitas, as quais foram abordados os cantores da região, comidas, artesanatos e danças.

As dificuldades pautadas neste trabalho foram pontuadas de acordo com a pandemia, foi a falta de reunir em grupos e trocar informações, sempre tendo o professor como mediador nesta jornada que tivemos para buscar informações e troca de conhecimento, porque nem todos os estudantes são contemplados com a tecnologia hoje tão necessária. As possibilidades são as mais diversas como por exemplo: Visitas ao museu e pontos históricos da cidade. Para nos aprofundarmos neste assunto as reflexões são as mais diversas: troca de experiências com aulas expositivas, seminários, cartazes para desenvolver o conhecimento na construção do saber

como o estudante sendo protagonista deste conhecimento numa escola segundo o tão renomado Pedagogo, Teólogo, Rubens Alves em **Por uma educação romântica**, (2008b, p. 29).

Porque a essência dos pássaros é o vôo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (...) O sujeito da educação é o corpo, porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver. (...) O sujeito da educação é o corpo, porque é nele que está a vida. É o corpo que quer aprender para poder viver. É ele que dá as ordens. A inteligência é um instrumento do corpo cuja função é ajudá-lo a viver (ALVES, 2008b, p. 29).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho ora apresentado foi exitoso, considerando as dificuldades enfrentadas. Podemos afirmar que os objetivos foram alcançados dentro do planejamento feito, dentre eles a pesquisa e registros dos estudantes pautados em estudo de caso e conhecimento da cultura do Mato Grosso do Sul.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. 7, ed. Campinas: Papyrus, 2008b. 207p.

GOVERNO DE MATO GROSSO DO SUL. **Cultura do MS**. Disponível em <<http://www.ms.gov.br/a-cultura-de-ms/>> Acesso em 20 ago. 2020.

MATO GROSSO DO SUL. DAHER, Hélio; FRANÇA, Kalícia de Brito; CABRAL, Manuelina Martins da Silva Arantes (Orgs.) **Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental**. Campo Grande: SED, 2019. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Curr%C3%ADculo-MS-V26.pdf> Acesso em: 28 fev. 2020.

AMAZÔNIA: TERRITÓRIOS IMAGINÁRIOS, MÍMICAS E SONS

Wagner Goulart²

INTRODUÇÃO

Este relato experiência visa apresentar a atividade pedagógica desenvolvida com turmas do 7º Ano do Ensino Fundamental das escolas Ramona da Silva Pedroso e ProfºAlício Araújo nos anos de 2018 e 2019, tendo como objetivo central a **educação ambiental** a partir do tema gerador que foram as **dinâmicas socioeconômicas e ambientais da Amazônia**, utilizando da proposta de realizar de uma encenação por meio de mímicas (gestos), sons vocais (exceto falas) e efeitos sonoros para ambientação.

A proposta surge em 2018, inicialmente, da necessidade de elaborar uma atividade que possibilitasse a inclusão de um estudante com deficiência auditiva pertencente a uma das turmas da Escola Estadual ProfºAlício Araújo. Na busca por material, encontramos no site Youtube o vídeo intitulado *AMAZÔNIA(em libras) #45*, postado pelo canal *Vem Comigo!* produzido pelo autor Anderson Bruno, que apresenta a história de um possível pesquisador biólogo que adentra a floresta amazônica para registrar e estudar cantos dos pássaros, bem como imagens da fauna em geral. Todavia, o mesmo se depara com atrocidades contra povos indígenas e crimes ambientais desencadeados por um garimpo ilegal. O autor apresenta a narrativa da história se valendo apenas de mímicas e gestos representando as situações e sons ambientando o território.

Tal vídeo desencadeou a ideia de elaborar uma atividade que envolvesse todos os estudantes em encenações curtas (entre 5 a 10 minutos) referenciados em temas já estudados sobre a Amazônia.

No ano de 2018 estávamos em duas turmas do 7º Ano na Escola Estadual ProfºAlício Araújo e uma na Escola Estadual Ramona da Silva Pedroso. Portanto, foi elaborada essa proposta pensando nas três turmas das duas escolas. Deve-se registrar que havia uma estudante com deficiência cognitiva na mesma turma do estudante com deficiência auditiva (também acompanhada de uma professora de apoio) e um estudante autista na turma da Escola Estadual Ramona da Silva Pedroso. Nos casos dos três estudantes com necessidades especiais, os professores de apoio foram consultados previamente sobre a viabilidade da participação com devido auxílio durante as fases de realização e execução da atividade.

²Escola Estadual Ramona da Silva Pedroso e Escola Estadual Alício Araújo. E-mail: wagnersgoulart@gmail.com.

Também destacamos a presença e auxílio dos acadêmicos Natalia Cassiane dos Santos e Germano Lima Alziro, ambos bolsistas do PIBID de Geografia, na turma da Escola Estadual Ramona da Silva Pedroso. Em 2019 atuamos em duas turmas do 7º Ano, apenas na escola ProfºAlício Araújo.

No que concerne às práticas docentes em sala de aula, Oliveira Jr. (2012) observa que para muitos pesquisadores e professores não é de interesse aplicar o ensino de Geografia como um percurso que leva os estudantes a se informarem sobre o espaço. Mas sim, por meio de outras linguagens, metodologias e “outros percursos”, criar com e nos estudantes pensamentos acerca do espaço geográfico alhures a partir de suas experiências espaciais vividas/percebidas em seus territórios. Assim, a proposta objetivou, além da discussão fundamental sobre educação ambiental voltada à floresta amazônica, agenciar o imaginário geográfico dos estudantes sobre os temas estudados (que sempre estará em processo de construção) e as representações visuais (corpos) e sonoras a partir de histórias criadas por eles próprios, **territorializando-os** (imageticamente), resultando em experimentações múltiplas, tanto dos atores quanto dos espectadores acerca do tema gerador.

Ressaltamos que a atividade foi experimental tanto para nós como para os estudantes, mas julgamos importante propiciar, no processo de ensino e aprendizagem, a experiência inventiva e contextualizadora de temas estudados, interpretando-os/representando-os em uma pequena peça teatral.

METODOLOGIA

Ao elaborar a atividade pedagógica pensamos primeiramente no tempo necessário, nas fases que deveriam ser realizadas e, o mais importante, em como os estudantes poderiam realizá-la (recursos e organizações em grupos), sempre buscando dar autonomia à criação das histórias. Mas sendo um trabalho voltado ao ensino, certamente cabe a nós, como docentes, sermos os agentes provocadores dessas experimentações, os agenciadores, e, inevitavelmente, influenciadores nos resultados produzidos.

Como a atividade demandaria vários processos para sua realização foi destinado o tempo de oito horas/aula, divididas em quatro fases.

A fase 1 (duas horas/aulas) consistia primeiramente em exibir o vídeo AMAZÔNIA (em libras) #45(tempo de duração de 9:22 minutos) na primeira aula e realizar uma discussão com as turmas sobre as interpretações da história. O que entenderam? O que chamou a atenção? Se gostaram? Quais situações foram representadas? Dentre outros aspectos observados.

Após esse momento de interpretação foi apresentada a proposta pedagógica para os estudantes. Em seguida, a turma foi dividida em grupos de 4 a 6 estudantes. Cada grupo deveria escolher um nome para o grupo associado à fauna amazônica e propor temas voltados às

questões estudadas, como por exemplo: as características da fauna e flora do bioma amazônico e seus povos; preservação ambiental; queimadas; invasões de terras indígenas; tráfico de animais silvestres; explorações dos recursos naturais, dentre outros. Na sequência houve a escolha dos temas, se dois ou mais grupos escolhessem o mesmo tema a disputa era definida no jogo “dois ou um”.

A fase 2 (duas horas/aulas) consistiu na elaboração do roteiro. O grupo deveria se reunir e criar a história, e um estudante seria o responsável pela elaboração do roteiro no caderno, pela construção da história (porém todos os demais deveriam copiar o roteiro no caderno depois de terminado). Essa foi a fase mais importante e problemática, pois, na maioria das vezes, ouvimos ou contamos histórias usando palavras, e a criação de um roteiro que descreve as cenas, ações e expressões faciais foi um desafio.

No roteiro deveria constar também os sons a serem utilizados, que poderiam ser reproduzidos por um áudio gravado/baixado via aparelho telefone celular ou pendrive ou realizado oralmente/vocalmente (foram disponibilizados microfone e caixa de som para as reproduções). Apenas na apresentação da peça deveria haver um narrador para contextualizar o Estado e município que se passava a história e a descrição do ambiente do local. Os auxílios aos grupos foram constantes nessa fase por meio de orientação e correções textuais.

Na fase 3 (duas horas/aulas) os grupos foram distribuídos dentro dos vários ambientes disponíveis na escola, buscando propiciar a privacidade para os ensaios. As orientações aos grupos continuaram. O cuidado com a forma como estavam conduzindo os ensaios era preciso para evitar desrespeitos entre si ou com alguma questão moral a ser representada.

A fase 4 (duas horas/aulas) consistia nas apresentações, que seguia a ordem de escolha dos temas. Mesmo ocorrendo alguns imprevistos, como estudantes que faltaram no dia, ou em outra fase e estavam perdidos, problemas técnicos, dentre outros, as apresentações aconteceram dentro dos prazos previstos. Somente em alguns casos tivemos que adiar.

Esses momentos de culminâncias das encenações sempre foram antecidos de incentivo e distribuição de deveres para cada estudante do grupo, visando à participação de todos em alguma fase do processo de construção da encenação. A sala era preparada como em um teatro e os estudantes assumiram as ações.

Após as apresentações, o grupo todo deveria vir até a frente para serem parabenizados e em seguida iniciamos perguntas para os espectadores sobre o que entenderam da história, quais elementos chamaram a atenção, se compreenderam o tema do grupo, se reconheceram os personagens e quais as imagens surgiram sobre a Amazônia. Após as falas, os integrantes do grupo eram questionados se concordavam com as análises apresentadas pelos colegas. Em alguns casos houveram debates calorosos sobre os temas.

A forma de avaliação nesse contexto foi processual, analisando a participação dos estudantes nas quatro fases e sua dedicação na realização da atividade. Outro aspecto importante é a possibilidade de avaliar de maneira variada cada estudante do grupo, pois um tinha uma habilidade textual, outro mais de expressão, outro mais criativo. Foi uma experiência com potencial enriquecedor para o processo de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades socioemocionais dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do exposto, acreditamos que a atividade pedagógica tem uma potencialidade fantástica para trabalhar temas múltiplos, e de forma interdisciplinar, exercitando habilidades lúdicas, psicomotoras e cognitivas dos estudantes. Inclusive salientando seu potencial inclusivo, pois todos os estudantes com necessidades especiais realizaram as atividades, e os três atuaram nas encenações.

Realizar esse tipo de atividade proporcionou aos estudantes um exercício de imaginação importante. Como dizia o grande poeta Manoel de Barros "O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê, é preciso transver o mundo" (Barros, 2010, p. 325). Vários descreveram que viram o espaço, o território sendo construído por suas imaginações. Se emocionaram em alguns casos com o tema invasão de terras indígenas, queimadas e tráfico de animais. Em outros momentos deram muitas gargalhadas. Mas todos estávamos imersos na temática maior sobre as questões que envolvem a Amazônia, suas belezas, desafios e questões socioambientais graves que permeiam a temática.

Como percebemos o mundo pelos sentidos, mediados pelas linguagens, nos tornamos seres intensivos e extensivos, sendo "tocados" pelas representações territorializadas. Esse é um ponto interessante para se pensar: a representação. Acreditamos que alguns estudantes interpretam as cenas, os sons, as mímicas não como mais uma representação sobre um tema, mas como representações do "real", como representações "verdadeiras", ser o mesmo que. Por isso tivemos o cuidado de alertá-los sobre essa confusão de crer ser o mesmo que é diferente de estar no lugar de (não que exista um real que preceda a representação, ou que haja um real fora da linguagem, mas essa é uma discussão filosófica que não cabe ao momento).

É interessante perceber como os estudantes criaram um espaço de aprendizado por meio das encenações. Um espaço atravessado por várias territorialidades e lugares, um entre-lugar. A nossa relação topológica com o local e a significação dos fenômenos ali desenvolvidos, associados a uma percepção escalar, efetivam o lugar (SANTOS, 2007) e, conseqüentemente, projetam o espaço, em nosso contexto, o espaço amazônico representado pelos estudantes a partir de seus imaginários, memórias e sensações.

Para a geógrafa Doreen Massey (2004) é essencial pensar o espaço pelo conceito do Entre-Lugar:

Trata-se de uma proposta para reconhecer o espaço como a esfera do encontro, ou não, dessas trajetórias - onde elas coexistem, afetam uma a outra, lutam. O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno. O espaço, para repetir mais uma vez, é o produto de inter-relações (MASSEY, 2004, p. 17).

As inter-relações estão destacadas nas citações de Massey se efetivam em nosso dia a dia, no cotidiano, inclusive em sala de aula. Os estudantes foram os vetores das inter-relações que se inter cruzam entre a Amazônia, os conteúdos estudados, suas invenções, atuações e interpretações dos espectadores. Por isso a necessária percepção de se reconhecer no entre-lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esse tipo de atividade que desloca a percepção dos estudantes, que os forcem a criar representações sobre territórios tão distintos dos vividos e distantes fisicamente é um exercício importante. O ouvir, o olhar, o sentir e o pensar não podem ser encarados como faculdades totalmente independentes no campo do ensino. Tais sentidos e mecanismos perceptivos complementam-se e servem como agenciadores de sensações no processo de criação do pensamento geográfico. Portanto, julgamos que a atividade descrita neste texto é um recurso didático que potencializa tanto a fixação de conteúdo, a conscientização ambiental, a inventividade, a capacidade de organização e liderança (em alguns casos) como habilidades socioemocionais.

REFERÊNCIAS

- BARROS, M. **Manoel de Barros: Poesia completa - O livro sobre nada**. Ed. Leya. P. 325. São Paulo, 2010.
- MASSEY, D. **Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações**. Revista GEOgraphia, ano 6, n. 12, p. 7-23, 2004.
- OLIVEIRA, Jr. W. M. **Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar**. Revista Geografares, n°12, p.01-49, Julho, 2012.
- SANTOS, D. **O que é Geografia?** Inédito, 2007.

A EDUCAÇÃO INTEGRAL E O PROFESSOR DE GEOGRAFIA: TRANSMITINDO SABERES E PRODUZINDO CONHECIMENTO

Lidiane Cabral Edvirges³

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência propõe-se a fazer uma breve discussão sobre a atuação nas escolas integrais de ensino fundamental e médio na proposta de formação do estudante pesquisador. Os professores, nesse contexto, passam por um processo de aperfeiçoamento dos saberes com o objetivo de assegurar um ensino de melhor qualidade aos educandos, principalmente no que é pertinente à nova metodologia aplicada nas escolas da rede estadual de ensino, o programa Escola da Autoria – Educar para a pesquisa.

A formação docente é um processo constituído de várias fases, inicia-se na graduação e é construído na vivência profissional do cotidiano escolar de maneira constante e contínua, por meio de estudos, pesquisa, reflexão e ação sobre a prática.

A educação integral é uma proposta educacional que expande a compreensão de educação para além dos conteúdos do currículo acadêmico, ela leva os estudantes a perceberem e aplicarem o que aprendem na escola para sua vida, sua casa, sua família.

Dessa forma, implica um novo olhar do profissional da educação, no qual os papéis da escola, dos conhecimentos escolares e dos professores precisam ser repensados, para garantir que esse conhecimento protagonizado pelos estudantes seja efetivamente construído. Nesse novo cenário, todas as pessoas envolvidas nas atividades e relações educativas se tornam educadores.

Pensando assim, podemos nos enxergar como agentes conciliadores do conhecimento científico e do conhecimento prático, cotidiano. Como interlocutores de uma rede de informações de senso comum que deve ser transformada, por meio da pesquisa, em saberes científicos.

³Escola Estadual Emydio Campos Widal - e-mail: lidiane.99527@edutec.sed.ms.gov.br

Nesse contexto, as atividades de formação de professores podiam ser ampliadas e também oferecidas a todos os profissionais que estão em contato com os estudantes das escolas integrais, é necessário que todos os trabalhadores da educação – gestores, professores, coordenadores pedagógicos, monitores, educadores comunitários, funcionários – tenham a oportunidade de vivenciar processos de formação continuada, a fim de que possam refletir sobre suas concepções e ideias acerca da educação, possibilitando as mudanças necessárias à realização efetiva das propostas e das atividades que são realizadas na escola, e que a partir disto o desenvolvimento integral dos sujeitos seja eficiente na construção do cidadão ciente da sua capacidade de transformação, através da ciência, seja ela humana, biológica ou exata, do meio onde vive.

A ESCOLA INTEGRAL E O ENSINO DE GEOGRAFIA

O estudante do século XXI é antenado e tem acesso a informações que podem fazê-lo rever o seu relacionamento com o meio ambiente, ele estuda as consequências de sua interação desmedida com a natureza e precisa de uma mediação para construir pontes entre sua vida particular e aquilo que absorve por meio da escola e das mídias as quais tem acesso.

A globalização aproxima, e isso determina diante dos conhecimentos escolares o protagonismo juvenil incentivado pelas escolas de ensino integral e que se norteiam pelas diretrizes do modelo Escola da Autoria.

Com tudo isso, a maneira de ensinar a ciência que estuda a Terra e suas transformações também se modifica. A Geografia tem passado por amplas tentativas de renovação para conseguir formar estudantes capazes de compreender as relações entre a sociedade e a natureza. Nessas idas e vindas, foram criados caminhos e, às vezes, também equívocos.

Podemos dizer que hoje existem três perspectivas de ensino que, segundo os especialistas, devem ser trabalhadas de forma complementar para que o espaço - principal objeto de estudo do componente curricular - seja bem compreendido: a perspectiva tradicional, a crítica e a cultural.

Quando o foco da Geografia estava nas descrições físicas dos lugares, os estudos se concentraram em identificar os componentes da paisagem (tipos de vegetação, relevo e clima), o número de habitantes e o nome de cidades e rios importantes que banham a região.

Essa abordagem, chamada de tradicional, era "a ciência dos lugares e não dos homens, acreditava-se que, se os alunos conhecessem as características físicas do território, desenvolveram uma consciência de nação" (CARVALHO, 1998).

Na década de 1960, alguns geógrafos, em especial os franceses, passaram a defender que o estudo deveria se posicionar criticamente frente à realidade e à ordem constituída - e o geógrafo ser um agente de transformação social.

Segundo Carvalho (1998):

Assim, a disciplina se aproximou das ciências políticas, como uma corrente crítica se opondo à tradicional, onde podemos apontar as principais características dessa concepção eram estudar o homem interagindo sobre o meio e conceber as relações sociais e de trabalho como decisivas na transformação do território.

Nela, cabe ao professor mostrar os problemas sociais e, ao mesmo tempo, despertar nos estudantes a consciência sobre seu papel como cidadãos ativos na resolução dos problemas locais e gerais.

Uma das respostas a essa questão veio de pesquisadores que se debruçaram sobre o estudo da Geografia Cultural - corrente criada na Alemanha no fim do século 19. Ela defende um relacionamento mais próximo com ciências, como História, Antropologia, Sociologia, Filosofia e Psicologia, tendo foco na cultura e nas representações que o homem faz de si, dos outros e do espaço.

Segundo Corrêa (2003), "o valor que as pessoas atribuem à mata próxima da casa, ao shopping onde fazem compras ou às praças é levado em conta para retratar a realidade".

Muitos educadores acham que a análise da relação do homem com seu meio aprofunda o conhecimento sobre os territórios. A capacidade dos estudantes de compreender o mundo e dar significado ao que se aprende na disciplina, aproximando o conhecimento escolar das próprias vidas, também seria facilitada.

Esse método aproxima-se muito da ideia de metodologia ativa. Segundo Demo (2009), o professor deve, usando as vivências dos alunos, suas histórias e meio social, coordenar e instruir o trabalho para que esse construa o seu próprio aprendizado.

Afinal, no mundo globalizado são a cultura e as manifestações locais que garantem a noção de pertencimento a um lugar.

Nas escolas brasileiras, a perspectiva tradicional, a crítica e a cultural dividem espaço nas salas de aula. Para falar do rio que passa pela cidade, por exemplo, podemos começar pelo estudo da nascente e dos municípios que ele banha, abordando o conceito de mata ciliar (análise descritiva da perspectiva tradicional); trabalhar o impacto da produção industrial e as dificuldades econômicas dos ribeirinhos (relação entre a economia e as consequências sociais

defendidas pela perspectiva crítica); pedir pesquisas sobre a relação da população com o curso d'água e a importância para a cultura local (objetos de estudo da perspectiva cultural).

FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

O desafio para os profissionais atualmente é se preparar, buscando vivência cultural e formação embasada em teorias, com o domínio das didáticas específicas, para atender a grade curricular. Para que os alunos compreendam as transformações no território e relacionem os conteúdos estudados ao que viram na televisão ou a algo que ocorreu na vizinhança, eles precisam entrar em contato com conceitos estruturantes da área, como paisagem, lugar e território.

Com as mudanças nas metodologias de ensino, muitas práticas foram colocadas em segundo plano, quando ainda deveriam figurar como estratégias de ensino: o uso do livro didático como ferramenta, todas as fontes são úteis para aumentar a percepção do aluno; uso excessivo de desenhos e cópias de mapas, transformar a cartografia em atividade mecânica não é o ideal, os alunos precisam conhecer as formas de continentes, países e estados. Os contornos devem entrar dentro de uma sequência de atividades que garanta a compreensão da cartografia.

Outro item importante é a memorização, é importante que os alunos saibam nomear capitais, estados e rios que banham a região. O uso adequado de práticas pedagógicas dá sentido à memorização.

O uso das mídias favorece e muito o desenvolvimento da disciplina, e tem como uma de suas principais ferramentas a cartografia. Logo, nenhum estudo dessa área será completo se a criança não souber interpretar e produzir mapas, as atividades de cartografia ganham outra dimensão com o uso da tecnologia.

Podemos usar estes programas também no estudo sobre a ocupação de regiões, para visualização de fotos aéreas de São Paulo e de uma cidade africana, por exemplo, que levam à reflexão sobre as diferentes formas de ocupar e organizar o espaço, revelando um pouco da cultura desses lugares.

O planejamento aliado ao uso adequado das mídias e aproveitando-se da facilidade de observação dos estudantes, garante que o esforço de unir as perspectivas tradicional, crítica e cultural na sala de aula, e juntar a elas os recursos adequados para ensinar, têm como finalidade fazer com que o aluno avance nos conhecimentos geográficos e perceba o quanto eles são aplicados no dia-a-dia.

"A ideia é fazer os jovens entenderem que ser cidadão é também ter o sentimento de pertencer a uma realidade na qual as interações entre a sociedade e a natureza formam um todo que está constantemente em transformação", de acordo com Vesentini (2006).

Os livros são fundamentais, pois apresentam, além de informações precisas, imagens para leitura e exploração. Os mapas com representação de cidades e países, as matérias extraídas de jornais e revistas, as maquetes com material disponível nas casas dos alunos. Esses recursos podem ser usados em diferentes situações, ou seja, na sala de aula ou em ambientes abertos (por meio de músicas e desenhos), assim como na organização de diálogos com os familiares dos alunos.

Segundo Vesentini (2006), partindo do pressuposto que a criança precisa aprender a ler, é levado em conta que a leitura é, antes de tudo, um objeto de ensino, é preciso ser sentido do ponto de vista do aluno. É preciso garantir condições para que as crianças aprendam os uma forma de comunicação que pode ser estimulada desde os anos iniciais de escolarização.

A imagem tanto pode ser lida como textos completos, quanto podem completar o sentido do texto verbal ou mesmo ilustrá-lo, estimulando o estudante a ativar o conhecimento prévio, mesmo que no nível do senso comum.

ENSINANDO GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS NA ESCOLA DA AUTORIA

Como ensinar Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Segundo Albuquerque (2013), essa prática é percebida como problemática pelo fato de que ainda é difícil ter a clareza de que geografia pode ser ensinada. Assim podemos dizer que a formação do professor é de fundamental importância para o ensino da Geografia, pois não há como desenvolver metodologias de ensino sem dominar conteúdos específicos da área em estudo.

Durante a realização das atividades ao longo do ano letivo, e priorizando os aspectos de vivência das crianças, o tema abordado pelas pesquisas foi Sustentabilidade, Desmatamento e Poluição das regiões brasileiras; com ênfase ao estado de Mato Grosso do Sul.

O ensino de geografia nos anos iniciais do E.F. é de extrema importância e fornece subsídios para que a criança se situe em seu lugar de vivência, por meio da apreensão da paisagem que ela pode observar, principalmente no caminho da escola para casa e da casa para a escola.

Essa prática, dentro da perspectiva do protagonismo juvenil constrói uma relação entre o estudante e sua concepção de mundo, ele aprende a se relacionar socialmente com outras pessoas de diferentes faixas etárias, ampliando a noção de espaço. Busca relativizar, sem perceber, a organização de sua experiência e expectativa para com o território em que vive.

Nessa perspectiva, a natureza onde a ação dos indivíduos e dos aprendizes, se faz notar nas formas de apropriação do espaço, como a produção da cidade e campo, a construção de vias, os movimentos de população, a produção de resíduos sólidos, os deslocamentos das pessoas para o lazer etc.

Partindo disto, o ensino de Geografia se torna deveras importante, já que por meio de suas atividades de leitura de textos que tratam de suas temáticas, pode auxiliar na alfabetização e no letramento, favorecendo a ampliação do conhecimento do aluno.

O estudo desta disciplina proporciona às crianças em seu nível de conhecimento, um entendimento sobre o lugar em que vivem, podendo fazer relações com outros lugares, pois elas convivem com ambientes (familiar e escolar), questionam e apresentam suas próprias concepções sobre a natureza e a sociedade.

Durante as atividades realizadas para a II Feira Científica e Cultural da Escola da Autoria, as crianças aprenderam no ensino de Geografia a: observar, descrever, representar e construir explicações.

O estímulo de observação para compreender as diferentes manifestações da natureza e a apropriação e transformação dela pela ação de sua coletividade, de seu grupo social, tornou-se muito importante para a sua formação.

Reconhecer semelhanças e diferenças nos modos de diferentes grupos sociais e utilizar essa observação para fazer uma descrição na leitura direta e indireta da paisagem, sobretudo por meio de ilustrações e da linguagem oral, que foi protagonizada pelas crianças durante as explicações de seus trabalhos.

Segundo Fiocco (2016), quando tratamos do conceito de oralidade é necessário entendermos como um gênero discursivo-textual que apresenta inúmeras possibilidades e contribuições para pensar o ensino de geografia articulado à leitura e à escrita na educação básica.

Sendo assim é possível que os estudantes possam reconhecer no seu cotidiano, os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e assim representar os lugares onde vivem.

Partindo disso, pode-se incluir alguns conceitos básicos na vida dos estudantes e que possibilita os mesmos construir seu conhecimento ao longo da vida escolar e social. São eles:

LUGAR: deve ser compreendido na escala de vivência do aluno e na sua formação do horizonte mais próximo de suas práticas cotidianas, isto é, no seu percurso para a escola, por meio de suas brincadeiras, no território específico de sua residência.

PAISAGEM: o que se descortina aos olhos do observador, seja ele o aluno ou o professor, permitindo visualizar as diferenças nas relações da sociedade com a natureza, diferenciando-se a cidade do campo e o estabelecimento industrial da via de circulação: as pessoas dos objetos fixos; os diferentes componentes da vegetação as ondulações do relevo etc.

ESPAÇO: o ambiente global de relações da sociedade e pode ser exemplificado pelo uso da telefonia, pela observação dos aviões em movimento, pelas fotografias que abrangem grandes áreas, pelas imagens de satélite na internet etc.

TERRITÓRIO: se traduz pelas relações de apropriação do espaço, como a propriedade (a casa) onde o aluno vive, as praças como espaços públicos etc.

CONCLUSÕES

O ensino de Geografia apresenta-se como termo fundamental para a inserção dos alunos como protagonistas diante dos objetivos das escolas integrais no que é pertinente para o protagonismo juvenil e a construção do conhecimento pelos alunos.

Durante o ano letivo de 2017, foi possível perceber que a metodologia aplicada a partir das formações, com ênfase nas práticas pedagógicas ativas, proporciona um rico trabalho de envolvimento dos alunos com as temáticas propostas. Já que estas partiam de sua vivência enquanto estudante e cidadão.

Há muito ainda que mudar no ensino, especialmente na Geografia. Tal disciplina estudada na escola, muitas vezes é vista como hierarquicamente inferior às outras, porém a didática transposta a ela que determinará sua transformação social e a potencialidade incrível de aprendizado, através de um conhecimento espacial que guarda informações imprescindíveis para o desenvolvimento econômico, social, político, cultural, ambiental do país.

Portanto, a Geografia tem importantes desafios a superar neste século XXI. Despertar a visão crítica do aluno a partir das constatações é fundamental para o desenvolvimento da disciplina. O conhecimento espacial, que somente a Geografia pode proporcionar, oferece bases para um aprofundamento de tal visão crítica, visto que a realidade é apenas uma, porém, várias interpretações podem ser realizadas e dependerá de cada indivíduo optar por uma que pense ser a mais adequada, levando em consideração suas aspirações, seus objetivos e anseios e suas vivências.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física. M3. ed. Brasília: 2001.

DEMO, Pedro. Aprendizagens e novas tecnologias. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física – ISSN 2175-8093 – Vol. 1, n. 1, p.53-75, Agosto/2009.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução. Vol. 1. 3º ed. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia. Vol. 5. 3º ed. Brasília: MEC/ SEF, 2001.

CALLAI, H. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CALLAI, Helena Copetti, O professor e a geografia ensinada nos anos iniciais. IN: ALBUQUERQUE, Maria Adalgiza Martins, Joseane Abílio de Sousa Ferreira (orgs.) Formação pesquisas e práticas docentes: reformas curriculares em questão. João Pessoa: editora Mídia, 2013.

CARVALHO, Maria Inez de Silva de Souza. Fim de Século: a escola e a Geografia. Ijuí/São Paulo: Ed UNIJUI, 1998.

CORRÊA, LR. ROSENDAHL, Z (org). Introdução à Geografia Cultural/ Organização Roberto Lobato Corrêa e ZenyRosendahl. – Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

FIOCCO, Ketlin Elisa Tomé Venceslau. A oralidade e a elaboração de conceitos no processo de aprendizagem da Geografia na Educação Básica. São Paulo: 2016.

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) A Geografia na sala de aula. 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 14

A CULTURA SUL-MATO- GROSSENSE FRONTEIRIÇA EXPRESSA EM VERSOS POÉTICOS

Patrícia Lima Figueiredo Ortelhado⁴

INTRODUÇÃO

O presente relato sintetiza o processo desenvolvido em turmas do 5º ano do ensino fundamental que resultou em textos escritos em versos. A temática selecionada para os textos é a relação dos alunos com o lugar no qual vivem, isto é, a fronteira entre duas cidades gêmeas: Bela Vista – MS (Brasil) e Bella Vista Norte, no Paraguai. Cabe ressaltar, que uma dessas produções nos levou à final da 6ª edição das Olimpíadas de Língua Portuguesa em São Paulo, iniciativa do Ministério da Educação.

Figura 1 - Turmas A e B, reunidas em passeio externo no dia da culminância do Projeto.



FONTE: ORTELHADO, DEZEMBRO/2019

⁴Escola Estadual Vera Guimarães Loureiro e Escola Estadual Castelo Branco - e-mail: patricia.428076@edutec.sed.ms.gov.br.

O ofício do magistério já nasceu impregnado em mim. Por anos, vivenciei outras trilhas do espaço escolar e da Política de Assistência Social, enquanto pedagoga. Após esse período, retornei para o espaço pujante de diálogo, de afeto, de trocas, do construir-se mutuamente: a sala de aula. Dentro desse ambiente, reforcei a necessidade de uma proposta de ensino e de aprendizagem significativa da leitura e da escrita, mediada pela minha práxis questionadora. Junto dela, existia a certeza de que a prática docente precisa ser baseada em ações e reflexões constantes sobre o ato pedagógico diário. Defendo a perspectiva de que a amorosidade e o diálogo devem estar presentes na relação educador x educando x comunidade e que só uma prática educativa, efetivamente libertadora e emancipatória, pode vencer as mazelas do mundo (FREIRE, 2006).

Na mesma linha, acredito ainda que a importância do processo da leitura e da escrita precisa ser explicitada com eficiência aos discentes, pois:

Se nossas escolas, desde a mais tenra idade de seus alunos se entregassem ao trabalho de estimular neles o gosto da leitura e o da escrita, gosto que continuasse a ser estimulado durante todo o tempo de sua escolaridade, haveria possivelmente um número bastante menor de pós-graduandos falando de sua insegurança ou de sua incapacidade de escrever. (FREIRE, 1997, p.25):

O percurso inicial com o Projeto de Aprendizagem deu-se em 2016, com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual Vera Guimarães Loureiro, após fazer o curso de formação "Leitura vai, escrita vem!" do Programa Escrevendo o Futuro. A formação foi a base para a reflexão de como mediar o processo da leitura e da escrita.

Na Escola Estadual Castelo Branco (EECB), em 2017, assumo o 4º ano e formulo a segunda versão da proposta, direcionando-a para a escrita autoral de contos publicados no Blog. Este espaço digital foi criado com a finalidade de fazer circular os textos autorais dos estudantes na comunidade escolar e foi apresentado na última reunião de Pais e Mestres na escola. Em 2018 retornei à mesma turma de 2017 com a proposta de escrita de poemas, cujo tema foi "Minha escola". As produções resultantes dessa prática em sala de aula também estão disponíveis no blog e revelam o amor poético que os discentes cultivam pelo espaço escolar.

O foco do presente relato é o ano de 2019, quando, após afastamento por licença maternidade, voltei à escola como regente de duas novas turmas de 5º ano, compartilhando conhecimento com 54 estudantes. O Projeto de Aprendizagem elaborado para as turmas de 2019 teve como objetivo central mediar as competências e habilidades de leitura e de escrita dos estudantes. Foi reformulado, após reflexões intensas, com as experiências dos anos anteriores. O intuito era realizar atividades dirigidas e compartilhadas, com foco na escrita de poemas e outros gêneros, na oralidade e na leitura, com fluência e desenvoltura. Souza (2012, p. 21) afirma que, talvez "[...] a infância seja a fase da vida que com mais intensidade se manifesta no ser

humano a sensibilidade para a poesia". Por esse motivo, a faixa etária dos alunos se mostrou potente para os objetivos da proposta.

Para mim, trabalhar com poemas em sala de aula é um momento de ludicidade e de grande prazer para os atores do processo de ensino e aprendizagem, como bem reforça Souza (2012). A grande recompensa do investimento nesse projeto veio no ano de 2019, durante as Olimpíadas de Língua Portuguesa.

Figura 2 - Semifinalistas e finalistas nas Olimpíadas de Língua Portuguesa, 2019.



FONTE: ORTELHADO, 2019

Passamos pelas fases municipal, estadual e nacional, chegando à final da 6ª edição do evento com o poema "Pedacinho da minha nação", do estudante Miguel Medina Soares, com 09 anos quando concluiu seu texto poético. O poema alcançou uma posição entre as vinte melhores produções nacionais. Publicado no compêndio dos textos finalistas, disponível no site das Olimpíadas. Depois dessa vivência, é válido ressaltar neste relato o que Souza (2012) postula ao afirmar que o prazer de mediar o processo é reviver e esperar. Mais uma vez, recorro a Freire (2011, p.14), "Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico", é na esperança que começamos o embate e pela prática consolidamos as conquistas.

METODOLOGIA

O Projeto de Aprendizagem "Leitura vai, escrita vem" foi dividido e executado em etapas ao longo do ano de 2019, as quais apresento resumidas abaixo:

Etapa das atividades semanais de contato com a leitura e a produção textual, na disciplina de Língua Portuguesa. Essa parte do processo constituía-se pela escrita dirigida, em caderno de produção textual, no formato dos mais diversos gêneros: lendas, mitos, relato pessoal, crônica, instrução, carta, folheto, contos, biografia, normas/documentos, convites, panfletos e poemas. Cabe destacar que os textos produzidos pelos alunos contavam sempre com duas versões: escrita e reescrita. A etapa fez parte do Projeto durante os meses em que este perdurou e contou com o monitoramento dos acadêmicos do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que estiveram sob minha orientação.

Figura 3 - Grupo de pesquisa em sua apresentação e Maquete da Igreja de Pedra São Geraldo.



FONTE: ORTELHADO, 2019

A segunda etapa do projeto foi a leitura individual de um livro selecionado no acervo da biblioteca da escola. O procedimento respeitou o ritmo de cada estudante. Ao final de cada bimestre, em grande roda, a turma conta como foi a experiência leitora e quais foram as descobertas ao longo desse processo, através de um relato pessoal oralizado. Essa conversa também aborda os títulos que os estudantes recomendam e o motivo dessa escolha, aspectos catalogados em sua ficha de leitura. O ajudante do dia (convidado para gestão e autonomia dos estudantes na sala) escolhia um conto ou um poema para ler no acolhimento diário em sala de aula. Destarte, a leitura estava sempre presente na rotina escolar. Ademais, em todo final da

aula, era realizada por mim uma leitura de um conto clássico e despertava desejos no docente de ouvir a continuação da história dia a dia em nossos encontros em sala.

A terceira etapa do Projeto teve como tema o "Resgate da história onde vivo" e se concretizou a partir da pesquisa dirigida. O objetivo foi focar no gênero lenda e nas histórias reais, traçando um caminho interdisciplinar com as disciplinas de História e Geografia, trabalhando, ao mesmo tempo, o sentimento de pertencimento dos estudantes em relação ao território que serviria de cenário para a escrita futura do poema.

A proposta foi dividir a sala em grupos para a realização da pesquisa dirigida sobre os pontos históricos da cidade. Em grupos, apresentaram o resultado da investigação em forma de maquetes e a história catalogada contada de forma oral.

Os discentes tiveram como base para pesquisa as obras dos escritores locais Brigidolbanhes e Sydnei Nunes Leite. O primeiro dos autores retrata contos e "causos" da nossa fronteira, enquanto o segundo coloca em voga a história da nossa cidade. Nessa etapa do Projeto, ainda aconteceram momentos de contação de histórias em roda, nos quais os alunos traziam lendas e mitos orais de suas próprias famílias e compartilhavam esses relatos com os colegas, em sala de aula.

Logo após, ocorreu a etapa das oficinas de poemas, cujo tema foi "O lugar onde vivo" com a escolha do texto, pela comissão escolar, que iria representar a escola na competição. Aqui, tudo foi planejado de acordo com as orientações da Olimpíada Brasileira de Língua Portuguesa, evento que acontece a cada dois anos em nosso país, destinado às escolas públicas.

A última etapa do Projeto foi a divulgação dos poemas autorais dos estudantes, com a publicação das produções no blog "Leitura vai, escrita vem!", resultado do planejamento final da proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados nessa experiência compuseram-se por 52 poemas autorais que expressam em versos o amor dos estudantes pelo chão que habitam. Estas produções estão publicadas no blog "Leitura vai, escrita vem!", gerenciado por mim. São escritas autorais que representam o poder criativo de nossos estudantes e a capacidade que possuem de produzir conhecimentos quando os caminhos são orientados, mediados.

Durante todo processo de escrita e reescrita, a preocupação não estava associada à forma dos textos ou às rimas utilizadas pelos discentes. O foco dos poemas estava na pretensão de capturar o leitor, encantando-o com nossa história retratada em versos. A este respeito, Souza (2012) cita Georges Jean, que vive a poesia como forma de si próprio e do mundo que nos

cerca, por meio da experiência corporal. A poesia deve estar no dia a dia da escola. Foi isso que aconteceu na regência desta turma, neste ano de 2019.

Com as oficinas propostas no material das Olimpíadas de Língua Portuguesa foi possível mobilizar o imaginário das crianças: elas foram provocadas e tiveram o suporte necessário para cada reescrita de seu texto. Foram três versões ao todo.

Cidades Irmãs
(Caio Torres Spindula)

*No limite do nosso Brasil
tem uma cidade
dividida por um rio
chamada Bela Vista,
do Mato Grosso
do Sul.*

*Histórias aqui aconteceram...
A guerra marcou a nossa fronteira
Vidas se perderam
ficaram territórios.
Cidades irmãs.
Cidades gêmeas.
Povos históricos
que se orgulham
de suas bandeiras.*

[1

Igreja de Pedra São Geraldo
(Cibele Coronel Rahal)

*É um templo sagrado
uma relíquia do passado.
É uma obra simples
Feita pelos povos, nossos antepassados.*

*Impressiona por sua simplicidade
das pedras cangas
e nas riquezas dos detalhes.*

*É uma emoção
entrar na casa de Deus,
é um lugar tão sagrado.
Igreja de Pedra São Geraldo,
Patrimônio deixado
Para este povo abençoado.
[...]*

Nas produções dos alunos é nítido o pertencimento de cada um ao seu território fronteiriço. Os pontos históricos, a Guerra do Paraguai, as igrejas, as praças, o rio Apa, os bairros, além de nossa cultura, do nosso jeito de viver foram elementos presentes nos textos, como nos trechos de dois poemas apreciados acima, sendo o primeiro da turma A e o segundo da turma B.

O tema escolhido para as produções propiciou aos estudantes o estreitamento dos vínculos com a comunidade. Ao mesmo tempo, a temática possibilitou o aprofundamento do conhecimento sobre a diversidade da cultura local, contribuindo para o fortalecimento da nossa identidade fronteiriça, para o desenvolvimento pleno da cidadania dos estudantes como participantes da comunidade, para a competência leitora e para a escrita autoral dos discentes envolvidos.

Os produtos do Projeto de Aprendizagem não foram apenas os poemas autorais e a presença da comunidade escolar na final das Olimpíadas. Além desses, temos também os produtos do processo: cadernos individuais das produções com escritas autorais de outros gêneros; maquetes dos pontos turísticos; as apresentações orais das maquetes para comunidade; os poemas ilustrados na disciplina de Arte; a ação interdisciplinar no desenvolvimento do projeto; a ficha catalográfica das leituras realizadas durante o ano pelos estudantes; o nível alcançado de proficiência leitora, medido ao longo do ano (comprovando a evolução dos alunos em números

exibidos em gráficos); a análise literária dos próprios poemas autorais, assim como, uma possível publicação.

Por hora, fica a certeza da necessidade da relação dialógica no ato de ensinar e aprender, do respeito à autonomia e à dignidade entre docente e discente refletidos em uma prática problematizadora, que despertou a criticidade e a construção da cidadania nos educandos. Refletidos em cada verso dos poemas produzidos pelos discentes, uma prova viva de que é preciso acreditar, no poder do ato de transformar, presente nas nossas salas de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação do século 21 deve estar baseada no conhecimento aplicado para significar e potencializar o ser, o fazer, o conviver e o aprender. Essa é a visão de uma educação assentada sobre os quatro pilares propostos no relatório da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), redigido por Jacques Delors. Esse documento embasa a proposta pedagógica da EECB.

Como educadora, pude refletir sobre minha práxis em cada abraço e olhares trocados em sala de aula, na vitória de ultrapassar os limites de cada estudante. Sei que é no direito à educação integral que reside a oportunidade de contribuir com o desenvolvimento humano, em todas as suas dimensões, para um viver pleno neste mundo contemporâneo.

Pensar sobre o processo de ensino da poesia, mediado pela cultura sul-mato-grossense nestas páginas, compartilhar com a comunidade os caminhos, nesta publicação, é reafirmar que podemos produzir conhecimento no chão da sala de aula com a poética das palavras para crianças, no espaço escolar. A poesia pode e deve fazer parte do dia a dia de nossas crianças. A primeira etapa do Ensino Fundamental pode vivenciá-la adequando as oficinas das Olimpíadas para o seu contexto escolar, possibilitando aos estudantes o entrelaçamento de suas diversidades culturais em forma de versos poéticos. Os estudantes que participaram da proposta demonstraram, com maestria, um potencial de criar conhecimento, enaltecendo em versos poéticos o chão que vivemos.

Afinal, quem não quer ler um poema sobre a sua cidade? Sobre o pedacinho da sua nação? Miguel Medina Soares conseguiu com tanta perfeição expressar esse amor em sua construção! Poder estar ao seu lado, mediando todo processo foi mágico. E a posição entre os vinte finalistas na categoria poema em uma competição em que as palavras são as protagonistas foram louros de vitória. Os resultados alcançados na proposta pedagógica corroboram a visão de que, mesmo quando "o tempo acelera e pede pressa / Eu me recuso faço hora vou na valsa/ A vida é tão rara". É nessa raridade de viver que o melhor ato pedagógico se expressa. Por fim, afirmo que ensinar com paixão é sempre o caminho da boa lição. A que fica, impregna a alma e o coração.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

SOUZA, Ângela Leite de. Alguns dedos de prosa sobre poesia. In: CUNHA, Leo (Org.). **Poesia para crianças**: conceitos, tendências e práticas. Ministério da Educação: FNDE/PNBE Professor: Piá, 2012.

BULLYING: VAI ALÉM DE UMA BRINCADEIRA SEM GRAÇA

Vania Harthcopf de Oliveira⁵

INTRODUÇÃO

A palavra *Bullying* surgiu do termo inglês *bully*, que significa valentão, brigão em sua tradução para o português. Caracteriza-se como atos violentos como: ofender, fazer fofocas, ameaças, xingamentos, colocar apelidos humilhantes e ações praticadas repetidamente contra uma pessoa considerada indefesa com o intuito de intimidar, agredir e humilhar outrem, causando sérios danos psicológicos e físicos às vítimas. (Silva e Borges, 2018).

De acordo com Fante (2005, p. 28-29), bullying é definido como:

um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outros(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-o a exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas manifestações do comportamento bullying.

Essa forma de violência chamada de *bullying* pode ocorrer tanto na escola como em outros locais em que crianças e adolescentes frequentam. É muito mais do que uma brincadeira sem graça entre crianças e adolescentes, é um grave problema social que deve ser conhecido e combatido. (PINHEIRO,2011).

A Lei n. 13.185, de 6 de novembro de 2015, estabeleceu o programa de combate à Intimidação Sistemática (*bullying*) em todo território nacional, esta lei também estabeleceu às escolas medidas de identificação, combate e, principalmente, prevenção desta prática. (BRASIL, 2015).

A Lei n.13.663/2018, de 14 de maio de 2018, alterou o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional com o objetivo da inclusão nas escolas às medidas de conscientização, de

⁵Escola Estadual Rita Angelina Barbosa Silveira, e-mail: vania.484298@edutec.sed.ms.gov.br

prevenção e de combate a todos os tipos de violência, em especial ao *bullying*, e estabeleçam a cultura da paz.(BRASIL, 2018)

Diante da importância deste tema, foi trabalhado na Escola Estadual Rita Angelina Barbosa Silveira, com os alunos dos 6º anos A, B, C (integral) e 7º anos A, B (integral), na disciplina Pesquisa e Autoria, o tema Intimidação Sistemática (*bullying*), no início do 3º bimestre de 2020.

O objetivo foi levar os alunos a pesquisarem em fontes seguras como surgiu, qual significado e as consequências do Bullying, fazendo com que eles ao se depararem com o conceito e todos danos psicológicos e físicos, viessem se conscientizar que é muito mais sério do que uma simples brincadeira.

METODOLOGIA

Devido ao distanciamento social utilizamos as Atividades Pedagógicas Complementares (APC), pela qual os alunos que têm acesso a conectividade deram a devolutiva pelo Classroom, e os sem acesso a conectividade devolveram na escola.

O tema foi trabalhado em 4 APC's, o prazo de devolução foi de uma semana.

1ª APC: Realização de um fichamento simples contendo origem, significado e consequências do bullying.

2ª APC: Inicialmente era para eles entrevistarem alguém utilizando o formulário enviado na APC, com o objetivo de saber o que seria bullying, se já sofreram ou já cometeram, como a maioria dos alunos pediram para responder a pesquisa também, então eles responderam à pesquisa e entrevistaram alguém.

3ª APC: Na APC foi reforçado o significado, tipos de agressões e relato verídico de pessoas que sofreram bullying e tiveram que ter ajuda de um especialista para conseguir prosseguir a vida.

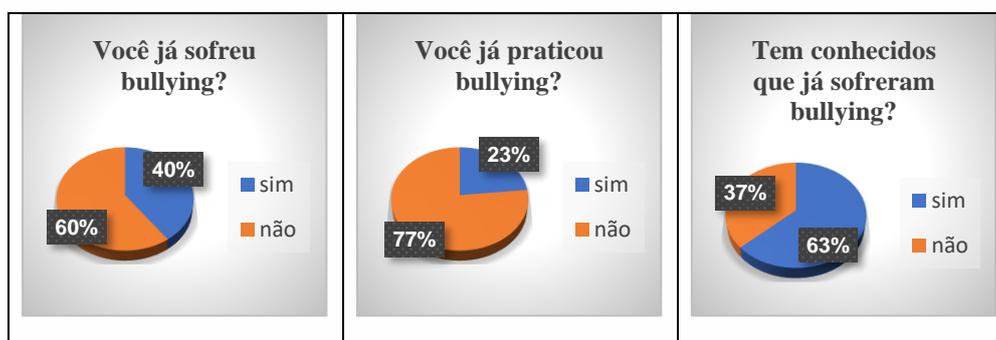
4ª APC: Eles tiveram que elaborar uma mensagem de conscientização tendo a liberdade de fazer da forma que achassem melhor: frase, desenho, slide, vídeo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as devolutivas foi atingido o objetivo de conscientização, as considerações deles na 3º APC continha o relato de vítimas, demonstraram bastante empatia, respeito e amabilidade.

Considerando uma amostragem de 15 respostas por sala, na 2ª Atividade Pedagógica Complementar obtivemos o resultado demonstrado na Tabela 1:

Imagem 1 - Apresentação do resultado da entrevista 2ª APC sobre bullying.



FONTE: AUTOR

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que o bullying entrou pelos portões das escolas é um grande desafio identificar, combater e, principalmente, prevenir essa prática, conscientizar que é mais do que uma brincadeira sem graça entre os estudantes.

Com base na tabela 1, percebemos 40% dos entrevistados sofreram *bullying*, mesmo sabendo a forma em que se sentiram 23% cometeram *bullying* e esse percentual só aumenta quando consideramos conhecidos que sabemos que já sofreram.

Concluimos que é grande o número de vítimas desta prática e a conscientização é a nossa principal aposta para combatê-la, desenvolvendo a amabilidade, empatia, respeito e amor ao próximo, fazendo com que eles abandonem esta prática.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

BRASIL. LEI Nº 13.185, DE 6 DE NOVEMBRO DE 2015. **Programa de Combate à intimidação sistemática (Bullying)**, Brasília, DF, nov. 2015. Disponível em :< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm>. Acesso em: 01 de set. de 2020.

BRASIL. LEI Nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018. **Combate a todos os tipos de violência e promoção da cultura da paz nos estabelecimentos de ensino**, Brasília, DF, maio 2018. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Lei/L13663.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.663%2C%20DE%2014,incumb%C3%A2ncias%20dos%20estabelecimentos%20de%20ensino.>. Acesso em 01 de set. de 2020.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas**. 2. Ed, Campinas: Verus, 2005.

PINHEIRO, Luiz Eduardo Santana. Bullying: é muito mais do que uma brincadeira sem graça. Quem pratica pode ser punido! Jusbrasil, 2011. Disponível em < <https://amp-ms.jusbrasil.com.br/noticias/2854155/artigo-bullying-e-muito-mais-do-que-uma-brincadeira-sem-graca-quem-pratica-pode-ser-punido>>. Acesso em: 01 de set. de 2020.

SILVA, Ludimila Oliveira; BORGES, Bento Souza. **Bullying nas escolas**. Revista Jurídica, direito e realidade, v.6, n.5, p.27-40. FUCAMP, 2018. Disponível em: <<http://fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/view/1279/887>>. Acesso em 02 de set. de 2020.

BRASIL, MEU BRASIL AFRICANO: A EXALTAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Cesar Augusto Floriano dos Santos⁶

Andréa Aparecida Pires de Macedo Machado

INTRODUÇÃO

O retrato do Brasil é bastante ilustrativo quando mostra a ideia de desigualdades étnico-raciais. A população de cor ou raça preta ou parda possui severas desvantagens em relação à branca, no que tange ao mercado de trabalho, distribuição de rendimentos e condições de moradia, educação, violência e representação política (IBGE, 2019).

Parafraseando Ary Barroso, o projeto intitulado “Brasil, meu Brasil Africano”, objetiva esclarecer aos estudantes a “Aquarela do Brasil” existente dentro da diversidade cultural do país, apropriando-se de significados através da fotografia. A composição de Ary Barroso lançada no final dos anos 30 foi gravada pela primeira vez por Francisco Alves e deu origem ao chamado samba-exaltação, vertente extremamente nacionalista do samba, atravessando décadas com outros intérpretes brasileiros.

Este gênero de samba surgiu em 1939 de forma síncrona à composição musical. Tanto ele, quanto o trecho da música “Ô, abre a cortina do passado. Tira a mãe preta do cerrado. Bota o rei congo no congado. Brasil! Brasil!”, motivaram a escrita do projeto. No trecho supramencionado, o autor exalta a população negra brasileira. A mãe preta, a quem o compositor mineiro se refere, era a mulher escravizada que servia como ama-de-leite dos filhos dos senhores e que vivia no cerrado junto aos outros escravizados. Conta-se que, em Minas Gerais, cerrado era o nome dado ao cativeiro onde as pessoas negras eram mantidas nas fazendas (ARRUDA, 2019).

Para alcançar a superação de discriminações e preconceitos como racismo, propõe-se trabalhar este projeto com os estudantes da Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno, localizada na Rua Carlos Scardine, número 138, no Bairro Coophasul, Região Urbana do Segredo em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. A escola atende 692 estudantes distribuídos

⁶Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno, e-mail: cesar.437343@edutec.sed.ms.gov.br

em três turnos de funcionamento, matriculados entre o 4º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio. Contudo, o foco do projeto está voltado para a etapa final do Ensino Fundamental, totalizando 146 estudantes do 6º ao 9º ano, sendo que parte destes estão inseridos nas Comunidades Quilombolas Tia Eva e Furnas do Dionísio.

O Estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, prevista no Artigo 26 – A da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, por meio da Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008, torna obrigatória esta temática nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados.

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008).

O Estado de Mato Grosso do Sul é formado por grupos diversos e cheios de particularidades, sendo oito etnias indígenas (Atikum, Guarani, Guató, Kadiwéu, Kaiowá, Kiquinau, Ofaié e Terena), 2 etnias indígenas que circulam nas fronteiras (KambaXiquitano), 22 comunidades quilombolas, a população rural e a urbana que se sintetizam formando um estado único. Tem uma história de ocupação complexa e grande diversidade no que diz respeito às expressões culturais e sociais (MATO GROSSO DO SUL, 2019).

METODOLOGIA

Após análise da música “Aquarela do Brasil” despertou-se o interesse nos professores de Projeto de Vida e Língua Portuguesa a desenvolver um projeto multidisciplinar a partir da área de Ciências Humanas e trabalhar conceitos de Geografia e História, através da Pesquisa e Aúria, a serem realizadas nas turmas de 6º ao 9º ano da etapa de Ensino Fundamental. Neste período de transição entre os anos iniciais e finais, os estudantes passam a ter de seis a dez professores e para melhor compreender esta nova realidade, um projeto multidisciplinar corresponderia a abordagem do Estudo da História e Cultura Afro-Brasileira por várias disciplinas, sendo que cada componente curricular tem como objetivo garantir o desenvolvimento das habilidades. No cenário atual, as questões centrais do processo educacional precisam considerar o desenvolvimento integral do estudante, a aprendizagem por meio das competências cognitivas e socioemocionais.

Para o desenvolvimento das práticas educativas, as habilidades socioemocionais a serem desenvolvidas de forma intencional são Foco, Responsabilidade, Iniciativa Social, Assertividade,

Empatia, Respeito, Curiosidade para Aprender, Imaginação Criativa e Interesse Artístico, e os conteúdos a serem trabalhados nos ambientes de aprendizagem com foco nas aulas teóricas (formação) abarcarão o Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul Educação Infantil e Ensino Fundamental, bem como atividades com estudantes em ambientes além dos muros da escola, levando-os a vivenciar, in loco, aprendizagens significativas.

Desta maneira, buscamos metodologicamente possibilitar aos estudantes conhecer o cotidiano de duas comunidades remanescentes quilombolas, localizadas no Estado de Mato Grosso do Sul. Partindo da premissa que parte dos nossos estudantes matriculados residem na Região Urbana do Segredo em Campo Grande/MS, onde estão localizadas a Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno e a Comunidade Quilombola Tia Eva. Existe ainda uma pequena parcela de estudantes que moram na Comunidade Quilombola Furnas do Dionísio, a 40 quilômetros da capital, no município de Jaraguari que frequentam a referida unidade escolar seguindo o calendário escolar, retornando à sua comunidade aos finais de semana.

O território é um lugar onde acontecem todas ações, é no território que nasce a ideia de Estado nacional, de referência de identidade e de nação. Para uma comunidade negra, o território, não é apenas um legado pela via de herança, há uma ligação lógica, que inclui e também exclui membros, pelo pertencimento e pela garantia da continuidade tradicionalmente agregada aos descendentes de cada linhagem e seus representantes (OLIVEIRA, 2019).

O projeto “Brasil, meu Brasil Africano” foi planejado durante a suspensão das aulas presenciais na Rede Estadual de Ensino (REE), em função do avanço do novo Coronavírus em Mato Grosso do Sul, para ser desenvolvido em novembro de 2020, mês da Consciência Negra. A data 20 de novembro reacende debates e ações que combatam a problemática do racismo em nosso país. Em meio a esse momento de distanciamento social, buscamos aproximar o estudante da sociedade por meio de pesquisa, principalmente, na culinária, dança, religião e música.

O desafio de propor atividades de investigação científica aos estudantes, protagonistas do processo de aprendizagem, requer metodologias que condizem com a proposta de orientar, refletir e averiguar a progressão do conhecimento na perspectiva da formação autônoma, participativa, dinâmica e autoral dos estudantes, importando-se em partir de situações reais e considerando a importância do planejamento e dos objetivos da aprendizagem (SED, 2020).

Diante de inúmeros acontecimentos envolvendo esse tema ao longo dos tempos, o projeto foi elaborado hodiernamente para retratar imagens a partir da visão do estudante com o objetivo de exaltar nos dias de hoje a Cultura Afro-Brasileira, como fez Ary Barroso na década de 30.

Somando ao fato de que a maioria dos estudantes possuem smartphone, o tema foi direcionado para a foto com o celular. Como metodologia, para a concretização do projeto, optamos pela fotografia, pois possibilita o registro de costumes, desenvolvimento social e evolução cultural. Desse modo, a fotografia carrega consigo testemunhos, trajetórias, vivências, experiências, descobertas que permeiam nossa sociedade (SILVA, 2015).

Para tanto, foi estabelecida parceria com fotógrafo profissional a fim de ministrar presencialmente a oficina “Como Fotografar com Celular”, aos estudantes interessados em participar no contraturno das aulas remotas, obedecendo aos protocolos de biossegurança elaborados pela Secretaria de Estado de Educação (SED). O curso abordará os seguintes conceitos: Medição de luz, Foco e a profundidade de campo, HDR, Função Panorama e a foto panorâmica, Boas práticas, resolução, zoom e a câmera de selfie e terá certificação de cinco horas para os concluintes. Aprender a tirar fotos com um fotógrafo profissional ajuda, por exemplo, a desenvolver o senso de observação, ver sob um novo ângulo e se expressar.

Os registros poderão valorizar personalidades negras da sociedade brasileira e pessoas comuns que fazem parte das relações sociais dos estudantes, além das contribuições e atividades históricas culturais, sendo autores dos melhores ângulos, proporcionando aos envolvidos um novo olhar para o negro, pois: “quando olhamos uma fotografia, não é ela que vê, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos” (LEITE, 2001).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do projeto a ser desenvolvido, a Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno fará a primeira exposição fotográfica virtual pela plataforma Wix, que permite de forma gratuita criar sites de alta qualidade para mostrar trabalhos com designs interativos, resultando em um site atraente para receber o maior número de visitantes. O Wix.com foi considerado o primeiro Melhor Criador de Sites – Ranking Setembro 2020, pelo site Tudo sobre Hospedagem de Sites e funciona em celulares (versão mobile) e computadores (SOBROZA, 2020), o que permite trabalho colaborativo para criação da página na internet entre os estudantes envolvidos.

Para fins de divulgação do evento serão utilizadas as redes sociais oficiais (Facebook e Instagram) da escola, onde também estará disponível o endereço eletrônico para a entrada no evento. A abertura da exposição fotográfica virtual está marcada para 20 de novembro de 2020, dia em que é celebrada a Consciência Negra no Brasil.

Durante as discussões que caminharam na mesma direção, para a elaboração deste projeto integrador, surgiu uma pergunta: “O que vai mudar no mundo das crianças e dos adolescentes depois que concluirmos esse projeto?”. Esperamos, acima de tudo, proporcionar as melhores experiências escolares possíveis para os estudantes da REE, especificamente para os da Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto relatado foi uma forma de perceber o quanto ainda precisamos trabalhar efetivamente com esta temática sensível dentro da cultura escolar, fazendo com que os nossos estudantes sejam protagonistas do próprio conhecimento, à medida que são estimulados pelos seus professores a buscar as mais variadas fontes de pesquisa.

Acreditamos que os objetivos didáticos propostos contemplam a produção do conhecimento pelo viés da alteridade e superação de discriminações e preconceitos como racismo, com identidades positivas apresentadas ao longo deste texto.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Renata. **Aquarela do Brasil: conheça a história do clássico de Ary Barroso**. Letras, 3 jul. 2020. Geral. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/blog/aquarela-do-brasil-historia/>. Acesso em: 25 ago. 2020.

SED. Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental / Organizadores Hélio Queiroz Daher; Kalícia de Brito França; Manuelina Martins da Silva Arantes Cabral. (Série Currículo de Referência). Campo Grande: SED, 2019.

SED. Documento Orientativo para o Componente Pesquisa e Autoria. Secretaria de Estado de Educação. 2020

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil 2019**. Rio de Janeiro: IBGE.2018.

LEITE, Miriam L. Moreira. **A imagem através das palavras**. Ciência e Cultura, n. 38, v. 9, p.1483-1495, 1986.

BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 mar. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 25 ago. 2020.

OLIVEIRA, Myleide de Souza Meneses. **COMUNIDADE TIA EVA: Bairro de Negros e herança de fé**. 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

SILVA, Ivânia Cláudia. **A fotografia como documento e sua importância na memória humana**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquivologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOBROZA, Tathiana. **Melhor Criador de Sites – Ranking Setembro 2020**. Tudo Sobre Hospedagem de Sites, 8 set. 2020. Geral. Disponível em: <https://tudosobrehospedagemdesites.com.br/melhor-criador-de-sites-comparativo/>. Acesso em: 14 set. 2020.

CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS COMO UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO AO PROTAGONISMO JUVENIL: UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES ESPACIAIS SOB A PERSPECTIVA DO PENSAMENTO CRÍTICO

Luiz Henrique Ortelhado Valverde⁷

Luiz Eduardo da Silva

Marcos Vinicius Campelo Junior

INTRODUÇÃO

O movimento ambientalista hoje é ancorado com as diretrizes de uma prática pedagógica que dê conta de reunir diversidades de óticas que se firmam a partir do enfrentamento de problemáticas ambientais. Contudo, a prática cobiça a reconstrução do significado das relações no cotidiano, entretanto, ambiciona perpassar pela adesão de projetos de reciclagem, direcionamento do lixo ou a preservação da natureza. Pretende ir além de segmentos sociais específicos, fazendo encontrar conexões complexas, advindas de conflitos de interesse (RUSCHEINSKY, 2004).

Segundo pressupostos de Paulo Freire, um ponto que liga as áreas do saber e se relacionam interdisciplinarmente em busca da leitura crítica da sociedade é chamado de Tema Gerador e infere em uma educação problematizadora, que considere as dimensões históricas do sujeito, no intuito de ressignificar uma nova postura frente a sua realidade (FREIRE, 2019).

A educação libertadora de Freire é referência e inspiração para a educação que busca temas ambientais com caráter crítico. Loureiro (2008) afirma que a internalização de uma visão ambiental é feita por múltiplas mediações entre o que é vivido de imediato e as grandes

⁷Escola Estadual Hércules Maymone. E-mail: valverde.ufms@gmail.com

questões globais. Além disso, pontua que não existe o senso de pertencimento a um lugar, quando não há o sentido de cidadania.

Compreender, refletir, criticar e agir são ações pedagógicas existentes no processo de aproximação crítica da realidade, e a construção do conhecimento se dá pela necessidade de contextualizar uma questão ambiental partindo da problematização vivenciada pelo estudante, para que assim possa ser proporcionado um verdadeiro caminho para compreensão do respeito e a valorização com a subjetividade, corroborando com o processo investigador dos temas geradores (VALVERDE et al., 2018).

A partir dessa perspectiva, o relato apresenta o processo de ensino desenvolvido com estudantes do ensino fundamental e médio do Projeto Núcleo de Educação Ambiental da E. E. Hércules Maymone, em Campo Grande - MS, tendo como proposta tratar de temáticas envolvendo assuntos como "Sujeitos e Identidades", com isto, buscou-se a reflexão sobre as marcas que deixamos no mundo devido à satisfação de nossas necessidades e desejos, oferecendo oportunidades de reflexão e atividades cujo objetivo foi relacionar o sujeito com um aspecto primordial à Educação Ambiental: compreender a indissociabilidade entre a humanidade e a natureza.

Com base no Projeto Político Pedagógico da escola, uma das competências descritas no documento é propor instrumentos avaliativos que contemplem a pluralidade de ideias, da quais se destacam: o estudo de caso, o debate, o trabalho em grupo, a pesquisa e a autoria (MATO GROSSO DO SUL, 2019)..

METODOLOGIA

O roteiro da prática desenvolveu-se por meio da exibição do filme nacional *Narradores de Javé (2003)*, o qual retrata aspectos das questões presentes na construção de uma represa em um vilarejo fictício. Os habitantes da região a ser inundada descobrem uma única possibilidade de salvar seu povoado: a existência de um patrimônio histórico de valor comprovado cientificamente. Partem, assim, para a produção da história do lugar.

Tomando como base o filme, os estudantes deveriam se posicionar em relação às problemáticas socioambientais descritas no filme. Ou seja, a implantação de uma barragem em Javé que ameaça a vida do lugar com a consequente inundação e extinção do povoado. Foi solicitado que debatessem para que pudessem expor suas opiniões, observando o tema gerador central "barragens" e os seguintes questionamentos: *"Como você vê a questão de implantação de barragens, inundações e extinções de cidades? Isso pode se caracterizar como um problema socioambiental? Por quê? Quais são as principais consequências para o lugar e para as pessoas? Qual seria sua estratégia para a tentativa de solução desses conflitos?"*

O debate foi pautado no exercício da argumentação como uma atividade social, que discursa entre pontos de vista e considerações de perspectivas contrárias e constitui um poderoso

recurso de mediação em processos de construção do conhecimento (LEITÃO; DAMIONAVIC, 2011).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudantes participantes do projeto constituíam turmas e anos distintos e tinham encontros presenciais semanalmente, além das discussões de forma assíncrona em um grupo de *WhatsApp*, em que era realizado o pontapé inicial de todas as atividades. Após orientações, os estudantes dividiram-se em pequenos grupos para organizarem suas propostas (Figura 4). O diálogo entre perspectivas diversas abriu um leque de explicações quanto à raiz do problema em questão, bem como possibilidades de solucionar o conflito entre os moradores de Javé e a instalação da barragem no lugar.

Acontecimentos recentes fizeram parte das conversas entre os grupos, tais como o rompimento das barragens em Mariana e Brumadinho, ambas em Minas Gerais, e o “esquecimento” dessas tragédias pelo poder público e pela mídia. Ao caminhar pelos nichos de estudantes foi observado que os mesmos iam além da proposta inicial, dialogavam sobre intenções, causa, efeito, os prós e os contras à instalação de barragens, bem como discutiam a função dos atores sociais diante do conflito apresentado no filme. Além de tais apontamentos, os estudantes resgataram alguns fatores importantes para a compreensão da totalidade das indagações, temas como a influência do sistema capitalista e a compreensão da relação afetiva entre o indivíduo e o ambiente físico – a topofilia de Tuan (2012).

Figura 4 – Discussão da proposta de intervenção



FONTE: VALVERDE (2019).

Após interlocução em grupo, a tarefa dos estudantes era sistematizar e compartilhar quais eram suas alternativas para mediação daquele conflito socioambiental, a fim de socializar suas opiniões para um debate coletivo (Figura 2). Nesse segundo momento, foram evidenciadas concepções heterogêneas quanto ao cerne do problema, um dos grupos evidenciou uma

posição contrária a instalação da barragem, defendendo a permanência dos moradores, porém não sugeriu uma alternativa para o crescimento econômico do vilarejo, contudo, elencou a criação de um acervo com fatos reais históricos para comprovação de existência do local, uma vez que tal comprovação científica era crucial no filme. Uma dessas alternativas era a construção de um museu e o contato com municípios próximos, para que houvesse um elo para possíveis parcerias.

Outro grupo trouxe a possibilidade de trabalhar a fonte do medo que pairava entre a população, apontaram estratégias de fortalecimento da comunidade para resistir às ameaças externas, focando na valorização do seu território como um todo. Uma possibilidade citada pelos estudantes era a intervenção com base na discussão da perda biológica do espaço, pois na circunstância não havia comprovação de aspectos culturais. Ademais, destacaram que o turismo poderia contribuir para a renda do povoado, porém, se posicionaram firmes quanto a não construção da barragem.

Figura 5– Discussão da proposta de intervenção



FONTE: VALVERDE (2019)

Os dois outros grupos trouxeram uma visão distinta dos demais, considerando novos olhares diante da problemática. Um deles propôs a criação de uma comissão entre os moradores para avaliar os riscos e impactos que a barragem causaria em Javé, no entanto só seriam favoráveis a obra, caso houvesse um acordo entre todos os envolvidos, após esclarecimento de dúvidas no que se tratava das perdas de identidade da população com a possível extinção do local. O último grupo apresentou uma solução para a questão econômica do primeiro grupo, propor uma coparticipação entre os moradores e a barragem, porém o intuito era minimizar os impactos que a obra causaria no habitat e a quem vivia ali.

A finalidade da atividade era compreender, em totalidade, os diversos fatores envolvidos na implantação da barragem, proporcionando um espaço de diálogo e debate entre os estudantes, sendo este realizado em um ambiente incomum ao do cotidiano escolar – a sala de aula. A discussão motivada após o filme e as demais indagações foram consideradas bastante proveitosas, sendo possível observar a construção do pensamento crítico a partir de um determinado fato, a construção da barragem. Os estudantes puderam contribuir com suas

opiniões a respeito das transformações espaciais que observaram diante da apresentação do filme, bem como a relação da comunidade com o lugar, compreendendo o sentimento de pertencimento dos sujeitos ao espaço que posteriormente seria transformado sob a lógica de produção capitalista.

Mediante o diálogo, o grupo expôs a importância de se discutir os conflitos e buscar alternativas para possíveis soluções do problema percebido, defendendo o debate e a discussão como a principal ferramenta de mediação entre os seres sociais.

A percepção das relações dispostas no espaço, além de sua compreensão de maneira crítica e questionadora – das ações, ideias e atitudes – possibilita ao sujeito novas leituras e interpretações acerca das transformações que ocorrem no espaço geográfico.

Desse modo, a atividade atingiu seu objetivo: despertar o senso crítico introduzindo a situação abordada no filme como alicerce para gerar um momento de reflexão e novos olhares, os quais perpassam desde a lógica de reprodução capitalista até a relação do indivíduo com o espaço e o lugar, entendendo o espaço como a “morada do homem” (CORRÊA, 1982).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao facilitar a aprendizagem do estudante por meio da utilização dos temas geradores de Paulo Freire, podemos compreender como acontece uma prática educativa libertadora. Ao aguçar os sentidos da tematização, da investigação e problematizar conflitos que façam sentido para compreensão dos estudantes, próximo de sua realidade, o processo de ensino-aprendizagem deixa de ser cansativo e passa a ser instigador.

O entendimento do tema gerador sobre barragens, proporcionou aos estudantes se colocarem como moradores daquele lugar que enfrentavam aquela situação e, também a possibilidade de enxergar outros caminhos para solucionar um problema, compreendendo o espaço e suas relações por meio do debate e diálogo de opiniões.

A partir dos questionamentos característicos de um pensamento crítico, instigando a reflexão e tomada de decisões, principalmente no que diz respeito ao espaço geográfico, podemos enxergar possibilidades de ler o espaço em sua pluralidade de fatos e as suas demais problemáticas inerentes, buscando assim soluções e alternativas para a construção de uma sociedade democrática no que diz respeito, sobretudo, às relações socioambientais que urgem por reflexão.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, R. L. O espaço geográfico: algumas considerações. In: SANTOS, Milton (Org.). **Novos rumos da Geografia brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1982.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

LEITÃO, S.; DAMIONAVIC, M. C. (Org.) **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas: Pontes Editores, 2011.

LOUREIRO, C. F. B. **Proposta pedagógica**. Revista Salto para o Futuro, ano XVIII, boletim 01, 2008. P. 3-12.

MATO GROSSO DO SUL. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Hércules Maymone**. Secretaria de Estado de Educação (SED/MS). Campo Grande MS. 2019. Disponível em: <<http://www.sistemas.sed.ms.gov.br/PortalSistemas/PPP>>.

TUAN, Y.. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. SciELO-EDUEL, 2012.

RUSCHEINSKY, A. (Org.) **Sustentabilidade: uma paixão em movimento**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

VALVERDE, L. H. O; MORAIS, R; MORBECK, A. K; FAVERO, S. Temas Geradores como facilitadores de atividades de investigação na Educação Ambiental. **Tecné, Episteme y Didaxis: TED**, nº extraordin, p. 1-7, 21 nov. 2018.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: DIREITOS FUNDAMENTAIS E A DEFESA DA DIGNIDADE HUMANA.

Rita de Cássia Monteiro Soares⁸

INTRODUÇÃO

O presente relato descreve as atividades que foram realizadas nas turmas do 9º ano A e B do ensino fundamental II, componente curricular de História, da Escola Estadual Leme do Prado, localizada na cidade de Ladário. A escola conta com a atual gestão da diretora Aparecida da Silva Santos, da vice-diretora Silvana Capurro e Leidemar Gomides, atual coordenadora do ensino fundamental II.

A proposta da atividade foi abordar o Tema Contemporâneo do Currículos de MS, em Educação e em Direitos Humanos. Sendo assim, considerando o Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul, a fim de desenvolver a habilidade MSEF09HI16S19, de relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação. (MATO GROSSO DO SUL, 2020). A habilidade MSEF09HI16S19 foi proposta para ser desenvolvida no mês de agosto com os alunos dos 9º anos.

A atividade contou com uma aula teórica na plataforma Google Classroom sobre o tema por meio de leituras e vídeos, os estudantes expuseram também as suas reflexões e considerações por meio de uma redação, como atividade prática e dinâmica foi proposto a criação e produção de cartilhas e panfletos sobre os direitos humanos. A fim de os estudantes se envolverem mais com o tema e compreender com mais profundidade a importância de garantir e promover a dignidade humana.

A Educação em Direitos Humanos incentiva a valorização e o respeito à diversidade religiosa, étnica e cultural. Para promover a mudança social que se deseja realizar dentro do processo democrático, o melhor caminho a seguir é o da educação. A Educação em Direitos Humanos possibilita sensibilizar e conscientizar as pessoas sobre a importância do respeito ao próximo e

⁸Escola Estadual Leme do Prado/ Ladário MS. E-mail: ritamonteirosoares@hotmail.com

de promover também o desenvolvimento da solidariedade, da compreensão e da aceitação das diferenças.

Os Direitos Humanos precisam ser reconhecidos como fundamentais para a construção da cidadania e de entender que os direitos se consolidam e se concretizam, à medida que lutamos por eles. E, a educação é a melhor aliada para esse reconhecimento.

Abordar o tema contemporâneo Educação em Direitos Humanos em sala de aula é essencial, pois possibilita que os estudantes conheçam os direitos que possuem, que muitas das vezes, por não conhecerem não se reconhecem como sujeitos de direitos. Ao compreender que são sujeitos de direitos, o estudante promove uma formação ética, crítica e política, ao mesmo tempo que, reconhece respeita o direito do outro.

A Educação em Direitos Humanos prepara o estudante para exercer a cidadania e promove a conscientização de seu papel social na luta contra as desigualdades e injustiças na sociedade. No Brasil está presente um discurso muito comum na fala do brasileiro, de que os direitos humanos só protegem criminosos e as pessoas por não conhecerem e por não serem educadas sobre os eles, reproduzem esse discurso que tem a finalidade de desqualificar e das pessoas não se reconhecerem como sujeitos de direitos. Por isso, a importância de abordar o tema em sala de aula, para desconstruir esse discurso e promover o reconhecimento da dignidade humana.

METODOLOGIA

A atividade foi proposta e realizada pelas turmas do Ensino Fundamental II 9º anos A e B, do turno matutino da Escola Estadual Leme do Prado, no período do mês de agosto de 2020. Na qual foi desenvolvida a habilidade: MSEF09HI16S19 - Relacionar a Carta dos Direitos Humanos ao processo de afirmação dos direitos fundamentais e de defesa da dignidade humana, valorizando as instituições voltadas para a defesa desses direitos e para a identificação dos agentes responsáveis por sua violação. (MATO GROSSO DO SUL, 2020.) Sendo assim, considerando o Currículo de MS em promover a intenção de que o estudante possa investigar as lutas pelos direitos humanos, em profundidade, como os direitos e liberdades foram ignorados, exigidos ou alcançados, no Brasil e no contexto mundial mais amplo. Que ele possa reconhecer a importância da Carta dos Direitos Humanos da ONU, de 1948, para assegurar os direitos inalienáveis que devem garantir a liberdade, a justiça e a paz mundial.

Os estudantes compreenderam sobre a abrangência dos direitos humanos, que incluem o direito a não ser escravizado, de igualdade perante as leis, de livre expressão política e religiosa, de liberdade de pensamento, de participação política, direito ao lazer, à educação e cultura, ao trabalho livre e remunerado, etc. Foi possível propor uma discussão sobre o que são direitos humanos, entendendo sua abrangência e a importância de estarem assegurados na Constituição, tornando-se, então, direitos fundamentais.

Para o primeiro momento da aula, foi disponibilizado na plataforma Google Classroom um material para realizar uma leitura e assistir um vídeo sobre a Carta dos Direitos Humanos e sua importância para a garantia da dignidade humana, para que os alunos se familiarizassem com o tema abordado. Após esse momento os alunos expuseram as suas reflexões e conclusões por meio de uma redação escrita. A intenção desse momento da aula foi promover uma discussão e uma reflexão sobre direitos e cidadania.

Para o segundo momento da aula, foi proposta uma atividade prática em que os alunos deveriam criar uma cartilha ou panfletos de divulgação sobre os direitos humanos. Foi disponibilizada aos alunos, uma lista que continham alguns artigos sobre o tema. Os alunos foram estimulados a escolher os que mais chamaram a sua atenção, logo após a escolha eles deveriam criar uma cartilha com textos informativos e ilustrações, como desenhos, pinturas e figuras que representassem o tema abordado.

Para terceiro momento, as cartilhas foram produzidas pelos próprios alunos de forma simples, de acordo com os materiais disponíveis na casa dos estudantes, mas bem caprichada por eles, em folhas de sulfites, cadernos, com canetas coloridas, lápis de cor e giz de cera. Houveram alunos que desempenharam as suas habilidades com recursos digitais, produzindo suas cartilhas e panfletos em aplicativos de colagem e montagem disponíveis na web. Os trabalhos foram recolhidos na escola para que pudéssemos, posteriormente, fazer uma exposição no mesmo local. A atividade foi toda desenvolvida pela plataforma Google Classroom, aplicativo Meet e com atendimento via WhatsApp.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer da atividade foi notada a motivação e empenho dos alunos em realizar o trabalho. A criatividade dos alunos também foi notada como o talento pelo desenho, pois surgiram alunos que demonstraram facilidades e habilidades em desenhar, com também demonstraram a iniciativa em buscar recursos digitais para o desenvolvimento da atividade. A intenção da atividade, além de ter promovido uma aula mais dinâmica e participativa e de conhecer um pouco mais sobre os Direitos Humanos, também foi capaz de desenvolver as habilidades propostas pelo Currículo de Referência. Os estudantes demonstraram criatividade e inovações ao realizar a tarefa através dos materiais que se dispunham em suas casas, e outros demonstraram a facilidade com os recursos digitais em criar colagens em aplicativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Educação em Direitos Humanos promove ao estudante uma formação ética, crítica e política, em que o estudante reconheça-se como um sujeito de direitos e ao mesmo tempo possa respeitar o direito do outro. O estudante é preparado para exercer a cidadania e torne-se consciente do seu papel social na luta contra as desigualdades e injustiças presentes na sociedade.

Os estudantes compreenderam sobre a abrangência dos direitos humanos, que inclui o direito a não ser escravizado, de igualdade perante as leis, de livre expressão política e religiosa, de liberdade de pensamento, de participação política, direito ao lazer, à educação e cultura, ao trabalho livre e remunerado.

REFERÊNCIAS

MATO GROSSO DO SUL. **Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental** / Organizadores Helio Queiroz Daher; Kalícia de Brito França; Manuelina Martins da Silva Arantes Cabral. Campo Grande: SED, 2020.

CULAU, Júlia LIRA, Daiane. SPONCHIADO, Denise Aparecida martins. **Educação em direitos humanos: um desafio da sociedade e da escola**. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Paraná: PUCPR 26 a 29/10/2015.

ESCOLA DOS MEUS SONHOS

Simone Aparecida dos Santos⁹

Yara de Lourdes Prado

INTRODUÇÃO

No meio de uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum (Betto, 2013). As nossas futuras gerações são os nossos alunos, por isso, faz-se necessário compreender de que forma eles idealizam o nosso ambiente escolar. Dessa forma, demos início ao projeto Escola dos Meus Sonhos, na Escola Estadual Thereza Noronha de Carvalho, partindo do seguinte questionamento: "Qual a escola dos seus sonhos?".

A escola dos meus sonhos, os alunos aprendem a cozinhar, costurar, consertar eletrodomésticos, a fazer pequenos reparos de eletricidade e de instalações hidráulicas, a conhecer mecânica de automóvel, geladeira e algo de construção civil. Trabalham em horta, marcenaria e oficinas de escultura, desenho, pintura e música. Cantam no coro e tocam na orquestra. Uma semana ao ano integram-se, na cidade, ao trabalho de lixeiros, enfermeiras, carteiros, guardas de trânsito, policiais, repórteres, feirantes e cozinheiros profissionais. Assim, aprendem como a cidade se articula por baixo, mergulhando em suas conexões que, à superfície, nos asseguram limpeza. (BETTO, 2013).

Partindo desse pressuposto foi idealizado o projeto "Escola dos Meus Sonhos" que visa colocar os alunos no papel de protagonistas de suas ações dentro do ambiente escolar, através de oficinas direcionadas para a melhoria do âmbito educacional, no qual está inserido. Esse projeto veio a partir da ideia de mudança e da necessidade de proporcionar um local adequado, em que a escola de tempo integral possa possibilitar uma educação integral, visando o protagonismo juvenil na construção concreta do conhecimento, tendo professores como mediadores motivacionais durante as atividades a serem desenvolvidas.

O projeto foi desenvolvido de forma multidisciplinar em que professores de diversas áreas juntamente com os alunos estão contribuindo para a construção de um ambiente educacional que seja coerente com o que a comunidade em geral almeja.

Desse modo, a atuação dos professores é fundamental, pois através da mediação do trabalho proposto ajuda os alunos a entenderem sua autoria e participação no projeto, transformando-

⁹Escola Estadual Professora Tereza Noronha de Carvalho.

os em protagonistas de suas ações. Durante as aulas focadas no projeto são desenvolvidas diversas atividades que os educandos podem: idealizar, projetar e construir o que foi pensado inicialmente, conseqüentemente modificando o ambiente em que estudam.

O resultado concreto das atividades realizadas está sendo visto através da construção de mesas e bancos, elaboração e construção do jardim de entrada, construção de jogos com a utilização de materiais recicláveis e a criação da sala de aula externa que beneficia a todos, através de aulas diferenciadas, as quais aguçam a curiosidade e o interesse pela aprendizagem.

Portanto, é importante a conscientização dos profissionais que atuam no ambiente escolar, sobre a necessidade do desenvolvimento de projetos que visem o protagonismo dos alunos, dando-lhes oportunidades para externar seu conhecimento de forma a transformar a escola em que estudam em um espaço digno, organizado, limpo e principalmente propício ao desenvolvimento de atividades significativas que transpassem os muros escolares, fazendo com que todo o conhecimento adquirido (conteúdos programáticos, educação socioemocional, moral, ética, ambiental, dentre vários outros) seja utilizado como base para a formação de valores e tomadas de decisões corretas.

Ainda, há muito a ser feito, pois a "Escola dos Meus Sonhos" não será construída da noite para o dia, serão necessárias mudanças tanto físicas, quanto metodológicas dentro do ambiente escolar. A termos de exemplificação, podemos citar: a presença de espaços adequados para descanso e higiene pessoal dos estudantes, uso de metodologias ativas e participativas. Vale ressaltar, no entanto, que essas são ações que dependem por vezes, muito mais, de políticas públicas, do que da atuação do professor em sala de aula.

O professor, juntamente com os alunos, pode sim construir a Escola dos Nossos Sonhos, mas, para que isso aconteça, é necessário que tenhamos o apoio de diversas entidades ligadas à educação, desburocratizando o ensino e dando autonomia para a comunidade escolar.

Desse modo, os objetivos do presente projeto preveem: o desenvolvimento de habilidades e tendências mediadas entre professores e alunos, por meio de trabalhos em grupos; fomentar a importância do projeto como um instrumento eficaz de ensino, com pontos positivos e negativos; incentivar a criatividade, oportunizar a formação de cidadãos conscientes de seu papel como cidadão transformador social, formar estudantes qualificados para compreender, tomar decisões e propor soluções para os problemas geográfico-ambientais.

METODOLOGIA

O projeto foi desenvolvido em interação com várias disciplinas abordando diferentes temas. Para dar introdução ao projeto foi aplicada uma aula teórica com auxílio do projetor. Foram expostos slides contendo imagens, animações, sínteses de texto sobre o projeto "Escola dos meus Sonhos", trabalhando as questões ambientais e os cuidados com o espaço escolar. Na sala

de tecnologia, os alunos pesquisaram sobre o meio ambiente, assuntos relacionados ao ambiente escolar e montaram cartazes para conscientizar a comunidade escolar sobre a importância de cuidar do espaço escolar.

Uma das atividades realizadas dentro do Projeto Escola dos meus Sonhos foi a horta escolar. Nesse processo, os professores de Matemática em conjunto com a professora de Eletivas, conduziram os alunos pelo ambiente escolar, em espaços previamente selecionados para que realizassem a medida da área, utilizando os materiais necessários, como: fita métrica, régua, trena, barbante, dentre outros.

Foram desenvolvidos com os alunos materiais artesanais para dar um destaque diferenciado à horta e ao jardim da escola (vasos artesanais, trabalhos feitos com garrafa pet) e auxílio no cantinho da leitura com artesanatos recicláveis. Foi iniciado, através de conscientização dos alunos, acerca de como o aspecto visual pode auxiliar na auto-estima e na organização do estudo. Foi realizado o desenvolvimento das técnicas de decupagem utilizando guardanapo de decupagem de diferentes aspectos.

A técnica da decoupage é a arte de recortar e colar papel decorado para revestir um objeto, que pode ser de vidro, metal, madeira ou tecido. O termo decoupage é francês (découpage, derivado do verbo découper, recortar) e significa o ato de recortar dando forma. No entanto, a origem da técnica é italiana. A técnica surgiu da falta de recursos financeiros para a decoração, sem dinheiro para contratar artistas, as pessoas decidiram revestir mobílias e objetos com papel.

Os alunos aprenderam a técnica de colagem de guardanapos, desenvolveram essa técnica em bancos feitos através de paletes. O primeiro passo para o desenvolvimento da técnica foi a pintura dos bancos na cor branca, depois foi feita a colagem do guardanapo utilizando cola branca. A todo o momento os alunos foram orientados sobre as formas corretas de recorte e colagem.

RESULTADO

A partir das atividades desenvolvidas os alunos tiveram uma interação maior com os professores, colegas e com o meio ambiente escolar. Os alunos participaram de todas as fases de execução, como na criação da horta e construção do cantinho da leitura. Com auxílio de um aluno da EJA, foram construídas mesas e bancos de paletes. A experiência propicia aos alunos a construção de um conhecimento de forma concreta em que o protagonismo infanto-juvenil está de fato ligado à proposta de uma educação integral e, não apenas em tempo integral.

A inclusão social também foi um dos focos das atividades, resultando em aprendizagens significativas através da socialização e interação com os colegas, favorecendo a convivência e trabalhando diferentes níveis de conhecimento e ritmos de aprendizagem.

Medeiros (2011), descreve que a escola é o lugar onde o aluno iniciará o processo de socialização, logo, o comportamento ambiental correto deve ser aprendido na prática, através

da aplicação de conteúdos ambientais de forma contextualizada com sua realidade. Tudo o que os alunos aprenderam de forma significativa, foi repassado para a comunidade escolar através da construção de cartazes, com o objetivo de formar sujeitos ecológicos, capazes de cuidar do meio ambiente.

Dentro do resultado final, obtemos a criação da sala de aula externa e o jardim escolar, um ambiente que os alunos podem aprender usufruindo de um maior contato com a natureza, associando a aprendizagem com uma metodologia voltada a natureza, em que o prazer em aprender transcende as paredes de uma sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto resultou em uma melhora visual e significativa do ambiente escolar, a partir do momento em que os alunos se viram como construtores e autores dos benefícios apresentados durante o desenvolvimento das atividades.

O início do plantio da horta, assim como o das mudas de árvores frutíferas, proporcionou a todos um sentimento de pertencimento e continuidade do trabalho realizado. Os alunos, a maioria deles pré-adolescentes e adolescentes, puderam observar o crescimento as hortaliças, ao mesmo tempo em que, o sentimento de imediatismo, foi sendo deixado de lado e o prazer em participar de todas as etapas, de algo muito valorizado pela comunidade escolar, foi sobressaindo as condutas, antes consideradas inadequadas.

A construção de bancos utilizando materiais de paletes foi de extrema importância para o prosseguimento do projeto, pois os alunos visualizaram de forma concreta a importância de serem os construtores de algo que seria de imensa relevância e funcionalidade na vida escolar dos seus colegas, professores e equipe administrativa. Outro ponto importante, foi proporcionar um espaço em que cada um pudesse colocar seu conhecimento em prática.

A grande maioria dos alunos possui um vasto domínio sobre algumas técnicas utilizadas, fazendo com que, mesmo os professores que possuem o conhecimento teórico, pudessem aprender e utilizar, na prática, seus conhecimentos. Foi de grande satisfação que observamos alguns alunos tornarem-se mentores de seus colegas, compartilhando informações e experiências com o objetivo coletivo de melhorar o ambiente escolar.

No decorrer do projeto observamos vários estudantes interessados em aprender, ao mesmo tempo que outros estavam aptos a compartilhar seu conhecimento, esse fato trouxe a nós, professoras e mediadoras do conhecimento, uma sensação de orgulho e satisfação, pois muito além da construção de bancos ou mesas temos como meta proporcionar experiências que todos possam levar para a vida toda. Os bancos podem quebrar daqui há 10 ou 20 anos, as mesas podem ficar gastas devido ao uso contínuo, mas o que cada aluno aprendeu e ensinou vai permear pela vida inteira.

Desse modo, a Escola dos Meus Sonhos, transcende os muros escolares, vai além daquilo que um professor pode ensinar em sala de aula, ele proporciona a cada aluno que participa a construção de valores morais, sociais e éticos, valores esses que permeiam por toda a vida, sentimento de deixar sua marca no mundo e de que a mudança pode sim ser feita, que a transformação do espaço escolar é apenas uma etapa para a transformação de suas próprias vidas.

Com base nessa visão o Projeto Escola dos Meus Sonhos é apenas uma pequena semente plantada no coração de cada estudante, sua germinação da semente se dará no transcorrer da existência de cada um, em cada escolha, em cada motivação e em cada objetivo alcançado. A valorização e modificação da estrutura escolar nada mais é do que uma analogia para as mudanças que estão por vir na vida de cada aluno.

Uma escola não é feita somente de coisas sobrepostas, é feita de compreensão, pensamento crítico, administração de conflitos e principalmente de amor pela mudança, seja ela estrutural ou social. Para mudar é necessário sair da zona de conforto e isso demanda tempo e força de vontade. E foi exatamente isso que visualizamos em nossos alunos durante a fase de execução do projeto, uma força que vem da vontade de mudança, uma força que vem da vontade de se sentir pertencente a algum lugar, ser valorizado, aceito e principalmente ouvido.

A nós professoras resta apenas um olhar de orgulho e satisfação, mas não de ter cumprido um dever, mas de ter semeado a semente da mudança em cada um, de forma que sua percepção sobre o mundo que o cerca seja além do que sua visão pode alcançar, mas sim do que seu coração possa ver. Não deixamos um sentimento de dever cumprido, mas do início de um caminho que deve ser percorrido em busca de uma escola que seja a representação do sonho de cada aluno, professor e comunidade em geral, enfim, uma escola que saia do mundo dos sonhos e seja parte da nossa realidade.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, M.E.B. de. Como se trabalha com projetos (Entrevista). **Revista TV ESCOLA**. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, nº 22, março/abril, 2002.

BETTO. F. **Artigo Escola dos Meus Sonhos**, 20 de julho, 2013. Disponível em:
<http://camaradecultura.org/a-escola-dos-meus-sonhos-artigo-de-frei-betto/>. Acessado em: 20/03/2020

MEDEIROS A.B; MENDONÇAS,M.J.S.L. A importância da educação ambiental na escola nas séries iniciais. **Revista Faculdade Montes Belos**, vol. 4, nº 12011.

SAINT-EXUPÉRY, A, de. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. 48º ed., 18ª impr. Rio de Janeiro: Agir, 2005. 96 p.

HISTÓRIA NA TEORIA E NA PRÁTICA – O RESULTADO DE UMA EXPERIÊNCIA COM TURMAS DOS NONOS ANOS

Rafael Mascarenhas Matos¹⁰

INTRODUÇÃO

No grande campo do conhecimento onde encontra-se as Ciências Humanas, compreende-se que “a expressão ciências humanas refere-se àquelas ciências que têm o ser humano como objeto do conhecimento, o que determina um posicionamento altamente especial para as mesmas”. Pirygogine (1997, p. 35). Quando se fala de História logo o imaginário se coloca no espaço reservado ao que é ensinado e aprendido. Aquela disciplina das Ciências Humanas considerada como a “tia velha” desse campo do conhecimento, nas palavras de Ribeiro Junior (2018).

Porém a evidência aqui apresentada contempla uma possibilidade de desmistificação – ou reconstrução - desse imaginário e coloca em debate a importância da compreensão do passado para uma consciência do presente, lançamento das perspectivas futuras, bem como sobre seu progresso social, conforme (CARR, 1982, p.137). Para tanto, faz-se necessária uma abertura teórico-valorativa pelo professor, na qual, diante das possibilidades, a escola e o aprendizado se encontram-se não resumidos nos tijolos e concreto que cercam a escola, mas para além dela.

Nessa esteira surge a proposta descrita nas próximas linhas, ano de 2019, planejada para a disciplina de História, junto às duas turmas dos 9º anos da Escola Estadual Antônio Pinto Pereira, do município de Jardim. Com o currículo voltado para um estudo que necessitou um debruçamento que abarcava a unidade temática do Totalitarismo e conflitos mundiais (SED, 2019) foi onde definiu-se toda a ação. Nesse sentido, apresentada a ação do conteúdo para além dos totalitarismos e conflitos mundiais, mas como oportunidade para contemplar os Temas Contemporâneos do Currículo de MS: cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural (Ibidem).

¹⁰Escola Estadual Antonio Pinto Pereira. Email: proinforafael@gmail.com

NO CAMPO DE BATALHA

Mato Grosso do Sul não conta com um museu específico sobre a temática de guerras ou conflitos mundiais, exceto alguns espaços destinados à preservação de alguns artefatos de conflitos mais regionais, como por exemplo o museu da CER-3 – localizado nas dependências do quartel do Exército Brasileiro, em Jardim, e do museu localizado no Parque Histórico Colônia Militar dos Dourados, no município de Antônio João.

Referente ao exposto e do desenvolvimento da unidade temática que envolviam estudos com essas turmas sobre conflitos mundiais, foi planejada uma sequência de seis aulas teóricas que envolveriam os estudos sobre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais (ARARIPE, 2006; TOTA, 2006) com abordagens que esquadriharam os campos econômicos, políticos e sociais nos eventos e suas consequências no constructo do mundo contemporâneo. No entanto, os eventos que se transcorreram, especialmente em território distante das realidades dos estudantes, apontaram uma necessidade de vivência em espaços que continham artefatos históricos de conflitos, não necessariamente das guerras citadas, mas que pudessem elucidar um pouco desse cenário. Para tanto, foram contempladas mais 4 aulas, sendo 3 para uma visita do museu aqui citado e localizado em Antônio João, e 1 última para discussão da visita, avaliação e fechamento do estudo.

Durante as aulas teóricas foram disponibilizados aos estudantes materiais para o estudo histórico juntamente com exercícios, sendo portanto, 3 aulas para cada conflito. A exposição do conteúdo com utilização de recursos contidos na escola como mapas, sala de tecnologia educacional, e mapas mentais, despertaram um forte interesse ao tema, especialmente quando se é promovido junto a formação dos países – e povos - envolvidos no presente, diante de eventos históricos.

Para a vivência prática, uma parceria com o próprio Exército Brasileiro foi firmada e resultou no transporte que fez o traslado de Jardim à Colônia Militar dos Dourados, ocorrido no mês de agosto. Na oportunidade os estudantes, acompanhados pelo professor da disciplina de História, este que vos redigi, juntamente com o coordenador pedagógico Alex Sandro Regmunt, fomos recebidos pelos militares do local para uma apresentação inicial do parque, que mencionou que a área também foi palco de combates da Guerra do Paraguai (DORATIOTO, 2006).

Dentro do museu os estudantes tiveram contato com uma série de objetos e artefatos históricos que (alguns) rememoram da época do império, bem como de conflitos que foram utilizados em batalhas. As expressões no rosto de cada um variavam entre grandes surpresas, curiosidades, desconfiança, sob os olhares atentos ao guia local, ao professor e aos objetos expostos.

Foi articulada uma programação para o dia fora da escola, dessa maneira os estudantes após sua visita ao museu e aos grandes artefatos expostos do lado de fora do mesmo, como os tanques de guerra, se serviram de um almoço disponibilizado pela escola e aproveitaram algumas horas dentro do Parque Histórico, antes do retorno.



Figura 6 - Estudantes no Parque Histórico Colônia dos Dourados. (MATOS, 2019).



Figura 7 - Estudantes no Parque Histórico Colônia dos Dourados. (MATOS, 2019).

Para o encerramento de toda programação foi disponibilizada uma aula final já na escola para avaliação de todo trabalho, conhecimentos adquiridos, novas experiências ofertadas e socialização com os colegas, que por algum motivo não puderam ir. A avaliação foi extremamente positiva, especialmente quando se volta os olhares para a História como uma disciplina rígida e bruta, de acordo com Nikitiuk (2001, p.48), e que se distancia das demais Ciências Humanas justamente por esse conservadorismo que emerge da própria academia que têm seus cânones hegemônicos eurocentrados, e que na experiência houve a oportunidade de analisar holisticamente para nosso território.

E O QUE FICOU?

Os resultados da experiência foram sentidos nas aulas seguintes com envolvimento e comprometimento dos estudantes nas propostas do professor. Seria um misto de agradecimento pela oportunidade, ou o despertar de uma curiosidade? De acordo com as competências socioemocionais do Instituto Ayrton Senna (2020), responderia a questões como o despertar da curiosidade, juntamente com as macro competências: Abertura ao novo e Engajamento com os outros e que por fim culminou na Autogestão.

Acrescento, ainda que, das dez competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (MEC, 2017), ao menos duas foram alcançadas: o conhecimento e o pensamento científico, crítico e criativo. Essa possibilidade de acreditar que algo possa ter marcado positivamente a vida de um estudante no conhecimento da História, trazendo o gosto pelo aprender a aprender, e esse aprendizado que não está só no eu, mas no eu com o outro, que possibilita uma série de relações sociais de crescimento, torna o fazer docente algo com muito mais significado.

SUBINDO NO ÔNIBUS PARA IR EMBORA

Concluo todo esse relato considerando como uma experiência extremamente positiva. O trabalho que se coloca para a realização de tal atividade é custoso no tempo e no cansaço físico e mental, mas os resultados são revigorantes quando se têm outros sujeitos transformados, por uma ação que ao analisar sob essa lente vale cada esforço ali depositado.

Os estudantes puderam ver elementos que eram de guerras, de conflitos, de batalhas, talvez não as que estudaram na teoria como foi o caso das Primeira e Segunda Guerra, e pelas possibilidades sociais impostas, mas chegar o mais próximo de eventos que marcaram a história, marcaram vidas, famílias, transformaram pessoas e sociedades, criaram culturas, e contribuíram na construção cultural (NIKITIUK, 2001, p. 51) do sujeito sul-mato-grossense e, que no final, demonstraram em suas narrativas tudo o que seus olhos e sensações puderam capturar, já no próprio retorno para a escola. O objetivo era promover esse contato para um debate posterior das impressões e foi plenamente alcançado.

Trazer a História para seu lugar de protagonismo, não como a “tia velha”, mas buscar um outro lugar, nesse contexto familiar que ela está inserida na família Ciências Humanas, é possível, desde que a abertura ao novo não ocorra apenas com o estudante, mas que se inicie primeiramente em quem vai instigar todo um processo de discussão sobre um tema, o professor.

REFERÊNCIAS

ARARIPE, L. A. Primeira Guerra Mundial. In: **História das Guerras**. Magnoli, D. (Org.). 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 319-354.

CARR, E. H. **Que é história?** Tradução: Lúcia Maurício de Alverga. 3 ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHARTIER, R. **A história cultural** – Entre práticas e representações. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2 ed. São Paulo: Memória e Sociedade, 2002.

DORATIOTO, F. Guerra do Paraguai. In: **História das Guerras**. Magnoli, D. (Org.). 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 253-286.

INSTITUTO AYRTON SENNA. **Desenvolvimento pleno**. Disponível em:
<<https://institutoayrtonsenna.org.br/pt-br/BNCC/desenvolvimento.html>>. Acessado em 20/09/2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em:
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acessado em 19/09/2020.

NIKITIUK, S. M. L. (Org.). **Repensando o ensino de história**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PRYGOGINE, I. **O fim da era das certezas**. São Paulo: Ática, 1997.

RIBEIRO JÚNIOR, B. I. Estudos queer na historiografia brasileira (2008-2016). In: **História & Teoria Queer**. SOUZA NETO, M. R.; GOMES, A. R. (Orgs). Salvador: Devires, 2018. p. 104-128.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo de Referência de Mato Grosso do Sul. Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Disponível em: <<http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Curr%C3%ADculo-MS-V26.pdf>>. Acessado em 21/09/2020.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Estado de Educação. **Referencial Curricular da Rede Estadual de Mato Grosso do Sul Ensino Fundamental**. Campo Grande, 2012. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/0B_GS8ajCd1FeDYtSjlGdG9hWk1oUC1UMIFKempPV2dNeTdF/view>. Acessado em 21/09/2020.

TOTA, P. Segunda Guerra Mundial. **História das Guerras**. Magnoli, D. (Org.). 3 ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 355-390.

HISTÓRIA DE CAMPO GRANDE

Heloisa Mafalda da Cruz Lucena¹¹

Mariene Ferreira Fernandes

INTRODUÇÃO

O presente relato trata-se da experiência vivenciada na Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno, por meio da proposta da Direção escolar em desenvolvermos projetos para estimular e motivar os estudantes no período de aulas remotas, devido pandemia COVID-19, realizada por meio de reunião online utilizando-se da ferramenta do MEET em 20 de junho de 2020, na qual resultou a sugestão do "Concurso de desenho- História de Campo Grande", orientado pela professora regente Mariene Ferreira Fernandes do 5º ano- Ensino Fundamental I, sendo apresentado posteriormente aos demais professores dos 4º e 5º anos, de forma interdisciplinar e a partir da data de 24 de junho, passaram a integrar a equipe, por meio do grupo de WhatsApp, para iniciarmos as ações do referido projeto.

METODOLOGIA

O projeto Concurso de Desenho- "História de Campo Grande", realizado na Escola Estadual Professora Fausta Garcia Bueno, em referência ao aniversário da cidade de Campo Grande- MS em 26 de agosto, desenvolveu-se por meio de desenhos dos pontos turísticos, destacando o nome do lugar, ano em que foi criado e sua importância histórica.

A partir da necessidade de projetos no período das aulas remotas, devido a pandemia COVID-19, com o objetivo de motivar a aprendizagem dos estudantes nas APCs (Atividades Pedagógicas Complementares), o Concurso de Desenho contou com um regulamento especificando todas as ações, entre elas as regras descritas foram: 1-Desenhos de pontos turísticos da Cidade de Campo Grande-MS, elaborados individualmente pelos estudantes com técnicas livres de criação e arte, sendo coloridos e com legendas explicativas dos referidos pontos, não podendo ser digital; 2- Premiações para os três primeiros lugares, contendo itens como brinquedos, materiais escolares e doces, diferenciando-se apenas nos tamanhos dos Kits.

Após a formação do grupo pelo WhatsApp, foram elaboradas as metas e ações, iniciando com cartaz ilustrativo, fazendo a referida propagação do Concurso, bem como as regras e premiações, descritas também as datas da entrega do desenho na escola e dos resultados. Em

¹¹ Escola Estadual Profª. Fausta Garcia Bueno - e-mail: heloisa.120032@edutec.sed.ms.gov.br

30 de junho foi fixado o cartaz na escola, para o início da divulgação do concurso para os estudantes, familiares e comunidade, a partir de 07 de julho foi transmitido o vídeo sobre o concurso, pelas ferramentas Facebook e Instagram da escola. Após esse período, as APCs (dos 4º e 5º anos) para o mês de agosto, foram produzidas, incluindo também os temas de Campo Grande MS e sendo mencionado nas mesmas sobre o concurso.

As entregas aos estudantes foram programadas para 03 de agosto, preparadas individualmente contendo APC para o mês de agosto, folder de propaganda com as regras do concurso e a folha para o desenho, com a identificação do estudante. No dia 05 de agosto, a Direção Escolar, atendendo a nossa solicitação, redigiu e nos repassou autorização para visita ao comércio local, de forma a arrecadarmos brindes para composição dos Kits. A partir do dia de 10 de agosto, nós, professoras Heloisa e Mariene fomos a campo e realizamos as visitas ao comércio local, arrecadando doações. Durante a interação escola e comunidade, percebemos o acolhimento e a admiração da proposta em um período de pandemia, assim como citou em vídeo o gerente de um dos supermercados da região "foi muito importante esse projeto, pois as crianças estão desmotivadas em casa e essa é uma forma de fazê-los interagir com a família e querer participar, porque vão concorrer a prêmios".

No dia 14 de agosto, fomos à escola e dividimos nossas ações da seguinte forma: ligação para os pais estimulando a participação no concurso e a montagem do painel, nesse momento compareceu na escola uma aluna do 5º ano, para entregar o desenho do concurso, ela deu o seguinte depoimento "eu não lembrava os locais de Campo Grande para poder desenhar, foi onde minha mãe me mostrou as imagens do que eu poderia fazer, eu achei muito legal poder participar de um concurso". Com a arrecadação de recursos pelos professores envolvidos no projeto, compramos doces, no dia 17 de agosto, para iniciar as montagens dos Kits.

Nessa mesma data foi comunicado pela SED, que devido ao aumento das contaminações pela pandemia, a escola ficaria fechada no período de 18 a 23 de agosto, com isso novas ações precisaram ser tomadas, de forma efetiva para a retomada e continuidade do concurso, entre a colocação do cartaz explicativo na escola e a prorrogando, para o dia 24 de agosto, da entrega dos desenhos feitos pelos estudantes. Nesse período de fechamento da escola, em paralelo, criamos os certificados e a arte das camisetas com a mesma imagem do cartaz inicial do concurso. Ainda no dia 20 de agosto contamos com duas doações em dinheiro, com as quais no dia 21 de agosto compramos brinquedos e finalizamos as montagens dos Kits. No dia 24 de agosto finalizamos a decoração no espaço físico da escola, segundo as normas de biossegurança, exigidas no período de pandemia, organizamos um local para fotos, mesa dos jurados, imagens dos pontos turísticos de Campo Grande, bem como alguns símbolos da cidade, com: bandeira e mapa.

Conforme o regulamento, foi realizado nesse mesmo dia às 16 horas o julgamento, composto por três funcionários da escola. O resultado dos três primeiros ganhadores após a contagem de pontos pela Direção escolar, foram comunicados por meio de ligação telefônica aos familiares para que os mesmos viessem no dia seguinte às 14 horas para premiação. Em 25 de agosto, levamos os brindes e certificados, e com toda equipe, caracterizados com as camisetas do

concurso, utilizando os equipamentos exigidos pelas medidas de biossegurança necessários, como: luvas, máscaras e álcool em gel, aguardamos os familiares com os três ganhadores.

Conforme cada ganhador foi chegando, foi realizada a entrega dos certificados e brindes, documentada em fotos e vídeos nos quais foram registrados depoimentos dos pais e estudantes de como esse concurso aproximou a família em todo o processo, para o desenvolvimento do desenho, envolvendo pesquisas, visitas e discussões. Além desse envolvimento na atividade escolar, destacaram o envolvimento emocional que os motivou a participarem.

Para o encerramento, após o dia 26 de agosto, que foi o aniversário da cidade, retornamos na escola no dia 28 de agosto, durante todo o dia, para a entrega dos certificados e brindes aos estudantes participantes, pois devido ao período de isolamento, os estudantes compareceram de forma escalonada, para não haver aglomeração. Ainda, ao final do dia, foi realizado um sorteio de uma camiseta do concurso aos estudantes que realizaram as APCs do mês de agosto.

Com essa experiência de projeto, no qual envolvemos escola, família e comunidade, nesse período atípico de aulas remotas, conseguimos uma interação e participação efetiva de ambas as partes e, apesar de, não estarmos juntos aos estudantes, eles compartilharam dessa experiência tornando-se um trabalho de excelência, sendo reconhecido e divulgado em sites ligados a Educação e na Rede de Televisão Aberta, consolidando-se como um projeto incluso no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, no ano de 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No início do projeto, tínhamos como objetivo, o desenvolvimento de uma atividade para sala de aula, porém no decorrer dos dias, novos desafios e ideias foram surgindo, ao passo que tornou-se um concurso, com ações ampliadas, geradas pela necessidade de envolvimento do comércio local, bem como de todo o comércio de Campo Grande, que recebeu e “abraçou” o projeto, participando com as doações dos brindes.

No desenvolvimento do projeto, entre outras expectativas que nos surpreenderam, foi a participação e envolvimento da família, por meio de depoimentos e agradecimentos de proporcionarmos esse projeto aos estudantes. Constatamos a presença familiar nas pesquisas, nas visitas aos pontos turísticos e em todo o embasamento teórico da história do local.

A experiência com o concurso nos possibilitou ver como foi importante a escola estar viva e com projetos motivadores que envolvam a todos: escola, família e comunidade. Percebemos o entusiasmo de todos os envolvidos e a necessidade de ações como essas serem desenvolvidas com maior frequência.

O processo pedagógico, mesmo que no período de pandemia, desenvolveu-se de forma clara e objetiva, sendo acolhido, desenvolvido e compartilhado com todos, observando que ao se tratar de crianças há uma grande abertura e disponibilidade das pessoas.

As dificuldades apareceram nas interações do grupo, até mesmo por estarmos em isolamento, e por vezes não contarmos com a presença dos demais integrantes.

Ao encerrarmos o concurso observamos a importância e a necessidade de se incluir projetos na educação, de forma a proporcionar uma aprendizagem dinâmica e motivadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos estabelecidos no projeto foram alcançados, bem como superaram nossas expectativas. Além do apoio da Direção e da Coordenação Escolar, houve um grande envolvimento dos estudantes e participação ativa da família e comunidade, tornando o projeto um processo contínuo na escola, previsto no PPP. Dessa forma, contribuímos com o processo de ensino-aprendizagem do estudante, mostrando que mesmo com dificuldades impostas pelo período pandêmico, conseguimos desenvolver as atividades e integrar escola, família e comunidade, superando todas as intempéries.

REFERÊNCIAS

Ministério da Educação. Elaboração de Projetos. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/elaboracao.pdf> . 2003. Acesso em 21 de agosto de 2020.

Heloisa Amaral. Orientações Relato de Experiência. Disponível em:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/2169/orientacoes-relato-de-experiencia-2006.pdf>. 2006. Acesso em 04 de setembro de 2020.

Rita Braga. Relato de experiência como escrever. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QH3MIJmX6Wk>. 2020. Acesso em 05 de setembro de 2020.

Carla Dendasck. Relato de Caso ou Relato de Experiência – Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=clyqE3S1fuk>. 2020. Acesso em 05 de setembro de 2020.

Lev Vygotsky. Frases de Vygotsky e Piaget. Disponível em:

https://www.pensador.com/frases_de_vigotsky_e_piaget/. Acesso em 10 de setembro de 2020.

INTERVENÇÕES DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL EM TEMPOS DE PANDEMIA

Alessandra dos Santos Olmedo¹²

Sirley dos Santos G. Bernardo

INTRODUÇÃO

A suspensão das aulas presenciais nas unidades escolares da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul ocorreu por meio do decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020, que dispõe sobre medidas temporárias a serem adotadas no âmbito da Administração Pública do Estado de Mato Grosso do Sul, para prevenção do contágio da doença Novo Coronavírus - COVID-19, estas medidas seriam essenciais para deter a propagação do vírus (MATO GROSSO DO SUL, 2020).

De acordo com a Resolução da Secretaria de Estado de Educação nº. 3.745, de 19 de março de 2020, caberia às unidades escolares a organização, a fim de estabelecer contato para que os estudantes recebessem as Atividades Pedagógicas Complementares

Art. 2º Compete à Direção Escolar estabelecer, em conjunto com a equipe técnico-pedagógica, o modo de comunicação com o estudante, se maior de idade, ou pai/mãe ou responsável, se menor de idade, a fim de garantir o envio e recebimento das Atividades Pedagógicas Complementares – APC, a serem realizadas pelo estudante no período de suspensão das aulas presenciais, conforme estabelecido em legislação (SED, p. 1, 2020).

Tal tarefa já seria um desafio, sobretudo, para a Escola Estadual Vilmar Vieira Matos que é uma unidade escolar que funciona com 17 (dezessete) salas de aula, nas quais estão distribuídas 34 (trinta e quatro) turmas nos turnos matutino e vespertino, 09 (nove) turmas no período noturno, totalizando 1397 estudantes. O quadro docente da escola conta com um total de 150 professores, de acordo com o Projeto Político Pedagógico da Escola (PPP, 2019).

A escola se organizou, inicialmente, em grupos de WhatsApp para o envio das Atividades Pedagógicas Complementares, estes grupos são compostos pelos pais dos estudantes no Ensino Fundamental I e II, responsáveis por repassar as atividades aos filhos, tal conexão tornou a comunicação familiar muito próxima entre professores, pais, estudantes e coordenação pedagógica.

¹²Escola Estadual Vilmar Vieira Matos, e-mail: alessandra.9829@edutec.sed.ms.gov.br

As famílias e/ou estudantes são encaminhados à psicóloga escolar após a coordenação pedagógica detectar na escuta, ou na ausência das atividades escolares as dificuldades como a resistência ao ensino remoto, problemas de aprendizagem, rebeldia, rejeição, tanto por parte da família, como pelos estudantes. Alguns relatam graves problemas emocionais e de saúde.

Segundo Andrada (2005), existem algumas possibilidades de intervenção na escola por parte do psicólogo educacional

- Diagnóstico e encaminhamento das crianças com suspeita de dificuldades de aprendizagem para especialistas da área.
- Acompanhamento do processo de aprendizagem dos alunos com dificuldades de aprendizagem.
- Criação de estratégias psicopedagógicas junto à equipe escolar e professores envolvidos.
- Ouvir os professores, suas demandas e fazê-los participar em alguns dos atendimentos com as crianças, repensando novas práticas e novos olhares sobre o aluno que chama de “problema”.
- Participar das reuniões e conselhos de classe, nas quais o psicólogo poderá estabelecer novas maneiras de perceber o processo educacional dos alunos, evitando rótulos, diagnósticos imprecisos e hipóteses únicas e fechadas. (ANDRADA, 2005, p. 165).

Este relato é parte da ação conjunta do encaminhamento da coordenação pedagógica à psicóloga educacional a partir de março de 2020 de estudantes dos 6º anos do turno vespertino da Escola Estadual Vilmar Vieira Matos, dentro do contexto de Vida Familiar e Social, preconizado nos Temas Contemporâneos do Currículo de Referência (SED, 2018).

METODOLOGIA

O presente trabalho é realizado em parceria com a coordenação pedagógica dos 6º anos, na tentativa de realizar uma ação acolhedora que articule práticas e estabeleça conexões com as redes de atendimento ao estudante, professores e famílias de forma remota, no intuito de avançá-los quanto a escolaridade e superação das expectativas da aprendizagem. Contudo, se observa que para além dos esforços pedagógicos, as queixas escolares têm sido acentuadas em relação aos obstáculos inerentes aos aspectos da resiliência.

A resiliência é definida no Dicionário de Psicologia da APA (American Psychological Association) (2010) como a capacidade psicológica de se adaptar às circunstâncias estressoras e se recuperar de eventos adversos, especialmente através da flexibilidade mental, emocional, comportamental e ajustamento das demandas externas e internas. Neste contexto, a comunidade escolar tem enfrentado dificuldades para superar os entraves contemporâneos e expandir em relação à aprendizagem, considerando o contexto da crise mundial relacionada à saúde, já que a ordem social foi alterada em decorrência da pandemia.

Após a escuta ativa são tomados os devidos encaminhamentos em vistas a cumprir o Estatuto da Criança e do Adolescente Art. 53. "A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho" (BRASIL, 1990).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Pasini, Carvalho e Almeida (2020) a dor causada pela perda de pessoas, o afastamento, ou isolamento social, causaram uma desestruturação no sistema regular e presencial de ensino. E, conseqüentemente, a crise sanitária está trazendo uma revolução pedagógica para o ensino presencial, a mais forte desde o surgimento da tecnologia contemporânea de informação e de comunicação.

Nessa visão a psicologia educacional com foco no desenvolvimento do estudante, como postula Andrada (2005), atua no acolhimento, por meio da busca ativa através dos recursos postos por meio das ferramentas digitais, como os diversos aplicativos dispostos para a socialização das camadas sociais com referência à educação, com relevância a escola oferece a escuta ativa, para assim diagnosticar e encaminhar para profissionais clínicos especializados, nesse olhar há o contato com a rede de atendimento, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), o qual é a porta de entrada da Assistência Social, onde são oferecidos os serviços de Assistência Social, com o objetivo de fortalecer a convivência com a família e com a comunidade.

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) é a unidade pública da política de Assistência Social onde são atendidas famílias e pessoas que estão em situação de risco social ou que tiveram seus direitos violados e conforme Brasil (1990), tanto crianças como adolescentes têm direito assegurada, tanto junto a Assistência Social, quanto às Unidades Básicas de Saúde (UBS).

A partir do encaminhamento para a Rede Socioassistencial, a priori, entra-se em contato com a equipe gestora escolar e logo após com a equipe de atendimento na qual ocorrerá o atendimento ao estudante, para juntos traçar ou estabelecer a forma de acompanhamento no atendimento, pois ele precisa ser amparado em relação ao desenvolvimento escolar, na intenção de evitar o abandono escolar que pode incorrer na evasão e causar prejuízos e danos para o próprio indivíduo, sociedade e Estado.

Diante do exposto, consideram-se os cuidados em relação ao COVID-19, e fazem-se orientações dos casos dando relevância para o bem estar biopsicossocial do estudante, a posteriori se preconiza com o corpo docente sobre a elaboração de estratégias para a aprendizagem e demais equipes que atuam em parceria para o desenvolvimento escolar do estudante, assim observando e ouvindo todos os envolvidos na interação do convívio do estudante para que haja o entendimento das causas.

As ações são planejadas antes, durante e após reuniões oficiais, extras oficiais e conselhos de classes, a fim de constituir novos olhares no processo da escolaridade do estudante, no intuito de constituir hipóteses falsas, diagnósticos incorretos e rótulos, já que os mesmos barram o desenvolvimento do estudante como ser biopsicossocial, tais procedimentos são amparados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) e pelo Currículo de Referência (MATO GROSSO DO SUL, 2018).

Quanto às práticas da Psicologia Educacional aqui apresentadas, as observações têm sido nas queixas escolares que apresentam-se por meio das dificuldades de interações relacionais, pouco interesse em adaptar-se a nova estrutura imposta pelo isolamento social, com desmotivação, por falta de afetividade familiar, falta de vínculo professor-aluno, aluno-professor, já que a convivência escolar é alterada em devido as precauções relacionados a COVID-19.

Após ouvir os estudantes e suas famílias, as intervenções acontecem com base nos critérios da psicologia educacional, para dar sequência aos encaminhamentos estes relatos são apresentados à Direção Escolar, para a Coordenação Pedagógica e para os professores, das quais identificam-se as necessidades das respectivas ações a serem desenvolvidas na construção de técnicas para solucionar as demandas que surgem, como entraves do desenvolvimento escolar do estudante, segundo Andrada (2005).

Como resultados, a partir dos casos encaminhados temos relatos de estudantes que retomam as atividades, agradecem à escola pela insistência da psicóloga, pois, muitos levaram até um bimestre a responder as mensagens e ligações. Porém, infelizmente, temos situações de encaminhamentos ao Conselho Tutelar devido o total abandono das APCs, que configuram evasão escolar (BRASIL, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A situação do distanciamento social interferiu profundamente nas relações interpessoais e teme-se a perda dos processos de ensino e aprendizagens, além da escola desempenhar um importante papel social, considera-se, que as intervenções realizadas pela psicóloga educacional em parceria com a coordenação pedagógica são de grande importância para amenizar essas perdas e garantir aos estudantes o direito à educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. Focos de intervenção em psicologia escolar. *Psicol. Esc. Educ.*, vol. 9, n. 1, 2005.

BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. **Diário Oficial da União** de 16 de julho de 1990 – ECA. Brasília, DF.

MATO GROSSO DO SUL, Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020 Dispõe sobre medidas temporárias a serem adotadas no âmbito da Administração Pública do Estado de Mato Grosso do Sul, para prevenção do contágio da doença COVID-19S. **Diário Oficial Eletrônico, Campo Grande**, MS, ANO XLII, n. 10.115, p. 2-5, 2020. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO10115_16_03_2020> Acesso em: 21 de ago 2020

_____. Secretaria de Estado de Educação, Resolução n. 3.745, de 19 de março de 2020 Regulamenta o Decreto n. 15.391, de 16 de março de 2020 e a oferta de Atividades Pedagógicas Complementares nas Unidades Escolares e Centros. **Diário Oficial Eletrônico**, Campo Grande, MS, ANO XLII n. 10.120, p. 1-6. Disponível em: <https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO10120_19_03_2020> Acesso em: 22 de ago 2020

_____. Secretaria de Estado de Educação. **Currículo de referência de Mato Grosso do Sul**, 2018. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2020/02/curriculo_v110.pdf> Acesso em: 14 de jul 2020.

PASINI, C. G. D.; CARVALHO, E.; ALMEIDA, L. H. C. A Educação Híbrida em tempos de Pandemia: algumas considerações. In: **Observatório Socioeconômico da COVID-19**, projeto realizado pelo Grupo de Estudos em Administração Pública, Econômica e Financeira (GEAPEF) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Disponível em: <<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2020/06/Textos-para-Discussao-09-Educacao-Hibrida-em-Tempos-de-Pandemia.pdf>> Acesso em 22 de ago 2020.

PPP. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual Vilmar Viera Matos. Dourados, Mato Grosso do Sul, 2019.

VANDENBOS, G. R. (Org.). **Dicionário de Psicologia da APA**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MÁSCARAS AFRICANAS EM PAPEL MACHÊ

Ercília de Souza Estigarribia¹³

Alessandra dos Santos Olmedo

INTRODUÇÃO

Na observação do Currículo Escolar, constata-se que os conhecimentos ainda são hegemonicamente de base eurocêntrica, contribuindo para o tratamento desigual na escolarização da população negra ao não levar em consideração sua história. Assim, a inclusão de conhecimentos sobre a educação das relações étnico-raciais e sobre a história e cultura afro-brasileira e africana, protagonizada pelo movimento negro representa um avanço político e pedagógico na história da educação e da escola brasileira (PASSOS; SANTOS, 2018).

Desta feita, a Lei 10391/2003 determina que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira” (BRASIL, 2013).

E como destaca Araújo (2018), a educação formal é uma das principais instituições nesse processo por atuar cotidiana e diretamente na aquisição de conhecimentos. Se os conhecimentos por ela desenvolvidos e apresentados são “mono-históricos” e fundamentados sob a ótica do colonizador, inevitavelmente o processo de retomada da iniciativa histórica perde a validade. É preciso, portanto, descolonizar o currículo, os conhecimentos e as mentes.

Para proporcionar a formação integral e o pleno desenvolvimento dos estudantes, a Escola Estadual Vilmar Vieira Matos possui tradição em realizar uma feira de Arte e Cultura, a ARTIV, que no ano de 2019 completou a sua XV edição, com o tema “Dourados Terra de Todos os Povos”, com ampla participação de toda a comunidade escolar. Todos os trabalhos de Arte produzidos durante o ano são expostos, além de ocorrerem apresentações do coral e desfiles temáticos.

Este relato de experiência contempla a disciplina de Arte e o componente curricular é a Cultura Afro-brasileira com estudantes do 9º ano, do Ensino Fundamental (EF) matutino e os resultados que culminaram na elaboração de máscaras africanas, por se tratarem das obras de arte africanas mais conhecidas e admiradas no Ocidente, segundo Bevilacqua (2018).

¹³Escola Estadual Vilmar Vieira Matos. E-mail: ercilia.90487@edutec.sed.ms.gov.br

Desta maneira o objetivo do projeto foi o de proporcionar aos estudantes conhecerem por meio da pesquisa e se apropriar desta arte para a confecção, em duplas, de máscaras africanas em papel machê para expor durante a ARTIV no ano de 2019.

METODOLOGIA

A atividade pautou-se em alguns princípios de atividades investigativas, como resolver o problema em questão e a sistematização do conhecimento elaborado pelo grupo (CARVALHO, 2013). A professora de Arte fez a proposta da construção das máscaras, observando as figuras da obra de Bevilacqua (2018) aos 35 estudantes do 9º ano do EF matutino e que seu produto seria exposto na ARTIV. Os estudantes foram incentivados a realizarem pesquisas na *internet* a respeito do tema em duplas, para posteriormente apresentarem os protótipos de suas pesquisas à professora.

O processo produtivo do papel machê compreende muito mais que uma única fórmula, conforme Souza (1999), em alguns lugares pessoas que desenvolveram métodos próprios, chegaram inclusive a guardá-los secretamente. Sendo assim, após esta socialização da cultura africana e da importância e representatividade das máscaras, eles também deveriam pesquisar um protocolo de papel machê, à medida que tivessem dúvidas poderiam recorrer à professora, durante as quatro aulas destinadas para esta atividade. Uma vez, as máscaras prontas, poderiam ser coloridas com tinta.

O produto final da confecção das máscaras foi exposto na ARTIV e integrou a ambientação da sala.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na implementação destes conteúdos, não basta apenas a exposição dos temas, para que ocorra a valorização da cultura, segundo Chagas (2017), é imprescindível planejar as ações a serem desenvolvidas, de modo que os conteúdos e as abordagens sejam compatíveis com os níveis de escolaridade das crianças ou adolescentes, e assim oportunizem a elas construir outras referências acerca da África, dos/as africanos/as e das culturas que essa gente reinventou no Brasil, como também perceberem-se e identificarem-se nas expressões culturais afro-brasileiras, valorizando-as e respeitando-as, pois, também, como suas.

A construção das máscaras, desde a pesquisa, modelagem do papel machê proporcionou aos estudantes contato com a cultura e como nos atenta Carvalho (2003) para essa questão, é com base nesses conhecimentos anteriores e na manipulação do material escolhido que os alunos vão levantar suas hipóteses e testá-las para resolver o problema, até sua exposição. O problema em questão, seria a construção do objeto artístico. Eles encontram dificuldades para modelar as

máscaras, no entanto, produziram excelentes materiais que resultaram em uma ótima ambientação da sala de exposição.

O termo papel machê significa, literalmente, papel mascado e o papel reciclado figura como material alternativo em face da possibilidade de reaproveitamento, como postula Souza (1999), configurando em uma atividade criativa e interessante que possibilitou reutilizar materiais que seriam descartados no meio ambiente.

Nas atividades pedagógicas desenvolvidas com o 9º ano do Ensino Fundamental, Araujo (2018) aponta que as modificações curriculares, ainda em curso, demandadas pela aprovação de um conjunto de leis, resoluções e diretrizes que fomentam o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação brasileira têm sido produzidas em campos conflituosos e, que se fazem necessários para a ruptura destes padrões, e que é um desafio para a escola, proporcionar atividades que avancem na valorização da cultura afro-brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas diferenciadas pode produzir nos estudantes, contato com a cultura afro-brasileira e proporcionar além do conhecimento, a valorização da cultura, dentro do contexto social, pois há muito a se aprender sobre o continente africano e os processos de recriação de suas culturas, presentes em todos os lugares do mundo para onde as diferentes etnias africanas foram dispersas, seja por processos comerciais, seja pela imigração espontânea, seja pelo movimento violento do tráfico negreiro.

As máscaras africanas são elementos culturais de extrema importância para os diversos povos que integram a África, diante destes fatos, conhecer a diversidade da cultura e a representatividade pode proporcionar ao estudante a formação de um espírito crítico e ético e romper os padrões de valorização da cultura ocidental.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, D.C. Em busca de uma iniciativa histórica africana: possibilidades e limites das práticas pedagógicas na educação básica. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, vol. 99, n. 252, 2018.

BEVILACQUA, J. Africana: o diálogo das formas 31 jul – 15 dez 2018. Centro Cultural Vale Maranhão. Disponível em: <<https://ccv-ma.org.br/app/uploads/2019/05/ccvm-africana-catalogo-digital.pdf>> Acesso em 12 de agos de 2020.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003, p. 01. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm> Acesso em 10/08/2020.

CARVALHO, A. M. P. **Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

CHAGAS, W. F. História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica da Paraíba. *Educ. Real.*, vol.42, n.1, p. 79-98, 2017.

PASSOS, J.C.; SANTOS, C.S.A. Educação das Relações Étnico-raciais na EJA: entre as potencialidades e os desafios da prática pedagógica. **Educ. rev.**, vol.34, 2018.

SOUZA, M. N. **Utilização do papel maché no desenvolvimento de novos produtos**. 84 f. 1999. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

NARRATIVAS IMERSIVAS EM CIÊNCIAS HUMANAS - TRABALHANDO COM *ROLE- PLAYING GAME* - RPG

Luana Oliveira Alves¹⁴

INTRODUÇÃO

O relato a seguir tem como objetivo apresentar o desenvolvimento das atividades do projeto da Eletiva III - Narrativas Imersivas, realizado com os estudantes do 9º ano A da Escola Estadual Professor Henrique Cirylo Corrêa, situada em Campo Grande - MS. Os estudantes da escola, em sua maioria, são moradores do bairro ou do seu entorno e estudam na escola desde o Ensino Fundamental I. A escola atua como Escola de Tempo Integral - Escola da Aatoria e atende do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio.

No início do ano, em aula debate sobre o tema a ser estudado na Eletiva III, os estudantes optaram por estudar as Ciências Humanas por meio de narrativas imersivas, as quais além da história há elementos que determinam a relação espaço/tempo e o ambiente em que o sujeito desenvolve enredos nos quais os sentidos são estimulados, proporcionando aproximação com o mundo real. Para Marinho (2014) "Muito além de um texto tradicional, que também é uma interface com mundos imaginários e concretos, os jogos são resultados de escrituras altamente sofisticadas que demandam conhecimento de muitas outras áreas."

Assim, o projeto tem como objetivo a criação de *Role-Playing Game/RPG*, no contexto das Ciências Humanas, ampliando a visão sobre a área de conhecimento, promovendo a autoria e o protagonismo dos estudantes e aproximando o contexto das personagens aos eventos dessa grande área.

Assim, começa buscando textos, informação, dados, livros, vídeos, fotos etc., para poder com eles analisar e escrever. Esse é um dos significados da pesquisa: seu uso pedagógico, para aprender como autor ("educar pela pesquisa") (DEMO, 1996); depois, com orientação docente, aprender que pesquisa tem um horizonte técnico fundamental, voltado para um buscar qualificado metodologicamente:

¹⁴Escola Estadual Professor Henrique Cirylo Corrêa. E-mail luana.45427@edutec.sed.ms.gov.br

não se trata de qualquer dado, qualquer texto, muito menos de qualquer produção (Demo, p. 89, 2018).

Os estudantes, por meio da criação de uma narrativa imersiva, têm a oportunidade de experimentar as Ciências Humanas a partir de outras vertentes, vivenciando as dificuldades e possibilidades desse conhecimento e como ele contribui para a vida em sociedade.

METODOLOGIA

As atividades são realizadas pelos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de acordo com as variadas áreas das Ciências Humanas, buscando aprender por uma perspectiva diferente do cotidiano de sala de aula, produzindo RPG no contexto desta área. Nesse sentido, o projeto aborda as Ciências Humanas sob uma ótica mais ampla, dando voz aos estudantes na construção dessas narrativas.

Inicialmente, os estudantes selecionaram jogos que tivessem como abordagem questões da área das Ciências Humanas, como exemplo: História, Geografia, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, Teologia, Psicologia, dentre outros. Para o estudante Marcus Vinícius Martins Duarte: *“Podemos jogar em uma época medieval com cavaleiros, reis, princesas e etc. Eu escolhi esse tema pois é muito legal e tem mais variedades de empregos e raças, as raças são como: Trolls, monstros, raça humana e assim por diante e isso deixa mais habilidades para o jogador. E isso tem a ver com ciências humanas por ter que obedecer o rei, fazer trabalhos de exploração e etc.”*

Em seguida, descreveram como funcionava o jogo selecionado. Posteriormente, a partir de sua imaginação como desenvolvedor de jogos, descreveram como seria um jogo inventado por eles abordando questões das Ciências Humanas: Qual o nome do jogo que você criou? Com este jogo seria possível outros colegas aprenderem sobre Ciências Humanas?

Posteriormente os estudantes aprofundaram-se no conhecimento sobre RPG, buscando informações como narrativa imersiva produzindo texto curto sobre o assunto. Neste momento também realizaram coletas de dados, de acordo com as suas experiências pessoais, sobre o RPG e suas possibilidades para jogar com temática da área de Ciências Humanas.

Na etapa seguinte, os estudantes responderam a pergunta de forma colaborativa: Qual tema de Ciências Humanas seria interessante jogar (RPG)? Foram orientados a pensar em uma temática de Ciências Humanas possível para jogar RPG explicando o motivo de sua escolha e a relação desta com as Ciências Humanas.

Para o desenrolar da criação do RPG, os estudantes foram estimulados a selecionarem dentro das áreas de conhecimento das Ciências Humanas um tema de seu interesse e a partir dele realizar coleta de dados, entrevistas, pesquisa histórica e produção de conteúdo. Além disso, os

estudantes trouxeram a temática de acordo com sua realidade e as experiências que o projeto estava proporcionando por meio do RPG.

A partir desta etapa, iniciaram a criação de RPG (jogos de interpretação de papéis), associado a área de conhecimento escolhida, tornando-se autor e roteirista do próprio estudo, por meio da interpretação da função dessa área de conhecimento na vida social, associando o desenvolvimento produtivo, tecnológico e científico.

O RPG criado pelos estudantes ficará disponível por meio do Caderno de RPG, elaborado por eles.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Observando os conceitos iniciais dos estudantes sobre RPG, é perceptível que o jogo é algo próximo do cotidiano que os cerca, como afirmam alguns dos alunos: *"...role-playing game quer dizer jogo de interpretar papéis mais conhecido como RPG para jogar você precisa ter imaginação e criatividade."*(Rafael Rodrigues de Souza Lima); *"Já ouvi falar, mas o meu conhecimento é que um grupo de amigos se reúne para construir uma história, como se fosse um teatro de improviso"* (Giovana Schmidt Mascarenhas); *"Eu e alguns amigos jogamos juntos desde pequenos"* (Roberto Pereira de Freitas Neto).

Ao desenvolver o roteiro os estudantes trazem amigos e familiares para o enredo, evidenciando essa proximidade com o RPG: *"Primeiramente me inspirei numa amiga chamada Maria Dias, ela é apaixonada por plantas raras e difíceis de serem encontradas, ela está atrás de uma planta muito rara chamada Maripuetro, essa planta tem poder de cura, ela está atrás dessa planta para poder curar a sua mãe que está muito doente, mas para ela encontrar essa planta o caminho é muito perigoso, tem os ogros, os pássaros venenosos e os chimpanzés."* (Yamin Pereira dos Santos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do contexto atual em que estamos - a pandemia do Novo Coronavírus - os estudantes estão desenvolvendo as etapas de construção do RPG autoral, seja na plataforma Google Classroom ou por meio de Atividades Pedagógicas Complementares Impressas. Desta forma, pretende-se ao final do projeto (quarto bimestre) disponibilizar e divulgar o RPG autoral de Ciências Humanas por meio dos Cadernos de RPG produzidos ao longo do projeto.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante [recurso eletrônico] / Pedro Demo. Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018. 180 p., 1,27 MB; PDF. Disponível em: <<http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/eBook-Atividades-de-Aprendizagem-Pedro-Demo.pdf>> Acesso em: 11 de set. de 2020.

MARINHO, F. C. C. Narrativas interativas e jogos digitais: considerações sobre formas de escrita, leitura e imersão. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/viewFile/1807-9288.2014v10n1p138/27429>>. Acesso em: 11 de set. de 2020.

MATO GROSSO DO SUL. Proposta Escola da Autoria - Ensino Fundamental. Campo Grande: SED, 2020.

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL DO SÉTIMO ANO: O PERÍODO DA QUARENTENA (2020)

Angelica de Souza Medeiros¹⁵

Daiane Stefane Lima Antunes

David Rodrigues Santana

INTRODUÇÃO

O ano de 2020 trouxe transformações para toda a educação com a pandemia do Covid-19. Nesse contexto, o ambiente escolar se tornou um dos espaços mais temidos pelo risco da transmissão do vírus, tornando assim, a *internet* e suas ferramentas tecnológicas, como a principal estratégia para dar continuidade no ensino escolar – ensino a distância. De acordo com Masseto(2000, p. 144-145), o professor “[...] se coloca como um facilitador, incentivador, motivador da aprendizagem, que se apresenta com disposição em ser uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem [...]”. Portanto, podemos compreender que no EAD, a experiência da aprendizagem acontece na correlação com o outro e com o meio, por intermédio da mediação – sendo as interações que possibilitam a construção do conhecimento.

Entretanto, as dificuldades de acesso – de alunos e professores – tornou a implementação da aprendizagem remota um dos pontos chaves para mudanças e transformações, tanto no ambiente escolar como, na sociedade em geral.

Para o ensino de História, as novas ferramentas tecnológicas adquiridas por meio da SED/MS se tornaram de grande importância pela facilidade da aprendizagem e aplicação. Todavia, alguns alunos ressaltam as dificuldades de estudo – tanto pelo fato de ser algo novo, mas também, de fatores adversos.

Segundo Brolezzi (2014, p. 5), a empatia irá se tornar uma ligação ao universo exterior e os conhecimentos que sobrepõem o sujeito, se contrapondo ao egocentrismo cognitivo. Dessa forma, devemos observar que as dificuldades notadas pelo professor devem ter em seu

¹⁵ EE Prof. Alberto Elpídio Ferreira Dias (Prof. Tito). E-mail: david.343737@edutec.sed.ms.gov.br; daiane.61207@edutec.sed.ms.gov.br

contexto a empatia com o aluno, buscando entender e motivá-lo para o desenvolvimento das atividades e, principalmente, o entendimento dos conteúdos.

O escopo deste trabalho é compreender o impacto do período da pandemia na Educação, para tanto partimos do relato de experiência que os professores-autores deste trabalho tiveram no decorrer dos bimestres com o formato EAD de ensinar.

METODOLOGIA

Esse é um relato de experiência de caráter qualitativo, no qual tem por objetivo explicar sobre as dificuldades de ensino e aprendizagem na disciplina de História no período da quarentena, que foi fruto da propagação do novo vírus COVID-19.

A turma que realizamos a análise foi o sétimo ano do ensino fundamental, na qual ministramos uma variedade de temas, mas a aula que possuiu maior resposta dos estudantes, foi a que teve como temática *"As Olimpíadas dos Povos Indígenas"*. A atividade consistiu em realizar um estudo das Olimpíadas dos Povos Indígenas, trazendo em sua gama a complexidade de tais jogos, e o grande lema contido nessa competição que é "O importante não é competir, mas sim celebrar".

A metodologia disposta neste trabalho é uma configuração de como está sendo esse período de distanciamento do alunado da sala de aula, partimos da entrevista com a aluna Angélica de Souza Medeiros (7º ano) para a visualizarmos a sua ótica frente a tais apontamentos, como, também, trazemos alguns teóricos para refletirmos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido* traz questões pertinentes para pensarmos sobre a prática educativa, nesse período de quarentena, nos baseamos na teoria do educador para refletirmos sobre a nossa prática docente, o qual afirma que:

Ensinar exige bom senso. A vigilância do bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante, devo fazer de minha prática. Antes, por exemplo, de qualquer reflexão mais detida e rigorosa é o meu bom senso que me diz ser tão negativo, do ponto de vista de minha tarefa docente, o formalismo insensível que me faz recusar o trabalho de um aluno por perda de prazo, apesar das explicações convincentes do aluno, quanto o desrespeito pleno pelos princípios reguladores da entrega de trabalhos. (FREIRE, 1996, pp.67-68).

O exercício do bom senso e a prática da empatia foram essenciais para a construção de uma prática docente solidária, ainda mais, se colocarmos em ponto todo o momento sensível que tanto os docentes como os discentes estão vivendo.

Para compreendermos todo esse período vivenciado pelos alunos, realizamos uma entrevista com a aluna Angélica de Souza Medeiros, 12 anos, da Escola Estadual Prof. Alberto Elpídio Ferreira Dias (Prof. Tito). Essa estudante afirma que tem acesso, tanto ao computador como à internet. Foi-lhe questionado como foi para ela ter que estudar em casa, a aluna afirmou que "No começo foi difícil para mim me acostumar a fazer, mas agora que eu me acostumei não é mais difícil e eu quero que volte logo às aulas."

Outro questionamento feito: "Se foram muito difíceis para você conseguir realizar as atividades, ou se com a explicação dos professores nos textos de apoio e nas reuniões via Google Meet foram suficientes para conseguir compreender o conteúdo tratado?", a aluna respondeu: "Pelos textos tem algumas coisas que dá para entender, agora matérias que são de ficar lembrando, Geografia, História, Inglês e essas coisas, tem como explicar pelo texto. Mas Matemática já é mais difícil, porque tem as contas, se eu fizer errado não tem como eu saber, não tem como eu saber se tá certo ou errado, aí fica difícil."

Pensando no uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, questionou-se para a estudante Angélica "As *lives* - reuniões pelo Meet - lhe auxiliaram muito durante essa jornada?", a resposta revelada foi: "Sim, as *lives* auxiliam muito, tiram as dúvidas, explica a matéria, fica até melhor." Perguntamos à respectiva aluna qual sentimento que ela possui desse período, ela disse: "O sentimento é saudade, porque fica a saudade de ir na escola, ver os amigos, ver os professores. Eu tenho muita saudade, de ver os amigos, diretores, de todas as pessoas que trabalham na escola."

As perguntas direcionadas para a Angélica foram com o propósito de conseguirmos observar o lado do estudante que fica em casa recebendo as Atividades Pedagógicas Complementares (APCs), não podemos esquecer que a Angélica abre uma exceção à regra, já que é uma educanda que possui os meios de comunicação para manter-se em contato direto com os professores e com a plataforma *Google Sala de Aula*.

Infelizmente, essa não a realidade apresentada pelo alunado constitui a Escola Cívico Militar Prof. Tito. Contudo, a escola fornece uma sala de tecnologia para que qualquer estudante possa ter acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). É interessante termos em mente que as TICs foram e são fundamentais para a construção e manutenção desse período de quarentena, já que, através, delas que os estudantes podem manter o contato direto com os professores, tirem as respectivas dúvidas e absorverem o conteúdo tratado pelos professores.

Assim, compreendemos que:

Possibilitar o acesso dos alunos aos recursos tecnológicos é incluí-los no mundo digital e garantir que conheçam a magnitude do mundo das informações circundantes no espaço da internet. Por este prisma, pode-se afirmar que é inegável a presença das tecnologias no espaço escolar. Saber como utilizá-las é um conhecimento que deve ser conquistado pelos professores e, principalmente, pelos alunos. (BUSIGNANI; FAGUNDES, 2013, p. 06).

Toda a prática empática foi suscitada arduamente pelos professores nesse período de quarentena devido ao novo COVID-19, por isso Freire com as suas sábias palavras sobre a prática solidária com bom senso e respeito ao educando, devendo permear a prática educativa de qualquer professor, independente, de estamos em configuração de distanciamento, ou de estamos com o estudante em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as sábias palavras de Leandro Karnal compreendemos que:

Um professor pode e deve fazer melhor tudo aquilo que tenta ensinar. Somos treinados para isso. Passamos anos aprendendo essas coisas. Quase tudo na nossa área é mais fácil para nós do que para quem não pertence ao mesmo ramo de atividade. Isso não nos torna melhores do que os alunos, apenas mais aptos profissionalmente a fazer aquilo para o qual somos pagos. Ao responder a um aluno, ao ensiná-lo fazendo algo, ao demonstrar a forma correta de fazer um exercício físico, segurar um compasso ou melhorar um texto, devo ter presente que sou o professor. Não posso me exibir com meus conhecimentos superiores. Não sou colega dele. Sou o profissional da área. Saber mais naquele campo não me torna melhor, apenas significa que estou há mais tempo naquele campo de conhecimento. (KARNAL, 2012, p. 22-23)

Essa passagem muito significativa, pois deixa claro que o professor não deve se colocar em um processo de superioridade frente ao aluno. Mas, sim ter expertise de saber que a única diferença entre ele e o estudante, baseia-se no fato dele ter uma maior experiência e caminho de aprendizagem percorridos.

Todo o relato de experiência exposto, a entrevista realizada, as aulas citadas sobre As Olimpíadas dos Jogos Indígenas trazem especificações significativas para analisarmos esse período de quarentena. Os pontos sobre o papel do professor, o sentimento e as dificuldades expostas pela aluna Angélica demonstram o quanto esse período está sendo difícil, mas ao mesmo tempo está sendo muito engrandecedor.

Os professores crescem em sua prática educativa e os alunos, também, se desenvolvem com uma prática articulada com autonomia na realização de suas atividades, sem a constância do professor ao seu lado. Quando tudo isso passar, as aulas se normalizarem, daremos uma nova ênfase ao processo de ensino e aprendizagem na sala de aula, tanto os professores como os alunos.

REFERÊNCIAS

BROLEZZI, Antonio Carlos. **Empatia na relação aluno/professor/conhecimento**. Encontro: Revista de Psicologia, Santo André, Centro Universitário de Santo André, v. 17, n. 27, p. 123-131, 2014.

BUSIGNANI, Orlando Marcelo Nalin. FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. O uso das tecnologias no ensino de História: possíveis contribuições. Cadernos PDE: Versão On-line. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor**. Paraná. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012.

MASSETO, Marcos Tarciso. **Mediação pedagógica e uso da tecnologia**. In MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e mediação tecnológica. Campinas: Papirus, 2000.

OS DETETIVES DA HISTÓRIA DE CAMPO GRANDE

Fabiana Christine Ferreira Rocha¹⁶

INTRODUÇÃO

O presente relato tem como objetivo evidenciar as ações desenvolvidas no projeto de Eletiva III com os estudantes do 8º A da Escola Estadual Professor Henrique Cyrillo Corrêa, situada no município de Campo Grande - MS. Na escola, atuamos como uma Escola de Tempo Integral - Escola da Aatoria, que atende do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio. A comunidade escolar, em sua maioria, é composta por moradores dos bairros próximos à escola.

No início do ano, foi realizada atividade dialógica, na qual percebeu-se que há pouco da história de Campo Grande registrada. Isso intrigou a todos da sala (professora e estudantes) ao verificarmos que as fontes de pesquisas formais são escassas. Em uma discussão com o grupo de estudantes responsáveis pelo processo de escolha, de qual projeto trabalhar na Eletiva III, uma estudante levantou a possibilidade do resgate desses registros, mas não registros comuns e sim, registros curiosos e que foram muitas vezes esquecidos.

Onde buscar esse material? Como coletar esses dados? A partir destas problemáticas, surgiu a ideia de um trabalho de detetives, uma vez que seria necessário investigar para descobrir alguns fatos sobre a cidade. De uma forma até descontraída, um estudante batizou o projeto como "Os Detetives da História de Campo Grande" e, assim, também surgiu a ideia de que essa busca partisse de jornais de diferentes épocas.

Diante do exposto, evidencia-se que todo o projeto nasceu das vozes dos estudantes, mediados pela professora, ou seja, é a história de Campo Grande contada por jovens que resolveram estudá-la e divulgá-la no formato de um e-book. Aprendizagem com base em pesquisa uma forma de aprendizagem ativa que inicia manuseando questões, problemas ou cenários – ao invés de apenas apresentar fatos estabelecidos ou retratar rota suave para o conhecimento (Demo, 2018, p. 39).

METODOLOGIA

A metodologia do projeto é baseada no levantamento de ideias sobre temas e os estudantes buscam dados sobre estes temas. A partir então, os estudantes realizam produções autorais multimodais, ou seja, por meio de texto escrito, vídeos, fotos, imagens e áudios. As atividades

¹⁶Escola Estadual Professor Henrique Cyrillo Corrêa, fabianahistoriaclc@gmail.com

do projeto propõem aos estudantes viagens exploratórias por meio da leitura de fatos, em jornais, que foram importantes na construção geográfica, cultural e histórica da cidade. Exploram, também, as maneiras peculiares que cada indivíduo possui de narrar fatos, segundo a sua visão, sendo autor de uma nova versão da história.

Os estudantes, mediados pela professora, detectaram que na história da cidade ainda existem milhares de fatos perdidos e, que de alguma forma, deveriam ser lembrados e registrados (contados), porém, contados da maneira como cada um a percebeu e interpretou. A história contada pelas mãos de quem a escreve.

Os estudantes exploraram de forma *on-line* o arquivo de inúmeros jornais de Campo Grande. Mediados pela professora e com o interesse de cada um, eles encontraram uma variedade de fatos, redigiram textos baseados nas coletas de dados, outros fizeram vídeos narrando, alguns compartilharam suas descobertas através de ilustrações e histórias em quadrinhos, cada qual utilizando a linguagem escolhida. Os resultados dos registros foram postados no *Google Classroom*.

As atividades também aconteceram por meio do diálogo, principalmente com a família dos estudantes. Nelas, foram possíveis levantar dados de acontecimentos de outrora, como o que ocorreu com um estudante, que a partir de uma história ouvida dos avós descobriu que a praça Ari Coelho era um cemitério. Através de rica coleta de dados, verificou-se que a história é real e procurou construir uma narrativa em primeira pessoa, se colocando-se como figura pertencente à história.

A avaliação é realizada de forma contínua durante a realização de cada etapa da elaboração do e-book, analisando a participação e desenvolvimento dos estudantes por meio de um portfólio. Ao final do projeto, será criado o e-book com as produções autorais dos estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No projeto "Os detetives da história de Campo Grande", as produções multimodais tem como objetivo principal a produção de um *e-book* autoral sobre curiosidades e fatos da cidade de Campo Grande. O *E-book*, produzido em grupo com a mediação da professora, será publicado de forma virtual e divulgado nas mídias sociais da escola. As atividades dos estudantes foram divulgadas no site da SED e nas redes sociais da escola.

O projeto ressalta a importância da parceria das famílias e também sobre sentir-se parte de um lugar. No caso da família, dependemos das memórias para que surjam ideias e temáticas fomentando as coletas de dados. Um exemplo disso, foi o relato de um estudante sobre a história da folclórica bruxa da Sapolândia, uma das lendas que mais assustavam as crianças nascidas no final da década de 1950, história trazida de casa para a discussão com o grupo da escola. Outro estudante levantou dados sobre a fundação de Campo Grande e passou a questionar a própria história, com uma teoria onde coloca a personagem Tia Eva como protagonista do enredo segundo os dados levantados e a visão de que a história, na maioria

das vezes, foi escrita pelas mãos de pessoas importantes e membros de uma minoria elitizada e, nunca antes, por pessoas como a personagem: ex-escrava, negra e mulher.

É sentido que a valorização das pessoas cujas narrativas são transformadas em dados coletados e averiguados e depois reescritos aproximou o estudante de sua família no cenário atual de pandemia, valorizando principalmente a bagagem trazida pelos idosos.

Verificaram-se algumas dificuldades no decorrer do projeto, como, por exemplo, encontrar alguns dados *on-line*, uma vez que a ideia inicial, era visitar in loco as redações e arquivos dos jornais. Diante do cenário da pandemia, não foi possível realizar estas visitas. No entanto, o projeto possui uma coletânea significativa que será transformada em um *E-book* autoral coletivo chamado: "Os Detetives da História de Campo Grande".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto possibilitou que os estudantes colocassem em prática o "questionamento reconstrutivo", ou seja colocando em jogo dois desafios: questionar (argumentar é, a rigor, questionar) e reconstruir (intervir de modo alternativo), ações defendidas pelo ensino autônomo e protagonista.

Os estudantes argumentaram no momento das discussões iniciais do projeto dizendo: "Quando nós passamos a buscar por nós mesmos as temáticas, flui bem melhor do que quando o professor impõe a busca". Fica evidente nesta fala o sentimento de pertencimento ao projeto.

A partir do conhecimento adquirido por meio das conversas *on-line*, das leituras e coleta de dados nas as produções autorais dos Detetives da História de Campo Grande, os estudantes tiveram um novo olhar para a Cidade Morena (nome dado à cidade por causa da cor do solo) e o sentimento de pertencimento se reforçou. O que reforça a criticidade e a possibilidade de reformulação do processo histórico e cultural do local onde vivem.

Os relatos dos estudantes estão sendo realizados por meio de releituras dessas histórias. A releitura trata-se da contação da história lida nos jornais, de acordo com entendimento do estudante sobre esta e pode sofrer interferências e novas versões. Ao final do projeto, os estudantes criaram um *E-book* de memórias sobre a história de Campo Grande.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Atividades de aprendizagem: sair da mania do ensino para comprometer-se com a aprendizagem do estudante.** Campo Grande, MS: Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso do Sul – SED/MS, 2018. 180 p., 1,27 MB; ePDF Disponível em <<http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/eBook-Atividades-de-Aprendizagem-Pedro-Demo.pdf>> Acesso em 10 de setembro de 2020.

HERR, N. Aprendendo a Ler com o Jornal e 100 Fichas Práticas para explorar o Jornal na Sala de Aula, 160 págs, Ed. Dimensão.

MATO GROSSO DO SUL. **Proposta Escola da Aatoria – Ensino Fundamental.** Campo Grande: SED, 2020.

PROJETO HISTÓRIAS QUILOMBOLAS

Marilu Ribeiro¹⁷

INTRODUÇÃO

A Escola Estadual Antônio Delfino Pereira e Centro Cultural de Educação Tia Eva que está situada na Comunidade remanescente do quilombo São Benedito - Tia Eva, no município de Campo Grande – MS, apresentou no início de 2019 duas salas de 3º ano do Ensino Fundamental (cada sala com média de 30 alunos), com estudantes com níveis diferentes: estudantes que sabem ler e escrever com letra cursiva, estudantes copistas que não sabem ler, estudantes muito indisciplinados, mas que apresentam interesse em estudar, estudantes muito indisciplinados que não apresentam interesse por nenhum assunto, estudantes com deficiência (duas crianças com Deficiência Intelectual e uma criança com Deficiência Visual) acompanhadas por Professoras de Apoio Escolar.

Me surpreendeu o fato de iniciarmos o ano letivo com estudantes de 3º ano que não conseguiam diferenciar vogais de consoantes, alguns não diferenciavam letras de números, outro mal conseguiam escrever o próprio nome. Por lecionar muitos anos em turmas de 2º ano - E.F. e por saber em que condições entregava os estudantes à Professora do 3º ano; por ser minha primeira experiência neste ano de ensino fiquei muito assustada com esta realidade e sabia que precisava realizar algo urgente para recuperar estes estudantes.

Considerando a proposta da Escola que é de Educação Quilombola e requer uma pedagogia própria que seja condizente com às especificidades técnico-raciais e culturais de cada comunidade, deve-se considerar o trabalho com a diversidade cultural. Em seu Projeto Político Pedagógico prevê a evidente importância da aquisição do conhecimento produzido socialmente e o trabalho com o Eixo Temático: Cidadania. A Unidade que é de Tempo Integral e Autoria, propõe um trabalho no qual o estudante seja pesquisador tornando-se um protagonista de seu aprendizado. A proposta escolar para estudantes em processo de Alfabetização embasa-se nas ações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e pelo Programa Mais Alfabetização, ações estas que contribuem para os direitos de aprendizagem das crianças dentro deste ciclo (alfabetizar plenamente todas as crianças até a idade de oito anos, sem exceção) propondo o Letramento e Alfabetização da criança através do contato com uma gama variada de portadores de texto. Como sou Professora Alfabetizadora há muitos anos e como já trabalhei de 2005 à 2008 como Intérprete de Língua Brasileira de Sinais na 1ª Série de Sala Especial – D.A. e Intérprete Educacional na 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, no município de Coxim – MS, sempre acreditei na importância de trabalhar com o eixo o temático sobre Cidadania com o estudantes, independente do ano letivo no qual estou em atuação, em minhas salas de aula,

¹⁷ Escola Estadual Antônio Delfino Pereira, e-mail: marilu.18737@edutec.sed.ms.gov.br

procuro sempre ensinar aos meus estudantes os sinais básicos de LIBRAS, pois, penso ser importante que todos saibam o que é e conheçam (ao menos um pouco) da Língua de Sinais.

Penso que a pessoa surda ou deficiente auditiva encontra muitas dificuldades no mundo atual por as pessoas não saberem a língua de sinais. Penso que o pouco que posso ensinar às crianças pode ajudar com que a mesma possa se comunicar com um colega surdo que necessite. As crianças são muito curiosas, demonstram interesse e facilidade para aprender a língua; além de que são as maiores multiplicadoras deste conhecimento adquirido, compartilhando o que sabem com suas famílias e amigos.

Inclui as aulas de LIBRAS no meu conteúdo de Ciências, pensando na problemática inicial dos estudantes que era a dificuldade com leitura, por meio da realização de diversas atividades durante o ano letivo que vão desde aulas com sinais, atividades impressas de LIBRAS que apresentam a mesma funcionalidade da atividade de leitura de carta enigmática, Interpretação Sinalizadas de Músicas nas apresentações da escola. Nesse contexto, surge a ideia de desenvolver o “Projeto Histórias Quilombolas”, no qual os estudantes realizariam a leitura do livro de mesmo nome e simultaneamente, fariam a tradução para LIBRAS, apresentando como produto final um áudio livro, com descrição da Língua Brasileira de sinais.

Para a realização deste trabalho, foram traçados os seguintes objetivos:

- Melhorar a defasagem dos estudantes no processo de leitura;
- Trabalhar o eixo temático Cidadania por meio das aulas de LIBRAS;
- Aliar o aprendizado da LIBRAS com o resgate das dificuldades na leitura dos estudantes;
- Fomentar o trabalho por projetos, na Unidade Escolar, para que atinjam as turmas com maiores dificuldades de aprendizagem, objetivando sanar os problemas de ensino e aprendizagem diagnosticados e conseqüentemente, melhorar o IDEB, futuramente.

METODOLOGIA

Na sala do 3º ano A era Professora Regente das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Eletiva I – Sustentabilidade. Na sala do 3º ano B trabalhou nas disciplinas de Ciências e Eletiva I. O Projeto foi desenvolvido dentro do Eixo Temático Cidadania, por isso escolhi as aulas de Ciências para realizar este trabalho, pois, desta forma, contemplaria as duas salas.

O Projeto Interdisciplinar, pois contempla o trabalho de associação de Língua de Sinais com leitura e escrita de palavras em Língua Portuguesa, além de contemplar a disciplina de História, trabalhando a cultura afro-brasileira.

Iniciando as ações: No 3º ano A - registro no quadro com letra de fôrma imprensa e caixa alta, registrando e lendo com os estudantes todos os dias o alfabeto, circulado de vermelho as vogais e depois de azul as consoantes. No 3º ano B - iniciei o trabalho com letra cursiva fazendo a correspondência com as letras de fôrma de imprensa e caixa alta.

Nas duas salas houveram produção de frases e pequenos textos, criação de atividades de Cruzadão com pequenos textos das disciplinas de Ciências e Eletiva I, de onde os estudantes escolhiam palavras para serem utilizadas como banco para que eles pudessem, assim, preencher o Cruzadão. Também nestas disciplinas, por meio do trabalho com textos, propus que os mesmos criassem seu próprio caça-palavras, montando o banco de palavras, quadriculando o caderno, registrando as palavras que escolheram dentro de sua tabela, os quadradinhos que sobrassem os alunos deveriam preencher com letras aleatórias, para finalizar deveriam pintar as palavras que registraram.

Na aula seguinte, os estudantes baseados no texto do dia, realizaram a mesma atividade, no entanto, com uma metodologia de desenvolvimento diferente, devendo trocar seu caderno com o de um de seus colegas, tendo como desafio encontrar as palavras que o colega criou. Nas aulas de Língua Portuguesa, considerando a proposta do estudante pesquisador, dei início ao trabalho com Situações de Pesquisa por meio do caderno coletivo "A notícia é agora".

Neste trabalho cada estudante levou o caderno da Notícia para casa e juntamente com sua família realizou a pesquisa de uma notícia que era colada ou escrita no caderno. No trabalho de escrita, preservando a cultura quilombola, no mês de maio, durante a festa de São Benedito, tivemos na comunidade o concurso de Desenho e Poesias, no qual os estudantes apresentaram seus trabalhos. Concomitantemente, comecei o trabalho com o Eixo Cidadania; dei início às aulas de LIBRAS na disciplina de Ciências, pensando na problemática inicial dos estudantes que era a dificuldade com leitura. Foram trabalhados sinais, datilologia, atividades impressas de LIBRAS, interpretação de músicas em LIBRAS nas festas da escola. Essas atividades foram realizadas durante todo o ano letivo.

Temos no calendário escolar a comemoração do dia da Consciência Negra; durante o ano estudamos a história da comunidade e de sua fundadora, pensei em mais uma vez aliar a problemática da dificuldade em leitura com as atividades em língua de sinais por meio do Projeto Histórias Quilombolas. Durante algumas aulas fizemos rodas de leitura com o livro de mesmo nome, depois os estudantes discutiam os textos em grupo e realizavam atividades complementares como Produção de Frases e Textos sobre o que entenderam da história para compor o seu Portfólio.

Propus aos estudantes criarmos um áudio livro com tradução em Língua de Sinais, no qual alguns estudantes fariam a leitura e outros interpretaram em língua de sinais o que estaria sendo lido. Fizemos estudos de leitura e sinalizados das duas histórias escolhidas: "O FORRÓ E A CASA QUE AFUNDA" e "BENDITO", coletiva e individualmente, para que assim, pudessemos realizar as gravações. Com a ajuda das professoras de apoio que atendiam o estudante com Deficiência Visual – Baixa Visão e a estudante com Deficiência Intelectual do 3º ano A e a

estudante Deficiente Intelectual do 3º ano B, realizamos a filmagem e fotografias para um *making off*. Realizei a edição dos vídeos e os áudios livros foram apresentados à família dos estudantes no dia da Culminância, a Festa da Consciência Negra.

Conforme mencionado, em ambas as salas de 3º ano haviam estudantes com deficiência assistidos por suas respectivas professoras de apoio. Eles participaram de todas as atividades propostas com os materiais adequados para suas dificuldades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante todo o período, o processo de avaliação foi contínuo e aconteceu durante o decorrer de todo o ano letivo, tendo como foco aqui a autonomia por parte dos estudantes com relação à leitura que é o norte deste projeto. O desenvolvimento da leitura por sua vez refletiu na produção escrita de atividades em sala de aula, pois, por deficiência na Leitura observava-se os estudantes também com muita dificuldade em relação ao registro ortográfico.

Todo o trabalho realizado com LIBRAS foi um meio significativo para desenvolver o potencial criativo dos estudantes, desenvolvendo um turbilhão de ideias. As atividades escritas de LIBRAS puderam dentro do processo de Alfabetização desenvolver nas crianças processos de associações de palavras, exercitando o raciocínio para escrever novas palavras, memorizando e utilizando outros processos cognitivos e não-cognitivos. O importante do ir e vir que a crianças fizeram ao folhearem e realizarem as atividades, só tiveram significado quando conseguiram ler, escrever e reescrever, associando o todo, posteriormente utilização da escrita com letra cursiva.

Vygotsky (1896-1934) propõe que a interação com o meio e com os semelhantes é essencial para a aprendizagem. Segundo o teórico:

Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). Isso se aplica igualmente para a atenção voluntária, para a memória lógica e para a formação de conceitos. Todas as funções superiores originam-se das relações reais entre indivíduos humanos. (VYGOTSKY, 1984, p. 64).

Dessa forma, sua teoria se configura por considerar as potencialidades do indivíduo, valorizando a sua interação com o ambiente e, também a interação social com professores e colegas. Vygotsky defende a necessidade da mediação, que é uma ideia de intervenção com o mundo externo. A realização das atividades trabalhadas nas salas tiveram significância para as crianças por meio de suas trocas de experiência, conhecimento, hipóteses, interação com os professores fazendo-as consolidar seu aprendizado.

Desde que comecei a lecionar me dedico a realizar formações, pois creio ser importante o professor se especializar cada vez mais e aplicar seus conhecimentos para melhor desenvolver as potencialidades dos estudantes. Por meio da realização deste Projeto, pude repensar minha prática: aperfeiçoar metodologias e formas de ensinar, reavaliar e repensar o que não deu certo, programar e planejar ações. É importante salientar que neste Projeto pude trocar experiências com outros colegas que também lecionava nas mesmas salas, assim como as Professoras de Apoio que estavam a par do trabalho que estava realizando. Todas as contribuições foram importantes e me fizeram enriquecer o desenvolvimento do Projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Consciência Negra é um tema histórico, complexo e muito atual para tratarmos com os estudantes, pois é um assunto presente na sociedade por conta da conceituação de raças, preconceito e desigualdade, ainda existentes. Além de tão importantes discussões, essa data incentiva a consciência histórica de uma sociedade que vivenciou a escravidão e, por outro lado, faz refletir sobre o impacto da cultura e da presença do povo africano na formação da cultura brasileira. Dentro de nossa unidade escolar, o tema tem ainda maior relevância no sentido de fazer com que nossos alunos percebam que o trabalho pedagógico realizado contribui para o senso ético do indivíduo na construção de um cidadão antenado e participativo, sendo que as abordagens realizadas são frutíferas, podendo ser compartilhadas com outras pessoas.

Como as aulas que compuseram o Projeto foram realizadas progressivamente, conforme os avanços dos estudantes, pode-se observar que a aprendizagem da leitura pelos estudantes foi se consolidando durante o desenvolvimento do Projeto, pois, além de lerem as atividades propostas, pequenos textos e gêneros textuais trabalhados em sala, houve um reflexo desse aprendizado na produção escrita dos estudantes. A aprendizagem na língua de sinais também foi fundamental para que os estudantes complementem este aprendizado na leitura, aprendendo também uma nova forma de comunicação. Os avanços dos estudantes, foram estimuladores para que o Projeto seguisse até a sua culminância.

Creio que os objetivos propostos inicialmente foram alcançados. Este trabalho também foi essencial, pois, as crianças puderam observar que ao tratarmos do conteúdo LIBRAS estamos falando da forma como um Deficiente Auditivo se comunica, sendo que nas salas de aulas há estudantes com deficiência, por conta disso, puderam repensar as questões sobre os processos de discriminação e marginalização de grande parte de nossa população, refletindo sobre a Inclusão de maneira respeitosa por meio de uma linguagem acessível.

REFERÊNCIAS

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos Processos Superiores.** 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 1998-2003

PPP. **Projeto Político Pedagógico.** Escola Estadual **da Escola Estadual Antônio Delfino Pereira** – ECCETE. Cidade, Mato Grosso do Sul, 2019. Disponível em <http://www.sistemas.sed.ms.gov.br/PortalSistemas/PPP#/visualizar>

PROJETO CORONAVÍRUS: RELATO DE EXPERIÊNCIA VIVIDA NA ESCOLA ESTADUAL CARMELITA CANALE REBUÁ

Vanessa Ozório Duarte da Silva¹⁸

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência pretende explicar de forma simples minha experiência vivida e expor os conhecimentos adquiridos no decorrer das aulas remotas trabalhadas com os alunos do Ensino Fundamental II, na Escola Estadual Carmelita CanaleRebuá, no município de Miranda – Mato Grosso do Sul.

Sou a professora Vanessa Ozório, leciono as disciplinas de Geografia e Eletiva III no ensino fundamental e Pesquisa e Autorial II no Ensino Médio. Meu relato tem como fruto a experiência vivida com os alunos do 6º ao 9º Ano do Fundamental II da Escola Estadual Carmelita CanaleRebuá, com a experiência na execução do Projeto Coronavírus na disciplina de Eletiva.

Esse ano, por conta da pandemia do Coronavírus (Covid19), não foi possível a oportunidade de estar presente com os alunos em sala de aula. Mas, essa situação atípica não impediu que fosse trabalhado o aprendizado de forma lúdica e interdisciplinar.

Tal momento, apresentou a todos nós momentos e experiências novas. Não temos respostas para muitas coisas, tudo agora é muito incerto, os planos não podem ser extensos pois não sabemos o que o amanhã vai nos oferecer. Mas, mesmo assim, mesmo tendo que ficarmos todos em casa, a educação não parou, o ensino não paralisou. O ano de 2020 veio para que todos tenhamos que se reinventar, aprender a lidar com a tecnologia e através dela, tocar a vida em frente, até que tudo se resolva.

Com a pandemia, o isolamento social forçou alguns serviços principais do dia a dia a se tornarem virtuais para manter o distanciamento seguro e conter a contaminação. Com a educação, não foi diferente. Nós professores fomos obrigados a colocar na balança o que de fato somaria na vida do aluno, sabemos que a educação foi um dos pontos mais afetados dessa mudança brusca e nunca antes vivida nessa geração. As aulas remotas, exploradas por meio de vídeo aulas, ambientes virtuais, redes sociais, entre outros, passaram a ser a ferramenta principal dos profissionais da educação, para não permitir que os alunos perdessem conteúdos e a rotina

¹⁸ Escola Estadual Carmelita CanaleRebuá, e-mail: vods.saraiva@gmail.com

da escola durante o isolamento. Nosso trabalho triplicou, já não é mais possível trabalharmos só às vinte horas, na dedicação ao ensino. É impossível o preparo de uma aula sem o uso das tecnologias, para pesquisas e elaborações de uma metodologia que seja mais autônoma, em que a família, que acompanha o aluno, pudesse auxiliá-lo durante o processo de aprendizagem.

A Escola Carmelita CanaleRebuá fica em uma região central da cidade de Miranda. E com isso tem como público principal crianças que residem em um dos bairros mais carentes da cidade. Por ser uma escola em tempo integral é a única que oferece essa atenção às crianças das sete da manhã até às quatro e meia da tarde, sendo referência em suas atividades culturais, dando incentivo ao aprendizado e ao protagonismo do aluno.

A atividade de maior destaque da instituição é a Semana da Feira do Conhecimento Científico e Cultural, no qual recebemos para prestigiar os trabalhos uma variedade muito grande de pessoas da nossa sociedade local. A escola também ofereceu jogos, gincanas, atividades esportivas e artísticas de forma a tirar sempre que possível, o aluno de sala de aula. Um dos ambientes mais usados para esses eventos é a quadra coberta que a escola dispõe, é nela que acontecem as apresentações, interclasses, etc. Quando se trata da Feira do Conhecimento Científico e Cultural é explorado todo o espaço físico que a escola dispõe, por ser de grande proporção e contar a participação de todos os alunos.

O Projeto Coronavírus foi trabalhado com os alunos no intuito de contextualizar o COVID-19 (coronavírus) com as características principais e o modo de reprodução dos vírus, sua evolução e pontos principais sobre a transmissão de doenças e prevenção. Ao oferecer informações sobre o novo cotidiano no Brasil e no mundo, a intenção é colocá-lo nesse cenário de forma que ele possa ajudar seus familiares com informações úteis. Esclarecendo o que realmente fato e o que dão apenas especulações nas redes sociais e na mídia.

METODOLOGIA

Foi trabalhado com os alunos, na disciplina de Eletiva III nas aulas remotas, o projeto sobre o Coronavírus, tema super atual e que se faz necessário à sociedade escolar, pois é necessário fazer com que os alunos entendam e compreendam o cotidiano da comunidade, no geral. Trabalhamos dentro das disciplinas de geografia o mesmo assunto sempre fomentando nesses o protagonismo e desenvolvendo com eles nessa fase de aulas remotas a experiência de serem autodidatas.

Os alunos vivem um momento da vida em que interpretam o mundo e produzem suas próprias ideias e concepções, esse projeto veio para dar voz aos discentes, para que eles além de expressarem o que pensam sobre o assunto, possam também estar abrangendo esse conhecimento com apoio do professor e da família.

O projeto trabalhado no primeiro semestre foi sobre o novo coronavírus, que até então era um vírus desconhecido pela medicina moderna. Chamou a atenção do mundo já no primeiro mês de 2020 pelo alto número de casos seguidos de mortes. Esse tema foi um assunto muito

debatido nas nossas aulas remotas, pelas quais, os alunos, através de relatos e pesquisas trabalharam assuntos da área da saúde pública, pesquisando como funciona o SUS, sua efetividade à população. Puderam também trabalhar dentro da educação e economia, assunto que rendeu muitas discussões e pesquisas para o público escolar envolvido no projeto, que foi trabalhado por vários alunos, de várias turmas.

Esse foi um tema relevante, atual e que facilmente atendeu as competências e habilidades gerais que exigem a Base Nacional Comum Curricular. O pensamento científico, o autocuidado e a responsabilidade social podem ser abordados dentro da prevenção do coronavírus e outras doenças virais. Foram trabalhadas com esses estudantes suas atitudes e hábitos diários, fazendo-os mostrar para a comunidade local a real importância desses cuidados para a vida de cada um. Importante ressaltar, que dentro da temática trabalhada me chamou atenção o interesse dos alunos quando trabalhamos sobre *fakenews*, principalmente aos alunos do 9º ano.

Foi um dos temas que mais nos interessaram, foram realizadas várias pesquisas sobre os benefícios e malefícios dessa prática tão comum na nossa sociedade. Vimos dentro desse assunto o prejuízo financeiro, moral, mental, e físico de se compartilhar uma notícia falsa. Eles puderam entender que uma notícia falsa que viraliza pode causar prejuízos financeiros na Saúde, na política e na segurança do país. Eles compreenderam firmemente que qualquer tipo de informação falsa, da mais simples à mais descabida, induz as pessoas ao erro, erros graves que podem até custar vidas.

Dentro das duas disciplinas (Geografia e Eletiva III) trabalhamos o projeto de forma interativa, dinâmica e lúdica, mas de forma isolada, em respeito à quarentena. A ideia principal no desenvolvimento desse projeto era explorar no aluno a busca pelo aprendizado individual, fazê-lo ter interesse por assuntos do seu cotidiano, de forma a tentar entender os principais fatores que fazem o mundo, as pessoas, as coisas, o tempo, girar sem parar, ou seja, é um ciclo que não para.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A culminância do projeto se deu por relatos dos alunos em vídeos, áudios e textos, nos quais eles puderam expressar a importância que teve na vida deles esse aprendizado. Pesquisamos sobre as polêmicas em torno dos remédios que a mídia publicou, se realmente eram eficazes ou não (cada aluno colocou seu ponto de vista), pesquisamos sobre a origem do vírus e mais uma vez foi pontuada a opinião de cada um após as pesquisas.

Foi questionado se algum aluno havia perdido um ente querido que faleceu por conta do contágio do novo coronavírus, posteriormente conversamos através de chamada de vídeo para ouvir a opinião deles e dar um apoio afetivo para esses alunos. Apenas uma parte dos alunos efetivamente participaram do projeto que foi muito enriquecedor para ambos, alguns aprenderam a fazer pesquisas de uma forma mais segura, outros aprenderam um pouco sobre legislação (quando falamos das *fakenews*), outros, ainda se interessaram e gostaram muito de

pesquisar sobre os medicamentos usados no combate ao vírus. E assim, cada aluno deu sua parcela de contribuição para o andamento e enriquecimento do projeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fundamental o contato professor-aluno, o professor minimiza possíveis problemas no ensino e na vida dos discentes. A inserção do aluno nas elaborações e desenvolvimento de projetos viabiliza novas experiências. Isso permite ao estudante unir teoria e prática dentro do ambiente em que acontecem. Permitir que o aluno desenvolva seu senso crítico, usar novas abordagens e métodos de ensino e aprendizagem, friso que o foco neste momento não deve estar no ensino, e sim, no aprendizado.

Não podemos de forma alguma deixar nossos alunos sem voz e invisíveis nesse cenário atual. Estamos sobrevivendo e devemos aproveitar a oportunidade de inventar uma nova escola, pois quando tudo voltar ao novo normal, teremos novos alunos, novos professores e a escola com certeza não será a mesma, pois ela terá o dever de ensinar, de reviver o vínculo do aluno – professor, o vínculo do afeto, do respeito, do amor ao próximo, do amor à vida, do valor às novas formas de aprender. O momento exige que olhemos para o processo, focando nas estratégias. Expresso aqui meus agradecimentos aos alunos que participaram do projeto, à direção que sempre nos apoia e nos dá suporte, à coordenação que também apoia e complementa o trabalho realizado do professor.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192 – acesso em 08/09/2020 às 22:10

Bimbati, Ana Paula – 13 de Fevereiro, 2020 -Como abordar coronavírus e outras epidemias com a turma? Disponível em:

<https://novaescola.org.br/conteudo/18857/como-abordar-coronavirus-e-outras-epidemias-com-a-turma>
Acesso em 09/09/2020 às 22:30

Inovações em Educação, 21 de janeiro de 2019 - Práticas Pedagógicas: Como promover a aprendizagem de adolescentes do século 21 - <https://porvir.org/praticas-pedagogicas-como-promover-aprendizagem-de-adolescentes-seculo-21/> - Acesso em 10/09/2020 às 23:15

Gestão pedagógica: um pilar essencial da gestão escolar - <https://sae.digital/gestao-pedagogica/> - Acesso em 10/09/2020

RELAÇÕES DE GÊNERO NO ESPAÇO/TEMPO ESCOLAR

Lucimara Nascimento da Silva¹⁹

INTRODUÇÃO

Este relato tem o objetivo de abordar sobre as relações de gênero no espaço/tempo escolar. É fato constatado que os indivíduos pertencem a vários grupos sociais; desse modo, as diferenças se evidenciam causando os conflitos hierárquicos, que nada mais são do que práticas discriminatórias que se reafirmam por meio da normatização estabelecida historicamente. Uma preocupação deu origem ao tema – o reconhecimento de que no espaço/tempo escolar estão presentes determinadas concepções de gênero que têm possibilitado tanto legitimar estereótipos, quanto fortalecer processos discriminatórios que resultam na produção de violência, seja ela simbólica e/ou física.

A proposta consistiu em uma abordagem sobre as relações de gênero, com os alunos do 8º ano do ensino fundamental, num total de 28 alunos/alunas, com faixa etária compreendida entre 13 e 15 anos. O objetivo foi fazer com que os educandos refletissem sobre os estereótipos que circulam na sociedade e na escola, a fim de que sejam superados. O projeto foi desenvolvido durante o ano de 2019, dividido pelos meses de março a dezembro.

A metodologia escolhida buscou chamar a atenção dos alunos bem como despertar o senso crítico para as questões de gênero, por meio de várias dinâmicas de grupo, leituras, filmes e documentários. A preocupação maior foi reconhecer que no espaço/tempo escolar estão presentes determinadas concepções de gênero que têm possibilitado tanto legitimar estereótipos, quanto fortalecer processos discriminatórios que resultam na produção de violência, seja ela simbólica e/ou física.

Pudemos perceber que as ações desenvolvidas suscitaram indagações sobre a educação escolar e os diálogos que ocorreram em sala, nos momentos das ações ou nas aulas de história, permitiram que os estudantes refletissem sobre a importância dessa abordagem, que tinha como objetivo principal conscientizá-los sobre a questão das práticas discriminatórias.

O projeto foi sustentado em trabalhos de autores que pensam a educação na perspectiva de desconstruir todo e qualquer preconceito, estereótipos e/ou formas de inferiorização das diferentes expressões de gênero. Ou seja, o projeto tem base na ideia de que ser menina ou menino, ser homem ou ser mulher não se dá de uma única forma, já que é possível construir-

¹⁹ Escola Estadual Prof Thereza Noronha de Carvalho. E-mail: prof.lucimaranascimento@gmail.com

se outras formas de feminilidades e masculinidades. Consideramos que a escola seja o lugar propício para esse diálogo, pois entendemos que é nesse ambiente que os discursos e os estereótipos de discriminação se afirmam.

O ENCONTRO COM OS ESTUDANTES NO ESPAÇO/TEMPO ESCOLAR

Não é novidade que a desigualdade de gênero se faz presente, principalmente no ambiente escolar; aliás, esse é o lugar que propicia e reafirma a desigualdade, uma vez que a escola é herdeira de um modelo europeu, cujo padrão normatizado se fecha em ser branco, cristão e heterossexual. Pavan (2013, p. 104) explicita que “[...] historicamente, o currículo escolar legitima as identidades hegemônicas (ocidentais, brancas, masculinas, heterossexuais...) ” e mais: “o currículo escolar busca constantemente invisibilizar as identidades não hegemônicas”.

Tendo por base o pensamento da autora, buscamos identificar as práticas de desigualdade de gênero na educação básica. Percebemos a presença dos estereótipos e de discriminação, nos diálogos e nas brincadeiras. Partindo dessa análise, a primeira ação de intervenção gerou curiosidades com relação à temática do projeto. Por mais que estejamos no século XXI, falar sobre as relações de gênero, do corpo e dialogar sobre ser menina e ser menino ainda causa constrangimento, pois vale ressaltar que a educação estabelecida historicamente no Brasil é baseada em rigidez, principalmente com relação ao corpo feminino (DEL PRIORI, 2017): esse discurso se reveste de intimidade e, por isso, não deve ser dialogado.

Foram realizadas várias dinâmicas, leituras, exibição de vídeos, ações que propiciaram um diálogo pertinente com os alunos, pois entendemos que o ambiente escolar é transitório e os corpos que compem esse ambiente estão a todo instante em movimento e em evidência, buscando respostas para os sentimentos confusos que permeiam a mente das crianças e adolescentes. Nesse sentido, Louro (2011, p. 67) chama a atenção e contribui, ao afirmar: “[...] como bem sabemos, a homofobia circula pelos corredores e salas de aula, se insinua nos livros didáticos e aparece escancarada nos recreios e nos banheiros.”.

Nessa perspectiva, o projeto tenta, por meio das ações escolhidas, demonstrar que há possibilidade de uma sociedade menos desigual, onde os alunos aprendam a respeitar as diferenças; acreditamos, sim, ser possível uma escola em que gênero não seja restritivo e excludente; senão, vejamos, a propósito, esta contribuição de Santomé (1995, p. 50):

Uma das finalidades fundamentais de toda intervenção curricular é a de preparar os/as alunos/as para serem cidadãos ativos/as e críticos/às, membros solidários e democráticos de uma sociedade solidária e democrática.

Em um dos encontros, realizado em sala de aula, os alunos participaram da construção de uma árvore feita de cartolina e fitas adesivas. Foi solicitado que eles escrevessem, na raiz da árvore, situações que têm sido determinantes e os têm influenciado desde a infância, apreendidas por

eles como verdades inquestionáveis, como: “menino não chora” ou “menina tem que brincar de boneca”, verificando que essas determinações são impostas pela sociedade e assimiladas no seio familiar e estendida ao ambiente escolar.

Os alunos preencheram o tronco da árvore e, em seguida, foi-lhes solicitado que escrevessem quem impõe essas situações para que sejam reconhecidas como verdades absolutas. Após refletirem sobre a questão, os alunos apontaram, como responsáveis por aquelas normas de comportamento, por fazerem a distinção entre homens e mulheres, instituições como: família, igreja, escola e sociedade, ressaltando que a pessoa se torna adulta recebendo todo o estereótipo sobre mulheres e homens.

Essa dinâmica de abordagem tem como base o que Colling (2014, p. 22) considera: “[...] O modo mais eficiente para desconstruir algo que parece evidente, sempre dado, imutável, é demonstrar como esse se reproduziu, e como foi construído”. (COLLING, 2014, p. 22).

Partindo da ideia da autora, os alunos refletiram e chegaram ao consenso de que esse tipo de discussão precisa ser praticado com frequência na sociedade e, principalmente, na escola, pois, na concepção dos estudantes, é no ambiente escolar que as práticas se reproduzem. A fim de confirmar o pensamento dos alunos acerca da problemática, foi-lhes solicitado que respondessem a algumas perguntas sobre o papel do homem e da mulher.

Nessa perspectiva, uma das respostas chamou atenção. Uma aluna expôs que algumas imposições são puramente comerciais. Quando solicitado para que esse aluno fosse mais específico, em sua resposta, ela esclareceu que, ao determinarem cores para mulheres e homens, ou seja, rosa para mulheres e azul para homens, essas são estratégias comerciais para venderem enxovais. A abordagem da aluna desencadeou, na sala, uma discussão que conduziu a outros questionamentos e posições acerca de imposições desse tipo. O consenso foi de que tudo é uma construção para moldar homens e mulheres a padrões normatizados. Vale ressaltar o que Lins (2016, p. 63) enfatiza:

[...], a violência de gênero não é um problema afastado do espaço escolar. Muito pelo contrário. E isso não se dá somente porque situações de violência também fazem parte do cotidiano de alunas e alunos, educadoras e educadores, mas porque a escola é o espaço que concebemos para estimular a reflexão, o aprendizado e o desenvolvimento de comportamentos mais compatíveis com a diversidade e a democracia.

O projeto de que trata este artigo buscou desenvolver com os alunos uma postura crítica sobre as questões que permeiam a desigualdade entre homens e mulheres, tendo em vista que a escola pode e deve ser uma fonte de debate aberta para as reflexões, em lugar de doutrinar ou impor verdades absolutas; nosso propósito é o de propiciar um leque de questionamentos e aprofundar a compreensão dos alunos acerca do tema.

Na sequência do projeto, em outro momento de grande significado, os alunos se reuniram para participar de uma dinâmica em que o reconhecimento das diferenças se fez presente, por meio de relatos dos próprios educandos. Em círculo, os alunos escreveram em um papel situações que eles gostariam que os colegas percebessem, ou algo que, no cotidiano, não é percebido, como por exemplo, "sentimentos", "sensibilidade". A proposta era de que eles reconhecessem ou tentassem reconhecer esses aspectos nas situações descritas.

O reconhecimento das diferenças no ambiente escolar é algo para ser pensado. Por lei, a escola pública é universal e o ideal seria que fosse um espaço de igualdade para todos os sujeitos; é pensando nas diferenças que temos um importante papel na sociedade; o diálogo em torno da problemática do gênero é um desafio, por tratar de diferentes contextos sociais e conflitantes. A escola é, pois, o lugar que pode se abrir para esse discurso; o que se deseja é que o utilizemos como um local onde os alunos se sintam confiantes para demonstrar seus sentimentos, suas dúvidas, seus anseios e, o mais importante, reconhecer que nesse espaço o respeito pelo ser humano é primordial para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

O envolvimento dos alunos nas ações do projeto, durante o ano de 2019, foi intenso, mostrando que é possível um currículo escolar de inclusão, por meio do qual os alunos conseguem adquirir um senso crítico relevante em relação às questões do preconceito e discriminação. O projeto culminou com uma exposição, no mês de novembro, de todas as atividades realizadas, na Feira Científica e Cultural da escola, evento que se realiza uma vez por ano, no qual os educandos têm a oportunidade de apresentar experimentos e conhecimentos adquiridos durante o ano letivo.

A apresentação dos alunos para a comunidade escolar foi a certificação de um trabalho realizado com sucesso, pois eles demonstraram propriedade, ao dialogar com os visitantes, ao exporem seus conhecimentos acerca do tema, até por meio de detalhes apreendidos durante o ano.

Pacheco (2005, p. 71) lembra que escola e currículo caracterizam-se como construção social, ao afirmar que "[...] É no espectro escolar destas lutas que a escola desempenha uma função social, determinada pelas finalidades da socialização, do desenvolvimento e da libertação dos sujeitos".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações desenvolvidas e embasadas teoricamente por autores que pensam uma educação justa e democrática demonstraram que é possível transformar esse espaço em algo emancipador. Contudo, para avançarmos, precisamos de uma colaboração maior por parte daqueles que constroem a educação do Brasil, que todos experimentem sentimento de pertença, para que esse tema seja debate de formações. É importante que nós, educadores, estejamos preparados para as variadas formas de manifestações culturais e realidade social dos alunos.

Ressalte-se, finalmente, que o projeto destacado neste artigo foi desenvolvido por meio de atividades voltadas à igualdade e equidade social, visibilizando sujeitos que abertamente são excluídos da sociedade.

REFERÊNCIAS

COLLING, Ana Maria. **Tempos diferentes discursos iguais:** a construção do corpo feminino na história/Dourados, MS: UFGD, 2014.

DEL PRIORE, Mari. **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. 4º reimpressão. São Paulo: Contexto, 2017.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Entre batons, esmaltes e fantasias. In. LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

PACHECO, J. A. **Estudos curriculares. Para a compreensão crítica da educação.** Porto: Porto Editora, 2005.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In. SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.).

Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 159-189. _____. Currículo e identidade social: territórios contestados. In. _____. **Alienígenas na sala de aula:** uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 190-207.

ANASTASIOU, L. G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade:** pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 5. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2005.

REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

Lisiane Borges de Melo Basso²⁰

INTRODUÇÃO

O presente documento consiste em um relato de experiência, proposições e realizações efetivadas na turma 4º ano B, composta por 32 alunos, da Escola Estadual Castro Alves, localizada na região central de Dourados/MS.

O ano é 2020. A Organização Mundial da Saúde (OMS) decreta que vivemos uma pandemia do novo coronavírus, denominado Sars-Cov-2. E, o mundo, da forma que conhecíamos, mudou.

No dia vinte e três de março de dois mil e vinte é decretado o fechamento das escolas no estado do Mato Grosso do Sul (MS) e assim, as aulas passam a ser por atividades pedagógicas complementares, as quais acontecem de forma remota. As aulas, no modo presencial, não existem mais, o momento gera esforço do Estado, das escolas e das famílias, para que as atividades cheguem aos alunos.

Isso posto, a experiência aqui relatada ocorreu de modo remoto, sendo gerenciada por meio da ferramenta google sala de aula (*plataforma G suite*), com envio de roteiros, vídeos explicativos, bem como devolutivas dos alunos.

METODOLOGIA

A narrativa do trabalho apresentado terá caráter descritivo/reflexivo, evidenciando a necessidade das atividades formativas pontuais serem acompanhadas de constantes reflexões e flexibilidade no planejamento de aula.

Para Arroyo (1997), a instituição escolar é vista como espaço para qualificação da vida dos indivíduos, é necessário redescobrir o vínculo entre a sala de aula e a realidade social. Nesse contexto, além de redescobrir vínculos, foi necessário redescobrir novas formas de ensinar e aprender, de maneira constante e bilateral, onde professores e alunos constroem saberes.

Visando trabalhar o texto “As mulheres nas grandes navegações”, presente no livro didático de história Aprender Juntos (FUNARI, 2017, p. 22), busquei ampliar o conteúdo, propondo atividades capazes de despertar reflexões sobre o ser e estar no mundo sendo mulher.

²⁰Escola Estadual Castro Alves, e-mail: lisi.melo@gmail.com

Faço essa distinção clara de gênero, nesse momento, pois o texto base, da atividade proposta, inicialmente, relata a vida das mulheres no século XVI e suas funções sociais. O texto desenvolve a habilidade EF04HI01 da Base Nacional Comum Curricular, a qual busca reconhecer a história como resultado da ação do ser humano, no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.

Philippe Ariès, em *História Social da Criança e da Família*, nos relata através de iconografias e diários escritos na antiguidade como ocorreu o sentimento de infância e família que hoje concebemos como natural. O sentimento de infância trouxe muitas consequências para a vida das pessoas, uma delas foi a escola. Segundo o autor, "se a escolarização no século XVII ainda não era monopólio de uma classe, era, sem dúvida, o monopólio de um sexo. As mulheres eram excluídas" (ARIÈS, 1981, p. 189).

A partir disso, resolvi estimular o pensamento dos alunos, acerca do que significa ser mulher no século XXI, pois acredito que a autonomia do leitor se desenvolve a partir do momento em que ele reflete, quando dialoga com o texto, incorporando saberes, reorganizando-os sob uma nova atitude crítica, originando a elaboração de uma (re) escrita/leitura do mundo.

De acordo com Louro (2000, p. 66), "o corpo não pode ser compreendido como uma entidade 'simplesmente' biológica e, além disso, parece impositivo questionar se o biológico não é ele próprio, significado na e pela cultura". Considerando que em pleno século XXI ainda se faz necessário refletir sobre as desigualdades entre homens e mulheres, foi atribuído aos alunos as seguintes reflexões:

1) Você acha que existe diferença entre as mulheres do passado e as mulheres do presente? Em caso positivo, quais seriam essas diferenças? Dê exemplos.

2) Você acha que existe a necessidade de ocorrerem mudanças na vida das mulheres? Em caso positivo, como você imagina que deve ser a mulher do futuro?

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre 32 atividades atribuídas, 25 foram devolvidas. Dessas, 23 vieram com reflexões positivas, demonstrando saber que é necessário e, o que eles esperam, é que a mulher tenha cada vez mais autonomia, liberdade e igualdade salarial em relação aos homens na mesma posição.

Contudo, duas atividades chamaram a atenção, duas meninas consideram que as mulheres já conquistaram toda a igualdade possível e que atualmente as mulheres têm mais possibilidades de trabalho, como em serviços de limpeza.

Considerando a criança como ser social e histórica, ela faz parte da sociedade que vive em uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. Essas crianças pensam e sentem o mundo que está à sua volta de maneira própria.

É preciso ter a clareza de que a criança é um ser em constante evolução, sendo agente construtor de conhecimentos próprios, pois é investigativa, tem questionamentos e necessidades de respostas às questões sobre o mundo que a cerca.

Dessa forma, acredito que o papel da escola não deve ser meramente reprodutora de uma única cultura, devendo relacionar os saberes cotidianos dos alunos com os processos de aprendizagens, para isso referencio-me em José Gimeno Sacristán quando ele reflete sobre o aluno: “Torná-lo consciente da complexidade do mundo, de sua diversidade e da relatividade da própria cultura, sem renunciar a valorizá-la também como ‘sua’: a de cada grupo, cultura, país, modo de vida” (SACRISTÁN, 2007, p. 125).

Acredito que a independência de pensamento é pré-requisito para a formação de leitores críticos e indivíduos capazes de pensar por si mesmos, por isso aprender a pesquisar, em diferentes meios, se faz importante para o desenvolvimento do aluno.

Ler e entender aquilo que está registrado no mundo implica desenvolver práticas sociais que envolvem a forma escrita da língua e, também colocar o aluno como protagonista no papel de leitor e escritor não apenas como uma prática de decodificação, mas sujeito atuante na compreensão de informações implícitas e existentes na sociedade.

A partir dessas considerações, propus então a aula “Mulheres na Ciência e Tecnologia”. Foi elaborado um vídeo com algumas biografias de mulheres importantes em nossa história, que lutaram pelos seus direitos e suas contribuições dentro da ciência e da sociedade.

As mulheres apresentadas foram: Ada Lovelace, Marie Curie, Bertha Lutz, Katherine Johnson e Mae Jemison, sendo essas, mulheres que quebraram barreiras de seus tempos.

Na sequência, os alunos pesquisaram e escreveram biografias femininas da atualidade. As pesquisas foram muito produtivas, dos 25 trabalhos recebidos, surgiram 15 nomes da atualidade em diversas áreas de pesquisa.

Os alunos mostraram-se engajados e empolgados com a elaboração da atividade, trazendo informações de pesquisadoras brasileiras e estrangeiras. E desta forma puderam promover a sua autonomia enquanto educandos, percebendo-se também, como produtores de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que essa proposta de pesquisa, poderia ter sido enriquecida, se após a pesquisa inicial e individual, os alunos pudessem formar grupos e trabalhar em equipe no modo presencial. Compartilhando informações e de maneira lúdica, criar cartazes e apresentações para a turma, deixando os trabalhos expostos em sala de aula.

Ainda, se possível, convidar uma pesquisadora da cidade (parceria com a Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul/UEMS, Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária/EMBRAPA, por exemplo) para apresentar de forma simples o seu trabalho de pesquisa, para que dessa forma os alunos possam atribuir significado ao que aprenderam.

Buscando com isso, mostrar aos discentes que o mundo da pesquisa, ciência e tecnologia está ao alcance de todos aqueles que se esforçam, independente de gênero, todos são capazes.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 1 ed. Rio de Janeiro: LCT, 1981.

ARROYO, M. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e o ordenamento da educação básica. In: Abramowicz, A.; Moll, J. (Org.). **Para além do fracasso escolar**. São Paulo: Papyrus, 1997. p. 46 – 53.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base nacional comum curricular: educação é a base**. Versão final. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

FUNARI, R. S.; LUNGOV, M. **Aprender juntos história, 4º ano: ensino fundamental**. 6. ed. São Paulo: Edições SM, 2017.

LOURO, G. **Corpo, escola e identidade**. *Educação & realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 59-76, jul-dez, 2000.

SACRISTÁN, J. G. **A educação que ainda é possível: ensaios sobre uma cultura para a educação**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA: PERCEPÇÕES CULTURAIS SOBRE A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E DE FRONTEIRA EM CORUMBÁ-MS.

Érica dos Santos Oliveira²¹

INTRODUÇÃO

Este relato procura abordar e compreender os aspectos relacionados à diversidade cultural, às relações de poder e as dificuldades educacionais presentes na área fronteiriça do município de Corumbá – MS, com níveis de complexidades elevados, uma vez que a cidade é repleta de representações, salientando as animosidades decorrentes dessa interação cultural. Contudo, Costa (2012, p.33) acrescenta que a hibridização cultural, dependerá da construção histórica das relações sociais entre os fronteiriços.

Segundo Oliveira (2013), híbridas, também, são as relações na fronteira, que é formada a partir de áreas contíguas de dois territórios nacionais, remetendo a um espaço repleto de relações sociais de convivência e de produção, podendo ser chamada de zona de fronteira, área de fronteira, franja fronteiriça, dentre outras denominações. Por esse motivo, se diferencia de limite que é pontual – uma linha traçada nos mapas que se materializa nas aduanas, postos de fiscalização e nos marcos (OLIVEIRA, 2013).

Entendemos a fronteira ainda, na perspectiva dos ensinamentos de Milton Santos (1999), como porosa do ponto de vista dos fluxos humanos. Como argumenta Oliveira (2013), não significa, porém, a inexistência de discriminações culturais, sociais e econômicas na relação com o outro. Ao contrário, elas estão presentes, apesar de pouco visíveis materialmente.

Destacam-se nesse contexto, as relações entre os corumbaenses e os bolivianos, que desperta o intento de compreender a construção desse espaço social fronteiriço, como o entendimento de Rochefort (2002, p.12) corroborando ao dizer que “[...] o termo fronteira se refere à existência de limite, borda, sendo que estas bordas fronteiriças desenham, além da separação ou delimitação, o surgimento de identidades culturais”. Para Costa (2010), é preciso considerar, do ponto de

²¹Escola Estadual Dom Bosco - e-mail: erica.36626@edutec.sed.ms.gov.br

vista empírico que, apesar do papel estratégico das fronteiras para os Estados Nacionais, não é possível menosprezar a construção local do espaço social fronteiriço a partir de seus moradores.

TERRITORIALIDADES NA FRONTEIRA

Este estudo recai sobre as relações entre os brasileiros e os bolivianos, citados pela mídia local, como “vizinhos e irmãos”, mas, contraditoriamente, criticados por consumirem os serviços públicos de saúde, educação, além das opções de lazer no lado brasileiro.

Muitos corumbaenses os veem como “sujos”, como inferiores e concorrentes, muitos reclamam que, no país vizinho são destratados, principalmente pelos comerciantes e pela polícia local, além de serem proibidos de comercializar seus bens e serviços no lado boliviano da fronteira, enquanto os bolivianos possuem diversos tipos de comércios no lado brasileiro. Ademais, enfatiza-se, o grande número de bolivianos consumindo espaços e serviços públicos como saúde e educação, na cidade de Corumbá.

Toda essa animosidade se fortalece com a grande presença de bolivianos nas escolas públicas do lado brasileiro, e, não raro, presencia-se certo repúdio das crianças brasileiras para com as bolivianas nesses estabelecimentos. Estas são chamadas de “choco” como forma de inferiorização pela descendência indígena de muitos bolivianos fronteiriços, mas a relação austera também se aplica nas crianças bolivianas em relação às crianças brasileiras, aumentando a complexidade.

Observa-se ainda nesse contexto, que a maioria dos brasileiros não se sentem fronteiriços e possuem à visão distorcida de que a fronteira pertence somente à Bolívia e à sua sociedade, sendo que a maior extensão se aplica ao lado brasileiro, 150 km, enquanto no território boliviano, essa faixa é de apenas 50 km.

Entretanto, existem as relações de enriquecimento cultural, de amizades, de respeito e gratidão, constituindo a diversidade cultural que se apresenta na Cidade de Corumbá, MS, como destaca Pereira (2007), cidade edificada sob um platô calcário à margem direita do Rio Paraguai, região noroeste do Estado de Mato Grosso do Sul.

Fundada em 1778, segundo Barros (2012, p.63) possui 109.899 habitantes IBGE (2017) e fica localizada a 420 km da Capital, Campo Grande, numa área total de 64.960,863 km², o que representa 18,19% da área do Estado de Mato Grosso do Sul, abrigando cerca de 60% do Complexo Pantanal, uma planície inundável de vasta biodiversidade. É reconhecida como a maior planície de inundação contínua do Planeta Terra, diferenciando sua formação em relação aos demais biomas (IBGE, 2010). A cidade de Corumbá está localizada a cerca de 5 km da linha de divisa internacional, de Arroyo Concepción, localizada na unidade municipal de Puerto Quijarro, Província de Germ nBusch, na Bolívia, figura 8, por sua riqueza cultural, torna-se importante conhecer e reconhecer esse ambiente fronteiriço e suas territorialidades.

A territorialidade é produzida, ao mesmo tempo, tanto pela vontade individual como pela coletiva. Não se trata de uma ação particularizada, única, mas de uma estratégia híbrida. Contudo, vale destacar, o apontado por Costa (2009, p. 66): “[...] mesmo uma ação individual não é unicamente particular, já que o indivíduo carrega a herança histórico-cultural da sociedade da qual faz parte e das ideologias do Estado, do capital, das igrejas, crenças, mitos, enfim, o indivíduo é sempre uno e múltiplo, concomitantemente”.

Figura 8 - Imagem de satélite da Fronteira entre as Cidades de Corumbá/BR e Porto Quijarro/BO.



FONTE: GOOGLE EARTH, 2018.

Pautado nas territorialidades e identidades da fronteira Brasil/Bolívia, buscamos uma análise a partir do espaço geográfico e de seus atores para se compreender os arranjos sociais, com ênfase na educação geográfica de fronteira que decorre desses processos. Buscaremos compreender as relações dos brasileiros/corumbaenses e dos bolivianos com o espaço geográfico fronteiriço e sua composição cultural e educacional, no lado brasileiro.

A Cidade de Corumbá é palco de encontros entre os habitantes da fronteira e se destaca por sua potencialidade turística, atraindo um grande fluxo de fronteiriços e não fronteiriços, tornando esse espaço único por seus convívios e identidades, onde é comum, um citar apenas o outro como fronteiriço, não se reconhecendo como elementos componentes do espaço, com suas combinações, suas interações.

O olhar deste trabalho está pautado nas relações e interações ocorridas entre atores de nações, costumes, crenças, educação e ideais distintos, em que se busca analisar, também, as animosidades compostas nessa interação, principalmente relacionado ao ambiente escolar fronteiriço. Interessa ainda, compreender o sentimento geográfico presente a essa área, destacando a importância do ensino da Geografia na vida desses atores, oportunizados pela diversidade fronteiriça.

EDUCAÇÃO DE FRONTEIRA

A escola pesquisada foi a Escola Estadual Dom Bosco, localizada no Bairro Dom Bosco, na Cidade de Corumbá/MS, pois possui um número considerável de alunos bolivianos matriculados em sua unidade. Muitos não são matriculados como estrangeiros, pois mesmo sendo filhos de

bolivianos e residentes na Bolívia, nasceram em solo brasileiro, adquirindo a nacionalidade do país de nascimento, deste país, destacando assim, o multiculturalismo presente no local.

O multiculturalismo presente na cidade de Corumbá causa divisões específicas na área de fronteira. A troca cultural e a hibridizem existem, figura 9, mas não significam que as identidades presentes, são aniquiladas, pelo contrário, muitas vezes ressaltam a cultura do 'eu'.

Figura 9 -Festividade Cultural dos povos da fronteira Brasil/Bolívia



FONTE: UFMS// CPAN, 2018

A Escola de Fronteira precisa estar inserida a essa realidade e abarcar as culturas produzidas nessa área geográfica. “Embora historicamente a escola tenha sido utilizada como instrumento veiculador de uma ideologia nacional e da existência de uma cultura e identidade única que remete a uma determinada nação, há um entrecruzamento de culturas que vai além de delimitações de ordem físico/territorial”. NUNES (2015)

A Escola de Fronteira adquire identidades e características próprias que podem ser evidenciadas quando comparadas e analisadas frente a outras instituições educacionais de outras localidades. São diferenças não no cerne de sua qualidade enquanto instituição educacional, mas têm a ver com a cultura que a forma e se desenvolve ao seu redor, ou seja, estão ligadas à sua realidade. (GODOY, 2016).

A Escola Estadual Dom Bosco torna-se palco desses (des) encontros culturais. A escola possui uma média de 2060 alunos, distribuídos no Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, contêm em sua estrutura, 26 salas de aula e 131 funcionários.

Busco relatar, a experiência obtida através da regência aplicada nas aulas de Geografia dos alunos da Escola Estadual Dom Bosco, localizada no bairro Dom Bosco, na cidade de Corumbá/MS: S- 19°00'21,03" e W- 57°39'55,27". Em minha graduação realizei meu estágio na unidade e iniciei minha carreira docente como efetiva da Rede Estadual de Ensino do Mato Grosso do Sul na mesma. Iniciei a pesquisa no Ensino Médio, pois verifiquei nesse grupo, certa autonomia em discernir questões fronteiriças como as territorialidades e as relações de

alteridade presentes nesse espaço. Busquei, também compreender a importância do Ensino da Geografia na vida desses alunos.

Realizei a pesquisa nos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, que possuem uma média de 45 alunos, cada turma, sendo 07 turmas do 1º ano, totalizando 345 alunos, o 2º ano divide-se em 05 turmas com um total de 239 alunos e o 3º ano possui 04 turmas, com 138 alunos em sua totalidade. As turmas são diferenciadas de acordo com as letras do alfabeto, o ensino médio engloba em seu total 722 alunos, ou seja, 35% dos alunos da Escola Estadual Dom Bosco, que possui em média 2063 alunos matriculados nos períodos matutino, vespertino e noturno.

Os alunos dos períodos diurnos participam do curso tradicional de Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, já os alunos participantes do período noturno, integram a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos). Constituída por 17 turmas em cada turno, com cerca de 40 alunos para cada turma, 03 Coordenadores Pedagógicos por turno, 02 supervisores diários.

Os alunos brasileiros e bolivianos são envolvidos nos projetos desenvolvidos pela escola, mas não há qualquer mobilização para que se diminuam as hostilidades culturais presentes nela. Como professora, procurei conscientizá-los sobre a importância de se respeitar as identidades, crenças e culturas encontradas em uma área fronteira, não só pelo fato de se dar próximo a linha demarcatória da fronteira, mas também por se tratar de uma área vigiada pelas forças nacionais, o que proporciona uma interação também de culturas regionais.

A alteridade destacada anteriormente, não se abrange somente aos alunos, diversas vezes, presenciei relatos de professores ou educadores, que se dizem descontentes com a presença de bolivianos na escola e suas dificuldades linguísticas e de costumes, principalmente, se relacionados ao Ensino Fundamental I, onde as crianças são menores e possuem maiores dificuldades de adaptação ao ambiente escolar de fronteira.

O papel do aluno no processo de aprendizagem é o de construir uma postura crítica como educando. Isso significa questionar o real, discutir o que está sendo proposto, posicionar-se e assumir a responsabilidade, interpretar de forma independente a realidade, construir-se como sujeito de sua aprendizagem e cidadão agente de mudanças. O aluno precisa interagir, participar ativamente nas atividades de grupo, examinando, ponderando, duvidando, polemizando, criticando, criando, imaginando, produzindo ideias, promovendo seu autodesenvolvimento e dos colegas (Piffer, 1999).

Segundo o filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin (2009), as diversas áreas do saber necessitam de integração [...] e o ensino precisa de renovação através da reforma do pensamento. O autor descreve o ensino como arte ou ação de transmitir os conhecimentos a um aluno, de modo que ele os compreenda e assimile, destacando, ainda, que o ensino não pode ser igualado ao mero saber, mas a compreensão das complexidades, ajudando a entender o pensamento aberto e livre. Assim, imaginamos a Educação de Fronteira, com suas particularidades, saberes, interação e respeito às diferenças pela busca do conhecimento.

Busquei enquanto professora, compreender através de um levantamento de dados, a percepção dos alunos sobre a cultura fronteiriça e a educação geográfica, presentes no contexto escolar. Era perceptível a falta de interesse dos alunos com a interação entre fronteira e geografia. No caso dos bolivianos, há o agravante de não existir a disciplina de geografia na grade curricular de seu país. Um questionário foi aplicado aos alunos dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio da escola Dom Bosco no período matutino, com um total de 100 alunos.

Através dos resultados obtidos com a pesquisa, pôde-se constatar que os alunos do 3º ano são os que menos têm afinidades com a disciplina de Geografia com um total de 56% dos alunos, enquanto o 1º e 2º ano possui de forma geral, afinidade com a disciplina, pois uma média de 58% dos alunos, responderam que gostam da Geografia. Os conhecimentos gerais foram os mais citados sobre os atrativos da disciplina, são conhecimentos relativos a outros países, regiões, estados, cidades, população, sociedade, demografia, atualidades. Em uma perspectiva geral, os alunos mostraram-se interessados em entender os processos sociais e econômicos que ocorrem no país e no mundo. Quando questionamos sobre política, os alunos apresentam certa aversão ao tema, o que requer atenção.

Já na relação fronteiriça, os alunos brasileiros e os bolivianos não se reconhecem como fronteiriços e visam que a cultura do "eu" é melhor do que a cultura do "outro" e que as culturas não são absorvidas mutuamente, ou seja, as relações de alteridade permanecem mesmo com os alunos mais esclarecidos, que vivenciaram essa interação desde o Ensino fundamental, até alunos do Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino no Brasil está longe de atingir os tão sonhados índices de desenvolvimento, pois na teoria tudo se torna fácil, mas na prática, no dia a dia do professor para com o aluno, se percebe o quanto ainda será necessário buscar uma educação de qualidade, uma educação pautada no respeito e na integração de diferentes olhares e vivências.

A Geografia procura entender a relação e a interação do homem com a natureza e que resulta das alterações desse espaço, seja ele fronteiro ou não. A Educação de Fronteira possui lacunas imensas, relações de alteridade entre todos os componentes desse processo. O multiculturalismo presente na área fronteira estudada, não é reconhecido positivamente, não inclui, mas exclui e separa. Faltam políticas públicas que realmente contemplem a educação, com profissionais qualificados com base na Educação de Fronteira, conscientes e conhecedores do meio onde se inserem. Para que essa realidade hostil seja transformada pela interação e respeito às identidades do ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BARROS, Valter Mangini. **Atlas Geográfico**: Mato Grosso do Sul e seus municípios. Ed. Oeste. Campo Grande. 2012. 117 p.

BRASIL. **Documento Fronteiriço**.2001. Decreto nº 6737 de 12/01/2009/PE - Poder Executivo Federal. Disponível em: <<http://www.diariodasleis.com.br/busca/exibelinck.php?numlink=1-96-13-2009-01-12-6737>>. Acesso em 04 de set 2011.

COSTA, Edgar Aparecido da. **Ordenamento territorial em áreas de fronteira**. In. Seminário de estudos fronteiriços. COSTA, E.A; OLIVEIRA, M.A.M. (orgs.). Campo Grande: Editora da UFMS, 2009, p 61-78.

COSTA, Edgar Aparecido da. **Os Bolivianos em Corumbá-MS**: Construção Cultural Multitemporal e Multidimensional da Fronteira. Cadernos de Estudos Culturais. V.4, n.7. 2012. P. 17-33.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. **As Fronteiras da Identidade em Corumbá-MS**: Significados, discursos e Práticas. *Artigo*. In: II Seminário de Estudos Fronteiriços. Edgar Aparecido da Costa ET al (Org.). Editora UFMS, 2010. P. 69-97.

GODOY, Thiago da Silva. **A Multiculturalidade na Escola de Fronteira**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Fronteiriços. UFMS.CPAN. Corumbá. 2016. 114 p.

IBGE. **Atlas Geográfico Escolar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. **Portal Cidades**. *Censo 2017*<www.ibge.gov.br> Acesso em: 24 de julho de 2018.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; tradução Eloá Jacobina, 16ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. 128p.

NUNES, Flaviana G. **Narrativas docentes da/na fronteira: identidade, alteridade e diferença na prática de ensino de Geografia**.In: PORTUGAL, Jussara F; CHAIGAR, Vânia M. Educação Geográfica: memórias, história de vida e narrativas docentes. Salvador: EDUFBA, 2015, p. 139-154.

OLIVEIRA, Érica Santos. COSTA, Edgar Aparecido da. **Arranjo Espacial da Feirinha Boliviana em Arroyo Concepción (BO)**.*Monografia* . Curso de Geografia, Câmpus do Pantanal. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2013. 41 p.

PEREIRA, J. G. **O Patrimônio Ambiental Urbano de Corumbá-MS**: Identidade e Planejamento. *Tese Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 2007.218 p.

PIFFER, Osvaldo. **Geografia, Horizontes Geográficos**. 1ª Ed. São Paulo. Ed. Ibep.1999.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

ROCHFORT, N. M. D. de. **Frontera: Muro divisorio o tejido de relaciones**.*Estudios Fronterizos*, vol.3, n.5, UABC – México, 2002. 42p.

TRABALHANDO A ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Marilu Ribeiro²²

INTRODUÇÃO

No ano de 2019, após passar dois anos trabalhando no Núcleo de Tecnologias Educacionais de Campo Grande – NTECG/MS retornei à sala de aula. Com o encerramento dos trabalhos no Núcleo, solicitei minha remoção para a Escola Estadual Antônio Delfino Pereira e Centro Cultural de Educação Tia Eva. Esta unidade escolar está situada na Comunidade remanescente de quilombo São Benedito - Tia Eva, no município de Campo Grande – MS.

Esta Unidade Escolar organiza seu currículo do Ensino Fundamental em Tempo Integral-Escola da Aatoria, com base na formação humana integral do estudante, por meio da Aatoria (educar pela pesquisa) e do Protagonismo, alinhado ao desenvolvimento intelectual e emocional do estudante, com o intuito de prepará-lo para o convívio em sociedade, desenvolvendo práticas que permitam ao educando obter uma visão clara do cotidiano e do futuro.

A Escola propõe ações que buscam atender às necessidades e aos anseios da comunidade escolar, tendo como meta preparar o aluno para enfrentar os desafios da vida moderna de forma consciente, criativa e autônoma.

Como professora de Ciências dos 3.ºs anos, comecei observar os hábitos dos estudantes: passavam o dia inteiro na unidade escolar, onde são assistidos com quatro refeições: café da manhã, lanche (no horário do recreio), almoço e café da tarde e, nem sempre, todos os estudantes se alimentavam adequadamente. Alguns se recusaram a comer as refeições da Escola por dizer que não gostavam ou por trazer outros alimentos que substituem estas como, por exemplo, salgadinhos de pacote que os estudantes gostam de chamar de SKINNY, bolachas recheadas, iogurtes, leite achocolatado de caixinha, entre outros. Alguns poucos estudantes traziam frutas.

No processo de observação sobre como os estudantes estavam se alimentando, sempre procurava questionar porque estavam consumindo aquele tipo de alimento, na maioria das vezes, não saudáveis, ao invés de consumirem outros mais saudáveis. Os estudantes, de modo geral respondiam que preferiam aqueles alimentos porque eram mais gostosos e que os alimentos oferecidos pela escola, muitas vezes não eram tão gostosos assim. Os alimentos aos quais os estudantes se referem são frutas, legumes, verduras e leite. Ao serem questionados sobre estes alimentos que “não gostam”, o que chama a atenção é que alguns estudantes disseram que nunca experimentaram o referido alimento, porém dizem que não gostam.

²²Escola Estadual Antônio Delfino Pereira. E-mail: marilu.18737@edutec.sed.ms.gov.br

Segundo Proença e Poulain (2007), a alimentação participa da construção e da manutenção das identidades sociais no sentido de que o ser humano come os nutrientes, mas, também, come os sinais e os símbolos daquilo que os alimentos representam. Assim, semelhantemente, os educadores percebem que as crianças deveriam consumir somente os alimentos que lhes são carregados de significados, ou seja, embora fisiologicamente possam comer diferentes substâncias (vegetais, minerais e animais), elas comerão somente aquilo que reconhecem como alimento. Neste caso, reconhecem como alimentos somente aquilo que lhes é oferecido e consumido em casa. Dessa forma, tornou-se necessário desenvolver bons hábitos alimentares nos estudantes, pois, os mesmos apresentam dificuldades para escolher bem sua alimentação.

Mediante a realidade apresentada e as minhas reflexões enquanto professora, houve a necessidade de se abordar o conteúdo Alimentação e Saúde durante todo o ano letivo, desenvolvendo um trabalho dentro da disciplina Ciências pelo qual os estudantes pudessem adquirir um conhecimento maior sobre a importância da alimentação em sua vida. Mesmo este sendo conteúdo apresentado no Referencial Curricular para ser trabalhado no 4º bimestre. Este trabalho tornou-se relevante, pois a disciplina Eletiva I – Sustentabilidade, da qual eu também ministrava aulas nas mesmas turmas, contribuindo, também, para esse conhecimento sobre Alimentação ao longo do ano letivo dentro do estudo dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável – ODS.

Os objetivos deste trabalho são:

- Fazer com que os estudantes percebam que uma boa alimentação é essencial para a saúde, o bom desenvolvimento e crescimento dos indivíduos, contribuindo para melhoria de aspectos físico e mental, desenvolvimento de disposição e energia tornando os indivíduos menos suscetíveis a doenças;
- Fazer com que os estudantes reflitam que a alimentação é um combustível para o corpo e dependendo do que nos alimentamos este combustível pode ser benéfico ou não para nossa saúde;
- Desenvolver o proposto nos objetivos 2 e 3 dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS.): alcançar a segurança alimentar, melhoria da nutrição, assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades.
- Realização do lanche coletivo a fim de discutir com os estudantes a importância do balanceamento dos alimentos e de uma boa alimentação;

METODOLOGIA

A princípio, as conversas “ informais ” sobre a alimentação que aconteciam no período inicial de identificação do problema, acabaram por se tornar questionamentos em sala de aula. Perguntas

como: "Observei vocês hoje na hora do almoço e vi que muitos não comeram a salada ou os legumes, não comeram a sobremesa: frutas. Porque? ", "Observei que vocês trouxeram para o lanche: salgadinhos, toddynho, frituras, bolacha recheada. Porque? ". Como relatado anteriormente, a princípio as respostas eram simples: "Eu não gosto de legumes e verduras" e "Eu gosto de salgadinhos, bolacha recheada; são mais gostosos do que salada. " Desta forma, comecei a indagá-los ainda mais: "Como vocês podem dizer que não gostam de determinados alimentos se nunca provaram? ", "Se você não conhece o sabor, como pode dizer que não gosta? ", "Vocês sabiam que estes alimentos fazem bem à saúde?" A maior parte dos estudantes ficou me olhando, na verdade não sabiam o que responder.

A partir destas aulas iniciais, direcionei o trabalho com este conteúdo aliando a atividades de Língua Portuguesa, realizando vários tipos de atividades que contemplam a proposta do estudante autor de seu próprio conhecimento: trabalhei nas salas, as " Listas de Palavras de A a Z", sobre alimentos consumidos em casa. Nesta atividade, para cada letra poderia-se citar até três alimentos; os estudantes reunidos em grupo iam citando os alimentos que conhecem e que consumiam em suas casas, enquanto isso eu professora ia registrando no quadro. Esta atividade torna-se significativa para a criança a partir do momento em que elas começam a perceber quais os tipos de alimentos que consomem.

Segundo o texto "Alimentação saudável na escola: qual a importância dela para o dia a dia escolar? ", disponível no Blog do Grupo Unis – "Crianças veem os adultos como espelho. Reproduzem tudo o que veem, isso acontece com palavras ditas, formas de agir, no aprendizado da leitura e, obviamente, no aprender a comer. " Dando continuidade ao trabalho, na disciplina de Eletivas I – Sustentabilidade, por meio do estudos dos objetivos 2 e 3 da ODS. Os estudantes assistiram vários vídeos que complementam o conteúdo estudado, dentre eles, podemos citar: "Alimentação saudável na escola: qual a importância dela para o dia a dia escolar? ", " Como acabar com a fome no mundo? ", " 40 centavos por dia para acabar com a fome no mundo", " Medidas rápidas para acabar com a fome no mundo", "Importância da Alimentação saudável para nossa vida".

Para cada um dos vídeos trabalhei atividades nos quais os mesmos elaboravam sozinhos seus materiais: ensinei os estudantes a estarem elaborando suas atividades, como por exemplo, em uma aula elaboraram o Cruzadão, em outra um Caça-Palavras, em outra Cruzadinhas; eu estipulava a quantidade de palavras que deveriam ter cada atividade: começamos com 5 palavras, depois 10 palavras, depois 15 palavras. Ensinei-os a quadricular o caderno, expliquei que as palavras que registrassem fariam parte do banco de palavras a ser utilizado na atividade e dessa forma aos poucos foram construindo seus próprios instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Ao finalizar a atividade, o desafio era que cada um dos estudantes trocasse o caderno com outro colega, pois o mesmo deveria responder a atividade que o outro estudante havia criado.

Dentro do conteúdo "Ser humano e saúde", comecei a trabalhar com os estudantes as fases da vida e como os alimentos podem influenciar no desenvolvimento e crescimento dos indivíduos.

Para esta discussão, utilizei como base os textos “ Fases da vida e a importância da alimentação durante o crescimento”. As discussões destes textos foram sempre finalizadas com atividades impressas relacionadas ao conteúdo, conforme as aulas foram acontecendo nos, nos aprofundamos mais no conteúdo Alimentação e Saúde.

Como era previsto dentro da proposta de trabalho, começamos a trabalhar a Pirâmide Alimentar, a qual após uma apresentação, os estudantes realizaram as atividades práticas, em duplas montando suas próprias pirâmides com os alimentos que consomem, retirando figuras de revistas, analisando elas, verificando se estão tendo uma alimentação saudável ou não.

Nas aulas seguintes, os estudantes aprenderam mais sobre Alimentos Reguladores, Construtores e Energéticos, realizando, assim, a discussão do vídeo “Pirâmide Alimentar-Ensino Fundamental”. Para o fechamento das discussões, os estudantes realizaram, individualmente, as atividades impressas. Os passos seguintes, contaram com a retomada de discussão sobre os Alimentos Reguladores e Construtores, bem como o estudo dos nutrientes dos alimentos, como : Vitaminas Proteínas, Minerais, Carboidratos e Lipídios. Foi interessante observar nas propostas de realização destas atividades, como boa parte dos discursos dos estudantes já haviam mudado; eles começaram a se posicionar sobre o assunto alimentação com maior propriedade, houveram algumas críticas construtivas sobre a alimentação de alguns colegas, algumas crianças relataram mudança de hábitos em casa, dizendo que passaram a família os conhecimentos que adquiriram na Escola.

Por meio deste *feedback* informal das crianças, tive a ideia de realizar como última atividade do ano na disciplina de Ciências um lanche coletivo. No início do mês de novembro de 2019, enviei com autorização da Diretora Dorisley de Jesus um bilhete as famílias, explicando sobre o trabalho realizado sobre Alimentação e Saúde durante o ano letivo e solicitando para que as famílias enviassem para o dia 12 de novembro um alimento ou bebida (à escolha) para que realizássemos um lanche coletivo na sala. As famílias foram muito participativas para realização desta aula, pois me procuraram com antecedência para saber como seria este trabalho, para saber o que poderiam levar para contribuir e, as crianças, como sempre, muito entusiasmadas com a atividade.

A variedade de alimentos e bebidas que os pais enviaram contemplava muito bem minha proposta, pois vieram de pães integrais e salgadinhos fritos, passando por bolachas água e sal e recheadas, o famoso *SKINNY*, iogurtes, sanduíches naturais, bolos. Para beber tínhamos leite integral, refrigerantes, sucos industrializados e naturais. Como sobremesa, docinhos de brigadeiro e beijinho, maçã e mamão. Realizei a apresentação de cada alimento e os estudantes logo diziam o nome, se ele é saudável, se tem nutrientes, se ele é um alimento energético, regulador ou construtor.

Quando apresentei o sanduíche natural com folhas de alface e cenoura, os estudantes comentaram sobre a importância de se alimentar com legumes e verduras; na apresentação das frutas então, falaram inspirados sobre as frutas apresentadas e citando outras frutas, alguns estudantes, citaram a diferença do suco de frutas para o suco industrializado. Enfim, foi um

momento extremamente satisfatório, uma vez que pude observar que os estudantes conseguiram compreender o principal: a alimentação é muito importante para nossa saúde e devemos nos alimentar bem para realizar as nossas ações do dia a dia.

Para finalizarmos todo o trabalho com o conteúdo Alimentação e Saúde, na aula seguinte os estudantes responderam atividades sobre o conteúdo identificando os alimentos saudáveis e os não saudáveis. Relato aqui, também que, concomitante, a todo esse trabalho realizado em sala de aula, durante o ano letivo tive o apoio da Professora Evanise que desenvolveu com os estudantes um trabalho na Horta da Escola e este foi muito importante na conscientização dos estudantes para o consumo de verduras e legumes e, também, da Professora Alene que ministrava a disciplina Estudo Orientado trabalhando a Alimentação Saudável e realizando em uma de suas aulas o preparo de uma salada de frutas com os estudantes.

Ressalto também que haviam estudantes com deficiência em ambas as salas: no 3º ano A tínhamos um estudante com Deficiência Visual – Baixa Visão e uma estudante com Deficiência Intelectual já na sala do 3º ano B, tínhamos uma estudante com deficiência intelectual, todos eles participaram ativamente das aulas, com atividades adaptadas pelas respectivas professoras de apoio. As atividades realizadas em grupo, fizeram com que aumentasse a interação destes com os demais estudantes.

Saliento que durante todo o trabalho realizado foram realizadas Avaliações Escritas e atividades que foram anexadas nos portfólios dos estudantes conforme solicitação da unidade escolar. Estas atividades foram de pesquisas sobre os alimentos, sua importância, receitas saudáveis, Produção Textual sobre o conteúdo trabalhado no dia, Produção de Frases, Interpretação Visual sobre os textos estudados, entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pude observar durante este período de trabalho a importância do tema Alimentação e Saúde para os estudantes e sua discussão dentro da Escola. Oportunizar momentos de debate com os estudantes sobre este conteúdo fez com que eles conseguissem realizar os apontamentos necessários do que estava certo e errado mediante aos seus padrões alimentares e como estavam desperdiçando a oportunidade de uma boa alimentação oferecida dentro da unidade escolar.

As propostas das aulas e temáticas foram surgindo conforme haviam as reuniões para planejamento com a Coordenadora Marinete Terra, conforme meus apontamentos sobre as salas, as aulas e nossas discussões. Creio que para uma próxima oportunidade, vou rever todo este processo com a experiência realizada para poder estruturá-lo em forma de Projeto devido a relevância do tema Alimentação e Saúde no trabalho com os estudantes.

A participação dos estudantes foi efetiva durante todas as aulas, eles costumavam prestar atenção no conteúdo apresentado, nas propostas de atividades e realizavam tudo com muita satisfação. Esses momentos eram como uma festa para todos, pois todos se apressaram em

pegar seus cadernos, trocá-los com os colegas quando solicitado, procurando respostas, comentando com os colegas se a atividade estava fácil ou difícil. Todas as atividades realizadas contemplaram a proposta da escola em trabalhar o estudante protagonista, pois desta forma, eles conseguem desenvolver hipóteses, descobrir caminhos para resolução do proposto a fim de construir seu próprio conhecimento.

De acordo com a proposta do Ministério da Saúde, o Guia Alimentar para população brasileira: promovendo a alimentação saudável apresenta os 10 passos para uma alimentação saudável, onde se recomenda que:

Se faça pelo menos três refeições e dois lanches saudáveis por dia, se inclua diariamente seis porções do grupo de cereais e tubérculos como as batatas e raízes nas refeições, recomenda-se para que se dê preferência aos grãos integrais e aos alimentos na sua forma mais natural, recomenda diariamente pelo menos três porções de legumes e verduras como parte das refeições e três porções ou mais de frutas nas sobremesas e lanches, recomenda para que se coma feijão com arroz todos os dias ou, pelo menos, cinco vezes por semana, recomenda para que se consuma diariamente três porções de leite e derivados e uma porção de carnes, aves, peixes ou ovos, recomenda para que se consuma no máximo, uma porção por dia de óleos vegetais, azeite, manteiga ou margarina, recomenda para que se evite refrigerantes e sucos industrializados, bolos, biscoitos doces e recheados, sobremesas doces e outras guloseimas, recomenda para que se diminua a quantidade de sal na comida e retire o saleiro da mesa, evite consumir alimentos industrializados com muito sal (sódio) e beba pelo menos dois litros (seis a oito copos) de água por dia. (MEC, 2006, p.15-44).

Considerando a proposta apresentada acima e observando os resultados que os estudantes apresentaram, houve sim uma mudança de postura, de forma positiva, na alimentação dos mesmos, principalmente após a realização do lanche coletivo: os estudantes já não traziam mais *SKINNY* para a escola, traziam frutas, chocolate amargo, alimentos assados, sucos naturais. A merendeira me informou que houve um aumento na solicitação dos estudantes dos terceiros anos para guardarem os alimentos na geladeira da cozinha.

Nos horários de almoço, observei também a melhoria na postura das crianças ao que é oferecido nas refeições escolares: estão se alimentando melhor, os legumes e verduras que não provavam agora estão comendo e estão aceitando as frutas oferecidas. Muitos comentam que em suas casas também está sendo servido legumes e verduras e que estão se alimentando destes.

Respeitando as características dos estudantes que são crianças na faixa etária de 08 a 11 anos e sabendo da dificuldade de se evitar o consumo de certos alimentos por conta da idade, recomendei durante todas as aulas que fizessem o possível para evitar os alimentos não saudáveis, mas caso não seja possível, que se consuma pequenas porções do que é desejado, não

repetindo o consumo na refeição seguinte e fazendo uso deste alimento uma a duas vezes na semana. Também pude indicar aos estudantes para que fizessem algumas substituições saudáveis, como por exemplo, substituir a bolachinha recheada por uma água e sal ou integral salgada ou doce, o iogurte de morango por um iogurte natural com cereais, bolos industrializados pelo bolo que a mamãe faz, dentre outras sugestões.

Essas opções de consumo e substituições alimentares fazem parte de um equilíbrio alimentar que contribui para o exercício da alimentação e uma vida saudável. Observei que alguns estudantes aderiram às sugestões e, muito bom, verificar como os mesmos se espelham nos adultos principalmente em nós professores para realizar suas ações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste trabalho, em março de 2019 ao identificar os hábitos alimentares dos estudantes dentro da escola, o meu objetivo era fazer com que os estudantes percebessem que uma boa alimentação é essencial para a saúde, o bom desenvolvimento e crescimento dos indivíduos, contribuindo para melhoria de aspectos físico e mental, desenvolvimento de disposição e energia tornando o indivíduo menos suscetível à doenças.

Creio que o trabalho realizado foi relevante, pois, permitiu a possibilidade dos estudantes refletirem sobre o conteúdo Alimentação e Saúde, por meio do estudo sobre dos alimentos, a importância de uma boa alimentação para a saúde do ser humano e principalmente realizar uma mudança comportamental e alimentar dos estudantes na unidade escolar e em casa.

Quando os mesmos relatam o que está acontecendo em suas casas, que falaram para a família sobre o que aprenderam na escola sobre os alimentos, que estão consumindo determinados alimentos que antes não consumiam em casa, percebo que o objetivo traçado foi bem alcançado.

A Alimentação e a Saúde são conteúdos importantes a serem trabalhados, influenciando muito a vida da criança, principalmente dos nossos educandos que passam o dia na Escola e precisam se alimentar muito bem. Segundo Rogério (2015), em seu artigo Reflexão e ação: aprendizagem e alimentação escolar: "A escola tem um papel fundamental para que de alguma forma esses hábitos se concretizem além de destacar a importância dos pais nesse processo, pois a alimentação da criança também deve ser observada e equilibrada em casa."

O objetivo proposto para as aulas foi concluído e a proposta da Escola Integral de Autoria, no contexto de alimentação saudável também foi cumprida, pois o protagonismo de cada um dos estudantes foi desenvolvido dentro de seus núcleos familiares, através do repasse dos conhecimentos recebidos, desenvolvendo novas práticas em suas casas e trazendo novos hábitos a serem realizados.

REFERÊNCIAS

- CARLETO, E. A. **Projeto Alimentar-se bem** disponível em <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=20687>
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral da Política de Alimentação e Nutrição. **Guia alimentar para população brasileira: promovendo a alimentação saudável**. Brasília (DF): MS; 2006. p.15-44.
- PROENÇA, R. P. C. P., POULAIN, J. **Sociologia da alimentação: um enfoque na compreensão dos comportamentos alimentares**. In: Taddei JAAC, coordenador. Jornadas científicas do Núcleo Interdepartamental de Segurança Alimentar e Nutricional. Barueri: Manole; 2007. p.165-178.
- ROGÉRIO, W. **Reflexão e ação: aprendizagem e alimentação escolar**. Ensino Médio em Diálogo. 2015

VISITA AO MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (MuArq/UFMS)

Elizabeth de Fatima da Silva Mattas²³

INTRODUÇÃO

Este relato trata da visita ao Museu de Arqueologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (MuArq/UFMS), no ano de 2019, com turma única de sexto ano, trinta e quatro estudantes, do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Coração de Maria. Essa visita foi planejada para o dia três de maio, porém ao contatar o Museu informaram que, no primeiro semestre, estava com a agenda fechada. Adiada para o segundo semestre, manteve-se o compromisso dessa atividade extraclasse, porque criar expectativa e a sua não concretização é frustrante.

A finalidade da visita ao MuArq/UFMS conjuga com temas sobre o período da Pré-História, as hipóteses da chegada dos primeiros seres humanos à América, os primeiros habitantes do Brasil e, conseqüentemente, desta extensão territorial em que está Mato Grosso do Sul. Temas esses do componente curricular História com alcance em outros componentes curriculares, como: Língua Portuguesa, Arte e Geografia, também, são campos para estudos a partir da visita ao museu.

Desse modo, conhecer museus contribui para romper com a linearidade histórica, principalmente, nessa faixa etária de estudantes. Alguns objetivos foram: conhecer o acervo arqueológico do MuArq/UFMS e a história da ocupação deste espaço regional pelo ser humano em seus diferentes sistemas culturais; experimentar como é o trabalho do arqueólogo; e, produzir relato dessa experiência. Além disso, os conteúdos atitudinais.

O MuArq/UFMS é um museu com infraestrutura adequada para receber grupos de estudantes, visitantes ou turistas, pois conta com técnicos especializados para guiá-los. “[...] Todo o processo de origem, criação, implantação e consolidação do MuArq/UFMS foi desenvolvido sob a gestão

²³ Escola Estadual Coração de Maria, e-mail: demattas@hotmail.com

do Profº. Drº. Gilson Rodolfo Martins, Chefe de Divisão desse Museu até 11 de outubro de 2013". (MuArq/UFMS, 2020).

O Estatuto dos Museus, instituído pela Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2014, em seu Art. 1º considera museus as instituições.

[...] sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (BRASIL, 2009).

Em relação à funcionalidade dos museus, esta é diversificada e envolve

[...] O museu é o lugar em que sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos iluminam valores essenciais para o ser humano. Espaço fascinante onde se descobre e se aprende, nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. [...] E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma. (PORTAL IBRAM, 2020).

Portanto, a prática de visitar museus não se limita a "ilustrar" algum estudo realizado em sala de aula. Envolve um conceito mais amplo e um conjunto de diferentes conteúdos como: estar em um espaço expositivo, conhecer e adequar-se às suas regras locais, despertar o interesse por novos saberes, interagir com o ambiente e com as pessoas, além de provocar sensações. Os museus têm enorme potencial educativo, pois guardam aspectos culturais passados e presentes da sociedade. Esses espaços oportunizam ao estudante vivências e experiências, proporcionando descobertas sobre o ser humano e suas relações culturais, de trabalho e valores.

De acordo com Rüsen (2007, p. 11), conforme citado por Seabra (2012, p. 27-28), o saber histórico desempenha funções na vida cultural do tempo presente. Portanto, o museu não pode ser considerado apenas um recurso metodológico, mas deve tornar-se parte do aprendizado histórico como fonte, tema de pesquisa e produção de conhecimentos históricos e educacionais.

Se, algo que foi aprendido em um determinado momento e lugar deve se tornar parte de nossos hábitos, então precisa ser transferido de um lugar para outro, de uma tarefa para outra, de uma atividade para outra, e isso não pode ficar restrito à escola ou a sala de aula. A aprendizagem dos alunos precisa se estender pelas salas de aula e laboratórios, ambientes virtuais e naturais, locais de trabalho e locais de atividades da comunidade e os museus são

locais voltados à divulgação e educação científica, bem como promotores de momentos de lazer, ludicidade e observação. (LEMKE, 2006; LOURENÇO, 2017).

Para Vygotsky, conforme as anotações Ivic (2010, p.33-34), a contribuição do contexto social da aprendizagem é construtiva, pois além da interação social há também uma interação com os produtos da cultura. Também considera que

[...] a educação deve ser orientada mais para a zona proximal, na qual a criança faz experiências de seus encontros com a cultura, apoiada por um adulto – primeiramente, no papel de parceiro das construções comuns, e depois, como organizador da aprendizagem -, a educação escolar poderia ser um meio poderoso de reforço do desenvolvimento natural, ou como uma fonte relativamente independente. (IVIC, 2010, p. 33-34).

Para Feuerstein (2014, p. 210), o ambiente escolar, o currículo e seu funcionamento são baseados em boas intenções, mas favorecem o conformismo do estudante em termos de aprendizagem, quando não há desafios. Atividades desafiadoras, ajudam a desenvolver novas habilidades a fim de alcançar outros níveis de desenvolvimento cognitivo e, conseqüentemente, conhecimento.

METODOLOGIA

A transferência da visita ao MuArq/UFMS para o segundo semestre não interferiu na rotina e na sequência dos trabalhos planejados, pois no primeiro semestre estudamos a Pré-História em seu sentido mais amplo, a importância das Ciências Auxiliares à História, as hipóteses da chegada dos primeiros humanos à América, a diferença entre a periodização da História da América com a da História Geral. Retomamos, a partir da segunda quinzena de julho/2019, o estudo sobre a Pré-história do Brasil e a Pré-História de Mato Grosso do Sul. As aulas ficaram distribuídas conforme dispostas no Quadro 1.

Data	Aula
16 julho	Tour Virtual pelo MuArq/UFMS
19 julho	Pré-História no Brasil.
23 julho	Pré-História no Brasil.
26 julho	Civilizações da América: povos pré-colombianos
08 agosto	Debate
15 agosto	Atividade Escrita.
29 agosto	Vídeo: Pré-História de Mato Grosso do Sul.
03 setembro	Conclusão do vídeo.
10 setembro	Texto sobre a Pré-História de Mato Grosso do Sul.
29 setembro	Visita ao MuArq.

Fonte: SGDE/Planejamento *on-line* e Caderno da Professora. 2019.
Organizado por: MATTAS, E.F.S., 2020.

A preparação para a visita orientada ao MuArq/UFMS teve início em sala de aula, após o retorno de férias, em momentos que os estudantes fizeram um *tour* virtual pelo MuArq/UFMS e assistiram vídeo sobre a Pré-História de Mato Grosso do Sul, do Prof^o. Dr^o. Gilson Martins, para fazerem anotações no caderno de algumas explicações que considerassem interessante ou que tenham chamado a atenção. Assistir o vídeo aconteceu em duas etapas: a primeira parte em 29 de agosto e a segunda parte em 03 de setembro.

A seguir, estudaram a Pré-História no Brasil, as civilizações pré-colombianas e a periodização da Pré-História da América. Com base nesses temas foi preparado o debate, se assim podemos defini-lo. Como docente organizei um conjunto de perguntas sobre os temas estudados. A turma foi dividida em dois grandes grupos. No dia combinado, por sorteio das perguntas e de quem a responderia, a atividade foi realizada. Sabemos que essa técnica de estudo só é eficaz se houver preparação e estudo de todos os participantes. E, como a prática em sala de aula evidenciou ao longo dos anos, apenas um pequeno grupo de estudantes se preparou.

Sabendo disso, ao final da atividade cada participante recebeu uma cópia com todas as perguntas e respostas (total de 25) e foi agendada para a próxima aula de História, uma atividade avaliativa com questões de múltipla escolha. A elaboração dessa atividade escrita consistiu em transformar as perguntas e as respostas que os estudantes receberam em questões de múltipla escolha, na qual cada questão possuía apenas uma alternativa correta, totalizando dezoito questões.

Concluída a etapa anterior, os estudantes receberam texto impresso, elaborado por mim, com base no vídeo do Prof^o.Dr^o.Gilson Martins, sobre a Pré-História de Mato Grosso do Sul. Esse material escrito foi colado no caderno e realizada leitura compartilhada com explicações complementares e esclarecimentos de dúvidas. Entre os dias 10 e 29 de setembro - data da visita -, outros temas foram estudados.

Finalmente, o grande momento chegou! Sim, para os estudantes é um momento muito esperado. Alguns externaram que não conseguiram dormir. Mas, para uma atividade como essa os preparativos começam muito antes. Inicia com o agendamento da visita, locação do transporte, reorganização do horário de aula dos outros professores, bilhetes aos pais ou responsáveis solicitando autorização por escrito, orientações gerais sobre o que levar e o que farão após o retorno. No caso dessa turma, foi solicitado que levasse celular ou câmera fotográfica para registrar o que mais chamou a atenção durante a visita e, não esquecendo do lanche. E, assim, foi feito.

Durante a visita guiada pelo monitor do MuArq/UFMS, os estudantes assistiram ao vídeo "Brincando com o passado", no auditório (Foto 1). Depois, foram direcionados à Exposição de Longa Duração, onde estão peças arqueológicas e ilustrações (Foto 2). Participaram de atividades lúdicas ao brincarem de arqueólogos, escavando uma réplica de sítio arqueológico e

ao jogarem em um tabuleiro tamanho real cuja finalidade é a Educação Patrimonial (Fotos 3 e 4).

Foto 1



Foto 3



Foto 2



Foto 4



RESULTADOS E DISCUSSÕES

O resultado dessa atividade extracurricular foi a produção escrita, de momentos significativos, ilustrada com foto(s). Fotos tiradas por eles.

Para Seabra (2012, p.35) “[...] As fotografias apontam que os visitantes produzem sentidos para a cultura a partir das visitas”. E mais

[...] As fotografias permitem configurar um espaço da vivência (ou evento) nas quais estão circunscritas as atividades que foram objeto do interesse dos visitantes e foram estruturadas tendo como referência a ideia de performance, movimento e foco não apenas presentes nos museus, mas escolhidos e recortados pelos visitantes. As fotografias apresentam desde a entrada no museu (desejo, expectativas de presença), com o nascimento da própria presença; o durante, o percurso interno e as reações às condições específicas da

cultura museal contemporânea, predominantemente uma cultura de sentido; e a saída dos museus, a ausência, o desaparecer da presença e o surgimento dos efeitos de presença que podem ser vividos já na ausência. (SEABRA, 2012, p. 38-39).

Todos os estudantes fizeram a devolutiva do trabalho solicitado, alguns individualmente e outros em dupla. Desses, dezoito foram enviados para o e-mail da professora e utilizaram os aplicativos Word ou PowerPoint e os demais em folhas avulsas. Este último grupo contou com a colaboração de alguns colegas na cedência de fotos ou os pais imprimiram imagens do site do museu. Os assuntos que mais apareceram nos trabalhos foram: arte rupestre, artefatos para caça, cerâmicas e as urnas funerárias. Alguns trabalhos foram bastante pontuais enquanto outros foram descritivos, mas todos ilustrados. Vejamos o relato da estudante Gabriela:

[...] estávamos simbolizando uma escavação, foi divertido e eu aprendi como eram feitas as escavações, pois eles não podem colocar uma pá com força, tem que ir de pouquinho, com pás no início (sic), espátulas, pincéis e pazinha no final, os arqueólogos nunca escavam um buraco profundo, eles sempre fazem como se fosse uma escadinha, tirando camadas de terra, porque eles não sabem o que tem embaixo e assim não estragam peças encontradas. (Gabriela, 2019).

Outra estudante relata:

A imagem acima também me chamou atenção pois além de serem estranhamente bonitas levando em conta que são pedras, elas apresentam uma explicação curiosa, pois cada uma delas apresentava uma finalidade diferente, por exemplo, umas menores serviam para furar o lábio para colocar uma espécie de piercing (sic) em um rito de passagem para a vida adulta, já algumas maiores poderiam ser utilizadas para afiar armas e lanças (arqueólogos deduzem a partir de riscos com profundidade mediana estampados na pedra), já a maior, se repararmos, há um pequeno buraco, isso nos traz suspeitas de que era utilizada para quebrar coquinhos. Isto entre diversas outras finalidades possíveis para cada uma delas. (Julia, 2019).

Pelos relatos se percebe que a visita ao MuArq/UFMS foi bastante proveitosa. Os estudantes foram, aos poucos, envolvidos para a atividade, em função da preparação anterior. Como bônus conheceram algumas obras do artista plástico sul-mato-grossense Jonir Figueiredo e a exposição permanente de peças artesanais em madeira e argila na entrada do prédio da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. Sobre a exposição do artista plástico, alguns estudantes mencionaram em seus relatos, inserindo fotos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em 2019, estudávamos a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) em que o enfoque à educação integral das crianças, dos adolescentes e jovens preconiza que o indivíduo deve ser considerado em todas as suas dimensões e que não se limita à ampliação dos espaços e do tempo de aprendizagem, pois “[...] a integralidade da educação não está intrinsecamente relacionada ao tempo que se passa na instituição escolar, e sim à proposta educacional refletida no currículo [...]” (SED, 2018, p.49). A integralidade da educação oportuniza ao estudante “[...] o direito de vivenciar práticas educativas diversificadas a partir da interação com múltiplas linguagens, recurso, espaços, saberes e agentes [...]” (SED, 2018, p. 49-50).

Embora, este trabalho tenha sido pensado e executado no ano anterior à implementação definitiva da BNCC, sempre buscamos diversificar a prática em sala de aula, mesmo com as dificuldades logísticas que muitas vezes querem sobrepor à vontade de fazer. Portanto, a visita ao MuArq/UFMS, especificamente, pode ser inserida no tema contemporâneo “Cultura sul-mato-grossense e diversidade cultural”, bem como em “O estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena” porque na sua universalidade poderão ser trabalhadas as singularidades. O MuArq/UFMS guarda as singularidades de nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm Acesso em: 10 set. 2020.
- COELHO, Edgar Pereira. Lev Semionovich Vygotsky. Trad. José Eustáquio Romão. Copyright ©2010. MEC: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. E-book. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4685.pdf> Acesso em: 10 set. 2020.
- FEUERSTEIN, Reuven; FEUERSTEIN, Rafael S.; FALIK, Louis H. Além da inteligência: aprendizagem mediada e a capacidade de mudança do cérebro. Trad. Aline Kaehler. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, IBRAM. Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/museus-do-brasil/> Acesso em: 10 set. 2020.
- IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky. COELHO, Edgar Pereira (Org.). Trad. José Eustáquio Romão. Coleção Educadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.
- LEMKE, Jay L. Investigar para el futuro de la educación científica: nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir. Enseñanza de las ciencias: revista de investigación y experiencias didácticas, 2006, v. 24, nº. 1, pp. 5-12, Disponível em: <https://www.raco.cat/index.php/Ensenanza/article/view/73528> Acesso em: 10 set. 2020.
- LOURENÇO, Márcia Fernandes. Materiais educativos em museus e sua contribuição para a alfabetização científica. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30012018-143242/publico/MARCIA_FERNANDES_LOURENCO.pdf Acesso em: 10 set. 2020.
- MATO GROSSO DO SUL. DAHER, Hélio; FRANÇA, Kálicia de Brito; CABRAL, Manuelina Martins da Silva Arantes (Orgs.) Currículo de referência de Mato Grosso do Sul: educação infantil e ensino fundamental. Campo Grande: SED, 2019. Disponível em: <http://www.sed.ms.gov.br/wp-content/uploads/2019/07/Curr%C3%ADculo-MS-V26.pdf> Acesso em: 28 fev. 2020.
- MUSEU DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, MuArq/UFMS. Portal MuArq/UFMS. Disponível em: <https://muarq.ufms.br/> Acesso em: 10 set. 2020.
- RÜSEN, Jörn. História viva: teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UNB, 2007.
- SEABRA, Elizabeth Aparecida Duque. Visitas de estudantes a museus: formação histórica, patrimônio e memória. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas: São Paulo, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/250961> Acesso em: 10 set. 2020.

CONHECENDO OS ORGANIZADORES

MARCOS VINICIUS CAMPELO JUNIOR

Pós-doutorando pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Doutorado (2021) e mestrado (2015) em Ensino de Ciências pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; e graduação (2007) em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás; Gestor da coordenadoria de Políticas para o Ensino Fundamental da Secretaria de Estado de Educação de MS; Presidente da Comissão Estadual de Educação Ambiental de MS; Coordenador da Comissão Interinstitucional de Educação Ambiental (CIEA/MS).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5608728963095314>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6501-644X>

LUCIMARA NASCIMENTO DA SILVA

Graduada em História pela Universidade Católica Dom Bosco (2010); Especialista em Educação Integral e Coordenação Pedagógica (2020); e, mestrado em Desenvolvimento Local (2013). Atualmente, é técnica de História da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul - Coordenadoria de Políticas para o Ensino Fundamental (COPEF).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7555831409634312>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2352-5355>

VERA DE MATTOS MACHADO

Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (USU-RJ) (1984), Mestrado em Educação (2004) e Doutorado em Educação (2011) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente efetiva da UFMS, nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Pós-graduação Mestrado Profissional em Ensino de Ciências - PPEC/INFI e Pós-graduação Doutorado Acadêmico em Ensino de Ciências - PPEC/INFI. Atua como pesquisadora nas linhas de Formação de Professores de Ciências e Biologia, Didática das Ciências e no Ensino de Ciências e Biologia. Coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores e Ensino de Ciências - GEPFOPEC/UFMS/CNPq. Desenvolve projeto de pesquisa sobre formação de professores de Ciências da Natureza, com fomento pela FUNDECT/MS. Diretora da Regional 1 (MS/MT/SP) da Associação Brasileira de Ensino de Biologia - Sbenbio - para o período de 2017 a 2019.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7564217549396620>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5595-400X>

SUZETE ROSANA DE CASTRO WIZIACK

Graduada em Ciências Biológicas - Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso com Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e Doutorado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco. É professora dos cursos de Licenciatura em Biologia do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Atua como professora/pesquisadora no Curso de Mestrado em Ensino de Ciências, nas linhas de pesquisa em Ensino de Ciências e Educação Ambiental. Atua nas áreas e temas: Ensino de Biologia, Educação Ambiental, Currículo e Formação de Professores. Coordena os cursos de Mestrado e Doutorado em Ensino de Ciências, sendo gestora do Convênio com a Universidade de Matanzas. Coordena o subprojeto de biologia (INBIO) da Residência Pedagógica da UFMS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9661553680785951>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2269-603X>

CIÊNCIAS HUMANAS

CONSTRUINDO SABERES

NO ENSINO FUNDAMENTAL



GOVERNO
DO ESTADO
Mato Grosso
do Sul

SED

Secretaria de Estado
de Educação

ISBN: 978-65-88366-03-5

CBL



9 786588 366035